

Se Um Homem

Bastasse

Victor Mota

Depois das Oito

Às oito irei para a cama. Não, isto não é um registo biográfico, um guião clínico para disciplinar o meu comportamento e sentimento. A minha psique. Surgiu uma oportunidade de trabalho num hospital. Há algum tempo, para não dizer muito, uns seis ou sete anos, que não entro num hospital. A última vez foi para ver o meu amigo Tancredo, moribundo. O registo do “ele” enquanto personagem não me sai da cabeça, vou reunindo dois ou três factos envolvidos em folha de palmeira, a fim de exemplificar qualquer coisa, sim, poderia escrever poesia, no início era bastante bom nisso. Mas não, prefiro outra forma de oração, uma confissão mais ou menos laudatória de mim mesmo, deixando que os “outros” personagens trespassem a minha imagem no espelho a meia-luz. Sim, esse eterno dilema entre a carne e o espírito, pouco conseguiram fazer a síntese. Talvez sejam esses os verdadeiros santos. No sexo, a produção - de seres humanos- (termos marxista que sempre odeei), comumente chamada, na ciência social, de reprodução, também, no âmbito da reprodução social. Temos, portanto, a reprodução social e a reprodução sexual. Depois, a reprodução simbólica que faz do homem um **animal simbolicus**. Depois, a *jouissance*, ou seja, fazer sexo sem ter em conta o que se seguirá depois. Qual dos dois dá mais prazer? Não é ver o resultado dessa

inserção de vida crescer, como se fosse um orgasmo do tamanho de uma montanha? Pode não ter nada a ver, mas parece-me que a OCD pode ser entendida como uma teoria filosófica, um sistema de pensamento, que postula a antiga teoria da tabula rasa, ou seja, a mente do sujeito vai como que sendo limpa de impurezas que afloram ao consciente por meio de um rolo compressor, uma máquina mental de limpar os maus pensamentos e que visa criar lucidez momentaneamente, repetidas vezes ao longo do dia. Um dia, lá mais para diante, desenvolverei esta teoria. Posso pensar, de um momento para o outro, que nunca deixarei de ser bom, que alinharei sempre pelo Bem, mas nada me garante que consiga, ainda que tente. Por outro lado, a maioria dos escritores alinha pelo profano, mas talvez eu não seja um escritor no sentido convencional do termo... O cigarro arde, faz imenso barulho dentro do meu cérebro, queima que queima, eu revigoro-me e ganho lucidez, ponho umas pingas de colírio nas vistas. Espaços de sociabilidade mínima, como lhe gosto de chamar, devido a, justificando-me, falta de orçamento e talvez uma crise existencial. Olho para os homens, os homens que conheço, a grande parte deles, e vejo uma tentação de esperar um resultado por tudo o que fazem, como que provocando a realidade. A filosofia chama a isto utilitarismo, a antropologia acha-o perfeitamente “natural”, como o acha qualquer americano, digamos assim. Mas, nós europeus, pelo menos a maior parte de nós, não espera um resultado óbvio,

obrigatório, dos nossos actos, bem como no contexto da arte, nem todos os “artefactos” têm utilidade “económica” (não são economicamente viáveis), quando muito têm uma “utilidade” estática, contemplativa. O propósito, então, da acção humana, dirige-se para onde? Bebo um pouco de Reguengos. Sei que não posso beber, mas não quero tomar Quietiapina porque as fulgurações do coração no peito e as alucinações prostram-me à beira da cama. De modo que o cigarro e um pouco de álcool são o lenitivo para o sofrimento que causa a gerência da imagem social. Fará se tivesse um contexto de trabalho real... Muitos filósofos são tão tontos que apenas filosofam com a garantia de um salário de professor, imersam-se nas teorias e nos autores e não conseguem sair disso e perceber uma fímbria da realidade. Simplesmente, não conseguem ser banais, normais, perceber a riqueza e conforto do senso-comum, para além da sua infinidade, no sentido de eternidade do Mundo. Muitos sociólogos são assim também. Sim, sinto-me frustrado por não conseguir um lugar de professor que sustente as minhas especulações, seja em que sentido for. Ainda assim, faço alguma filosofia. Não digo que é a melhor, mas reconheço que cheguei a um sistema de pensamento próprio, que é ao mesmo tempo uma forma de ler e viver a sociedade. Talvez deva ir além, ver o que está além da sociedade com uma certa forma de metafísica ... De resto, de que serve não vivermos devidamente a vida a pretexto da finitude? A vida e mesmo a

morte encerram-se na ideia de que já adiantei de “ eternidade do Mundo ” e que reside na vida social a felicidade, sim a chatice, a crendice, a crítica, mas também a felicidade, como uma cerveja à pressão.

Colírio

O novo vizinho aparece-me à janela até às oito da noite, depende se estou para lá virado. Hoje, esperei que aparecesse para eu poder sair à rua. São quase quatro da tarde e as cortinas ainda estão cerradas. Corria o caso do Sporting, de uma agressão de um grupo de adeptos a vários jogadores, é nisto que a liberdade dá, podia dizer alguém, ou o presidente não presta, diria outro. Filosofias? Antropologias? Sociologias? Estão mais bem nas faculdades e escolas diversas do que engajadas no mundo real. É assim que elas estão. Depois, percebi: o tipo é do Sporting, o miúdo é do Sporting. Eu entendo tudo isto, é normal que se sintam revoltados porque essencialmente no futebol, o clube não ganha. Eu também me sinto revoltado porque não tenho o emprego que mereço e ainda assim lá vou indo, mantendo as minhas expectativas relativamente bem acesas. Há algo de heróico nisto tudo. Eu tentava perceber o mundo ao meu redor pela televisão, por diversos meios, deles obtinha dados para a minha reflexão, mas ainda assim sentia-me só, talvez fosse o preço a pagar pela sabedoria, por ser diferente de todos os outros. No final da tarde, não me sentia revoltado por

ter sido discriminado em muitas oportunidades aqui em Lisboa, como se fosse um trapo abandonado na berma da estrada, mas estava cada vez mais disposto a lutar pelo que tinha, uma instância de pensamento e sentimento em Riachos, outra em Lisboa e com a janela aberta para a América. Nada me preocupava mais essencialmente. Depois, quando estava mesmo em baixo, aturdido por imagens psicadélicas, percebi uma coisa, como se o meu sistema de pensamento batesse certo em todos os pontos. A culpa católica fazia absolutamente sentido, aliás, toda a fé católica faz sentido para mim, sempre o fez, *au-delà* de um secularismo artístico e intelectual que quer secar a fé no indivíduo enquanto relacionado com o meio e o transcendente. Mesmo a homossexualidade, as perversões, as imagens de sexos esventrados, abertos, numa pletora de imagens íntimas em catadupa, era para mim qualquer coisa não de moral (o Outro) nem de obsceno (as coisas em si, projectadas para os olhos da mente), mas de “medical”, ou seja, não era imoral, mas amoral. Estaria eu transformando-me numa espécie de animal pensante ora secular ora crente? Sim, precisava de aumentar o sentido de mim mesmo e nessa ordem projectar para fora tudo o que estava cá dentro, escondido atrás de um móvel na minha mente. Então, nesse sentido, o sexo, o porno, eram qualquer coisa de muito moral para mim, porque eu dava valor, não chamo a isso taradice mas afectação por alguma coisa que tem valor, precisamente, o sexo, diria um hindu

Resgatado

Acendi a tv. Deixei estar no VH1. Pela casa, rondava uma paz sacral, quase sepulcral. Isso fazia-me bem. Eu não tinha medo da morte, mas fugia dela a sete pés. Certamente, a morte vem do conhecimento: das coisas, das pessoas, do universo. Só a ignorância nos preserva, o conhecimento cega. A vida, parece-me, é essencialmente feita de escolhas, eu escolhi ser escritor porque entendo que o facto de o ser me dá paz de espírito, no fim do processo, por mais turbulência que haja pelo caminho. Não cheguei bem a ser um antropólogo no sentido pleno de que não fiz phd, mas estive lá perto. Ser filósofo é mais desafiante, perigoso e tolo, por isso fujo desses estados de espíritos. Mas sou tudo isso, ando de um lado para o outro, como no meu corredor. Depois, acho que a natureza humana tem qualquer coisa de intrigante, sempre, de desafiante, qualquer coisa que quanto mais se revela mais se nos escapa. Essencialmente, a tarefa do escritor é ser honesto com o mundo e consigo mesmo. Poucos têm o arcaboijo moral para o conseguir, muitos ficam fora das luzes da ribalta por o seres, pois a escrita é como a vida, ínvia, cheia de merdas de gente que não sabe estar no seu lugar, gente doida, chanfrada e com manias psicóticas de dominar este mundo. Sobre o outro não sei. Ao fim e ao cabo, Lisboa

terá evoluído bastante ao ponto de eu andar à nora por causa de um emprego. O que há e o que não há. Não creio que estou ficando velho nem que precise da catarse que a literatura oferece, escolhi escrever porque gosto de fazer sentido, faria muito mais filosofia e antropologia se tivesse condições para tal e enquadramento legal e institucional. De modo que me demito de fazer tudo por todos. Só que para meus pais fiz pouco, melhor, eles sabem o que fiz, o que não fiz e compreendem-me, muito melhor do que esta gente, que não julgo como um todo, meus alvos são selectivos, daí o sentido da minha revolta, que nem sequer vem lá do fundo de mim mesmo. De modo que gosto de mim e sou feliz, convivo com isso, tenho imensos projectos, imensas coisas a fazer, tenho, tal como Sou.

Quase Nada

Anterior a mim mesmo está um mundo que ora se vê ora não se vê. Por vezes projecto esse mundo no Mundo, por vezes fico vivendo nele, esperando que a arte, sob a forma de pintura ou música, me entretenha o espírito, quando a bonomia de ter descoberto quase tudo me invade sob a forma de perda de interesse sobre o mundo em que projecto a minha subjectividade ainda que disfarçada de objectividade. Lutava então contra uma doença silenciosa mas que siliçava no meu espírito a todo o momento, descrevê-la, esmiuçar, iria dar vários livros, enquanto havia deixado Riachos e todos os seus sentimentos. A cidade exercia sobre mim um efeito estranhamente agradável, sentia-me acompanhado na multidão, no metro, fosse onde fosse. Por vezes encostava-me no sofá vendo televisão, satisfeito pelo nada-fazer devido a ter, num ano e alguns meses, escrito cinco obras. Sim, havia trabalhado, para quem dá valor ao trabalho intelectual. Os outros, deixam-se estar, vão levando a vida como podem ou sabem, mas eu havia deixado um rastro considerável depois de mim, acrescentado àquele que deixamos no coração daqueles com quem vivemos, com quem convivemos. Assim, este poderia ser um escrito sobre nada, sobre o Nada, a forma e as formas do nada onde habita um personagem sempre acompanhado da

multidão mas um tanto ou quanto só. E eu próprio, não sendo um literato extremamente dotado, não sendo um filósofo de grande projecção, propriamente dito, não sendo um antropólogo por finalidade, em termos académicos, de certo modo havia combinado as diversas coisas a fim de gerar uma certa forma de pensamento, um sistema perfeito, se é que há sistemas perfeitos, de pensamento, de acção, de relacionamento, político, até e dava para continuar esta actividade que me preenchia o espírito e os dias, para além dos bem-vindos sonhos. Peremptoriamente. E havia descoberto uma forma de continuar esta escrita, este lavar, esta algo estranha forma de vida. Tinha chegado no dia anterior a casa, à cidade que agora me sorria mais um pouco, continuava a dar a minha volta pensando em termos filosóficos, vários chineses aproximavam-se do meu redor, talvez porque de certo modo, em termos de memórias de infância, havia convivido com eles, bem como os negros, procurava lembrar-me de quando havia comprado o último maço de tabaco, è medida que acariciava um pacote ainda por abrir de Rothmans azul ... naquele fim de tarde eu procurava uma reconciliação com a cidade de diversos tumultos mentais, ao mesmo tempo que comigo mesmo, talvez sem o saber seria isso que procurava, uma oportunidade para trabalhar, para amar, para viver em pleno ... Como sempre que estava hesitante entre ficar em Lisboa e ir para Riachos, peguei no pc e pu-lo dentro da mala, para a questão de ter de ir mesmo e para ter a ajuda

do computador lá por cima. Não sabia se Sam havia posto algum dinheiro na conta, espantava-me como tinha vivido tanto tempo com tão pouco dinheiro e a sua ajuda. A cidade era impessoal, ninguém se dirigia a mim mas todos olhava, na rua, no metro e eu comecei a formular um certo sentimento de revolta para poder ir...

Quase Tudo

Depois de vários dias pensando no amplexo com Poulain, regressei a mim mesmo e às minhas histórias mais ou menos subjectivamente rocambolescas. Não tinha nada para dizer, no entanto dizia uma coisa ou outra a este e aquele. De uma maneira ou de outra, a escrita era o meu refúgio, não que a vida me desiludisse, mas tinha muito para fazer em Lisboa, ou nada, talvez estivesse acabado por atacado e continuasse a andar com as causas do Diabo às costas, sentia muito a falta de uma mulher, tanto que nem queria pensar nisso e Poulain insistia em estar mergulhada no espaço dos pais para garantir uma herança, talvez estivesse eu mesmo como ela, a mamar de uma grande teta. Podia não ter carro nem grandes meios financeiros, mas tinha uma infinidade de outras coisas que me mantinham feliz, um irmão, um grande amigo, dois três mais, uma família que torcia por mim, exigente como era, os pais ainda vivos, montões de amigos online e no real. Haveria de chegar o dia em que me pagassem para escrever e eu aí sacudiria a água do capote. Nesses dias, eu andava com a teoria na cabeça de que o mundo não existia, de que havia somente direccionando as nossas acções a nossa subjectividade e a objectividade face aos outro. Não, o

mundo existia e tinha tanto de mau como de bom, de azul e preto, de amarelo e rosa, isso se recusavam muitos a admitir e viviam numa ilusão até que a morte os encontrava, talvez por pensarem que o mundo, este mundo intenso e imenso era uma grande ilusão, um rol de ilusões sucessivas e sucedâneas. Entre viver para contá-la e viver por viver, entre viver para escrever, assim se desenrolava a nossa vida, tal como uma rifa da quermesse. Ao mesmo tempo, conhecia a agressividade irracional da minha mãe para comigo, a indiferença do meu pai, uma total falta de sensibilidade face à minha presença e a ironia que despreza por parte da minha irmã. Eu tentava ser positivo em tudo isto, mas parecia ser de outro planeta. Concluí, então, que a maior parte daqueles que me rodeavam, fossem em Riachos fosse em Lisboa, estavam efectivamente loucos, entre bondosos e maldosos, sendo que me havia sido bastante útil o usufruto da psiquiatria para perceber isso e entrava absolutamente no campo da filosofia, uma coisa entre o real tremendamente assustador e o surreal que faz desprezar a própria vida. Pensei que todos (ou quase todos) me insultavam porque tinha feito a tese, por ter pensado e escrito certas coisas. Talvez fosse essa a maior sina do escritor, andar de um lado para o outro em busca de reconhecimento e nunca o conseguir. Esta é, portanto, a história de um cientista social que se tornou actor, que decidiu entrar em cena, com todos os riscos que isso importa, bem como as virtualidades inerentes

a esse papel. Porque, ao fim e ao cabo, tudo vai dar ao cinema e interrogo-me porque o teatro americano não é conhecido na Europa. Assim, cheguei a Riachos e fiquei logo entristecido, especialmente lembrando-me que, em Lisboa, na rua tinha realização, mas à noite sentia-me só. Não conseguia deixar de pensar na mulher que se seguiria na minha vida, tendo quase definitivamente esquecido Poulain, que há cinco dias não dizia nada. Assim, tomei o comboio para Riachos e parei exactamente em Palumbar, tendo ligado a Manu para me ir buscar, onde iríamos à loja de vinhos de Tiago e dali fomos precisamente ao mais antigo café de Riachos, o Jardim, onde bebemos a última cerveja. Revelou-se-me um grande amigo, Manu, mais velho e experiente do que eu, até me disse para pôr no cesto das compras umas cervejas para beber quando fosse lá acima a casa dele. Candidatara-se a um emprego em Moçambique e eu disse-lhe para ficar por cá. Convidou-me para ir a Angola e eu disse-lhe que ficava por aqui. Jantei com os meus pais, o fio da vida, da minha vida, continuava a soprar, a desfiar e eu empoleirava-me nele como um pequeno miúdo na sua bicicleta. Comera um peixinho com arroz de favas e fiz um café. Andara, ao contrário do costume, mais de duas semanas com as mesmas calças, tomava agora um banho por semana, tinha bastantes obsessões e até alucinações, mas conseguira pouco a pouco vencê-las a todas. Sentia, por isso e por mais um punhado de razões, sentir um certo grau de felicidade. Chegara à tarde com Manu e dali a

pouco chegavam também os meus pais com a pequenita, o meu pai tecera logo comentários como "não se aguenta por lá muito tempo", eu fiquei ofendido e silencieei-me por meia hora, mas dali a pouco, para além do meu cansaço, tudo voltou ao normal. A pequenita disse que a sua professora me havia visto na trilha de passagem para o centro comercial. Estranho... não me lembro de ver por lá crianças, mas tudo bem, acho que devo aproveitar o meu tempo o melhor que posso em vez de gerar suspeição por tudo e todos. Em Palumbar, passei pela biblioteca e trouxe três interessantes livros de Filosofia. Há dois dias morreu Júlio Pomar, bem como o criador do Serviço Nacional de Saúde, não me lembro o nome, também ainda o romancista Philippe Roth. As turras com o meu cunhado pareciam não ter fim, eu dava na maior parte do tempo o braço a torcer enquanto ele me dava para trás, a minha irmã ainda por cima dizia que eu lhe queria mal, mas era certo, a minha irmã já não era o que fora desde que conhecera um actor da nossa praça que, aliás, estivera junto da minha anterior casa a estudar-me para um papel numa telenovela, mas nem sequer directamente comigo havia falado. Não havia consciência do trabalho, eu não trabalhava, oficialmente, mas prestara contas enormes e queria ainda prestar mais, como a tese por exemplo, só não o fazia por uma questão de dinheiro. Ao mesmo tempo, eu suspeitava que estava sendo, desde há algum tempo, objecto de feitiçaria, ou seja, magia negra ou até mesmo branca, ou seja, bruxedo.

Dava pouca importância ao tema e procurava viver a vida de todos os dias porque além do mais havia outras forças bem mais poderosas atravessando a minha vida. Estava, então, retiro mais uns dias em Riachos, até que regressasse de novo a Lisboa, a mãe mostrava-se antipática em quase todos os momentos e eu com dificuldade encontrava o seu bom registo. Abri uma garrafa para ter enquanto me entretinha com os livros, tendo do outro lado a internet ligada para poder ir ao facebook e pouco mais. Claro que gostaria, mais logo, de estar nos braços de uma mulher, mas isso parecia-me quase impossível, ao mesmo tempo que tentava vencer esse impossível e notar para mim mesmo que poderia ter uma mulher de novo nos braços. Ao mesmo tempo que procurava emprego, ele fugia-me debaixo das mãos, de mim, mas eu continuava bem disposto, com a alma coalhada e o espírito colado a uma experiência de mim mesmo. Eu preparava-me para dormir um pouco depois do almoço substancial. Os pensamentos negativos passavam, desfilavam, pela minha mente e eu aceitava isso tudo com gratidão, sem a adoração a um Deus particular ou excessivamente aos homens, sabia que a minha mãe o meu pai tinham também tal tipo de pensamentos, bem como os meus irmãos e muita gente por esse mundo fora. Afinal, a vida é uma troca, uma época de dar e receber e eu estava na condição de receber continuando a dar. No fundo, eu procurava dar sentido a uma vida que ficara vazia devido a certas coisas em falta e nisso era bastante bom, ainda que

não desse a minha vida por vã, continuava a ser algo de bastante preenchido. Nessa tarde chovia copiosamente. Delisguei a televisão, voltei à Casa do Jardim onde tinha dormido a sesta. Ocupava um espaço determinado, pensei se devia Leirena ou a Palumbar, podia lá conhecer alguém. Mas era tarde para essa semana, nada de especial ali me esperava e decidi aguardar por Domingo para regressar a Lisboa. O dia caía e eu estava uma vez mais expectante que alguém me disesse algo. Bebi uma taça de champanhe. Fazia a festa para mim mesmo. Um homem sózinho, ou quase, em casa...Experimentei um estranho sentimento ao estar naquela casa: por um lado queria ver televisão, por outro não sabia o que fazer, como se o meu corpo me puxasse para fora dali, mas talvez não fosse o corpo, talvez fosse o meu espírito inquieto, havia um apelo para voltar a Lisboa e eu procurava assentar, ter calma e esperar por Domingo, talvez pensando nos pequenos. No final das contas, não tinha outro remédio senão esperar por Poulain, pela melhoria da minha situação financeira, alimentar um amor que poderia dar os seus frutos, não em termos de filhos, mas de amor verdadeiro, porque eu gostava dela e assumia então a figura sequencial de Paulo Valverde e do meu primo Padre Américo, firmando-me na prática como um homem sábio nos termos da Antropologia Filosófica. Sim, a vida é uma troca, a relação com a realidade uma relação recíproca, tem de se alimentar sentimentos sobre uma coisa, sobre uma pessoa, para que tal

dê resultado e lembro-me das altas conversas com Poulain na cama depois de fazermos amor... A vida deste mundo é um circo, um teatro trágico-cómico em que a sociedade é bipolar a vários títulos, mas o mundo, para quem nele sabe viver, é do melhor que há, tem tudo de bom que se lhe pode tirar e ouvia as mesmas duas músicas que o meu rádio reproduzira em 89 quando o meu irmão foi lá acima a Montariol, de Ennio Morricone, extraídas do filme *A Missão*. Teria certamente a ver com a obra de Ferreira de Castro, não estou certo. Por fim, nas minhas investigações, encontrei um outro livro de Feyrabend que não aquele de que toda a gente troça e que nos aparecia às mãos e nos alfarrabistas como um válido livro de filosofia. Procurava municiar o meu quotidiano com diversas obras, entre clássicos de Sartre, Heidegger, Platão e Aristóteles, entre outros e o meu amor por Poulain voltava a fazer-se sentir, tinha muito desejo dentro de mim e desejo de a amar, penetrar e isso ajudava-me a considerar viver (bem) mais tempo, com mais alegria e esperança, talvez com fé, em Deus (sempre o refúgio das considerações e pensamentos que não se explicam desde já) , em mim mesmo e, evidentemente, nos outros. Dentro de poucas horas viria ter connosco o meu sobrinho Zee, vindo lá do sul, da terra dos alentejanos, onde o falar lento é sinal de sabedoria. Lia o pouco dos "Poemas Canhotos", de Herberto Helder e projectava a minha mente e vontade para um o dia em que poderia começar a dar aulas na FCSH ou na Clássica, ou mesmo na Católica.

Manu havia-me proposto ir para Luanda, para a Universidade Católica, mas eu não queria ir muito mais para sul, além do mais, sei que não me adaptaria, não sei dizer exactamente por que razão. Entretanto, a minha mãe preparao almoço, coelho com massa, bebo um copo de água, revejo os meus PDF's e isolo várias obras de referência em termos da temática da filosofia antropológica. Bebo um café no Delta Q, vou até ao relvado e tropeço em caganitas de gato, acabo o meu cigarro e vou dormir a sesta, não tenho grande vontade, mas vou assim mesmo, nem que seja por dez minutos. A minha mãe chateara-me devido a um agarrafa de champanhe que abrira. Agora, depois de termos almoçado e depois de o meu pai ter saído, estava sentada na poltrona da sala, vendo televisão. Adormeceu pouco tempo depois, enquanto eu desligara o computador ligado à internet. Observei o seu corpo esquelético e diminuído e deu-me conta de que não somos nada, eu mesmo não sou nada e quem se julga superior ao seu semelhante erra redundamente. Fumei outro cigarro. A manhã fora produtiva: estava aqui, diante deste écran escrevendo, ainda com sono, revendo as coisas feitas até à hora de almoço. Assim, a pouco e pouco avanço nas minhas investigações, não sei bem o que procuro, nem sei bem o que vou encontrar, talvez avance apenas pelo gosto de avançar, de procurar, nada mais, bem gostaria de estar viajando, atreito a outros lugares e espaços, mas vou-me deixando estar e com a ajuda da filosofia, sou mais feliz do que alguma vez já fui, cada dia,

embora seja uma infelicidade feliz felizmente. Assim, eu enveredava por estudos em psicologia social, o que me era literariamente útil, teria qualidades para estudar psiquiatria, mas preferia manter-me com os pés assentes no chão.

O objectivo da vida, depois de ter procurado nestes últimos anos sem grande apoio institucional, posso dizer, é ser feliz, procuramos sempre a felicidade, seja nas zonas cómodas seja nas zonas, nos terrenos, incertos, esse é o objectivo da vida humana, não vejo outro, pelos mais diversos meios. Há tempo que, na minha narrativa biográfica, estava perdendo o norte disto tudo e se virmos a questão pela métrica do tempo, vemos que o tempo dá o espaço certo para nos sentirmos confortáveis, sendo que essa felicidade é coisa de cuidar de, mas não é somente isso, é mais uma espera desesperada, um tempo em que se cede e avança quando é necessário. Muitos escolhem ser felizes, outros não, fazendo ou não cedências ao mundo social. Muitos nunca o são e isso não é assim tão lamentável, muito o são toda a vida e nada se acrescenta à espécie humana por isso, portanto a felicidade é coisa ao mesmo tempo tão grande, imensamente grande, mas que não cabe em nenhum lugar senão no coração, quando conjugado com a mente. De um momento para o outro, ouvia os vizinhos rirem-se, e de certo modo podia ser da sujidade nas minhas calças, um ar de trocista que geralmente não levava a mal, mas que interpretava como vindo de almas

mesquinhas. Os vizinhos do quarteira, da rua, nesse tempo, não falavam mais uns com os outros e eu lamentava isso, mas creio que a culpa era sobretudo deles, que não nos procuravam, que não se incorporavam, depois riam-se por eu ser um tipo limpo, higiénico, era um ambiente verdadeiramente pré-histórico e eu ansiava por voltar a Lisboa, ainda que viesse por lá a ficar sózinho. Não sou ba favor das drogas, nem que seja para propulsionar o génio literário ou científico, mas entendo que por vezes a vida social proporciona o que as drogas proporcionam, serenidade e paz de espírito. Fui visitar Manu e seu pai em vez de me deixar estar por casa e na Casa do Jardim andando de um lado para o outro, bebemos dois copos nos principais cafés da aldeia e tudo se compõe efectivamente ao fim da tarde. Depois, pensava e ouvir, "é um pedaço do céu, este cantinho" e era mesmo, nunca tive por aqui grandes problemas nem as pessoas são conflituosas como as do norte, se me perdoarem. Fumava a cigarrilha que Manu me havia oferecido e o PS estava em congresso e, embora Poulain nada me dissesse, eu contava com a companhia do meu sobrinho John, a quem muitos chamavam de John Carver. Aqui, ao contrário de Lisboa, estava acompanhado dos meus pais e dos pequenos. Em Lisboa tinha uma carreira suspensa, à espera de se cumprir, mas em Riachos também cumpria muita coisa, muita coisa se cumpria por aqui. A escrita nunca me cansava pois eu era, naquele tempo, um sujeito que se entusiasmava facilmente, mas também,

devido a uma certa patologia, um actor que decaía bastante no seu papel e a pouco e pouco percebia que a tarefa do escritor é a de produzir pelo menos duas páginas por dia, para se sentir activo, lúcido, útil. Não acredito que, tanto como em ciência como em literatura, a inspiração se esgote e fui aprendendo também a não forçar, mas eram poucos os dias em que não tinha ideias para colocar no papel, de modo que era um caminho de certa maneira progressivo este da arte de contar por palavras, contar a vida, os acontecimentos, encadeados ou não, as situações, os actores que são personagens, as inflações de odores, sentimentos, emoções. Ora, a questão, a grande questão com que a humanidade se depara, existencialmente, tem a ver com uma grande interrogação: "como deve a vida ser vivida"? Talvez seja isso que o jovem adolescente procura nas suas penetrações senti-mentais, numa época de explosão de sentidos e sensações, falte ou esteja presente o pai; o que para uns é radicalmente necessário para ter como guia, um guia que por vezes se oferece, para outros é dispensável, pois o adolescente precisa é de abertura e solicitação/do mundo. Na verdade, em termos propriamente filosóficos, a noção de mundo impera sobre a racionalidade do sujeito, actor, professor. É com o mundo que, em diversas idades, o sujeito tem de se haver, mas também com a esfera doméstica, onde há competição e labores assazes. Enquanto isso, começou naquele dia a Feira do Livro de Lisboa e eu estava em Riachos. O meu

dia-a-dia era escassamente lúcido -e não estou considerando ser doente mental, muito longe disso- diz-se que a humanidade está atreita ao húmos, ao esterco, enquanto isso toda a gente foge da merda, enquanto poucos sabem que o segredo da humanidade está no estômago, coisa que poucos querem saber, essencialmente porque a maioria se importa com coisas mais elevadas, como o perfume da escalada social. Eu também sou desses, dizia-me Tiago no café... Dou umas voltas, já não me interessa muita coisa, ainda que muita coisa me desperte. Agarro o maço de tabaco Português Suave com a mão esquerda. Queria ir ver a Gina ao café, não me consigo decidir em nada enquanto adianto mais confiança a Poulain, ela nesse dia nada me disse, devia estar com problemas, o seu pai estava hospitalizado e eu interrogava-me se passaria o resto da vida em Riachos, um dos cenários dos meus livros, enquanto o apelo da América ainda se fazia sentir, não tendo necessidade extraordinária de ir a Leirena ou Palumbar. Fiquei desalentado nessa noite (em que nunca choveu) com a suspeita -levantada por mim mesmo- de que não escrevia romances mas apenas tratados, nem sequer de antropologia ou ficção filosófica, mas de psicologia social. Corria na Tv ao meu lado "Uma História Simples", de David Lynch enquanto ao fundo do espaço, no outro quarto, decorria uma série de canções pop dos anos 80. Eu não via vislumbre de dormir, mas mesmo assim teria de me deitar, queria explodir nesse dia como nunca havia explodido, ou seja, havia implodido e

ninguém havia dado conta, pois parece-me que explosão significa uma "expressão para fora de Si". Doía-me os intestinos, estava escrever só para encher, só mais um livro para cumprir calendário, atirava os foguetes e apanhava as canas, a cena do costume. Ainda assim, eu levatava-me com ar de quem procura ser feliz e percebia que se por um lado a natureza nada deixa ao acaso, por outro, temos de fazer pela nossa felicidade e que é coisa contagiante, é um constructo, como que uma aparelhagem que está em nós e fora de nós, ao mesmo tempo, resultado de muito esforço e, porque não, sofrimento, quer físico quer mental. Mas o que é, na realidade, a felicidade, como haveremos então de viver? Aceitando o que a vida nos dá, desistindo de certas coisas consideravelmente supérfluas, ou mantendo a paixão pela vida social? É um dado que o que gera felicidade é a certeza de amar e ser amado, por um lado e, por outro, o facto de ou sermos originais, o que envolve risco, ou estarmos dando continuidade a alguma coisa, a uma trabalho de gerações. Isso confere felicidade à nossa vida, o andar no porvir, o fazer as coisas sequencialmente sabendo que as estamos a fazer com um certo sentido de missão. Assim, no meu sistema de pensamento, combina-se arte pictórica com filosofia e ciências sociais. Na verdade, o que me interessam são as pessoas, muitos perdem o sentido da felicidade, perdem a felicidade ela mesma, porque se desiludem das pessoas e acabam por se desiludir delas mesmas, porque o melhor do

mundo são as pessoas, na verdade, as pessoas fazem os lugares, fazem o sentido (direcção) das comunidades, das cidades. Portanto, uma cidade ou sociedade sem sentido de um bem comum, sem um entendimento colectivo, não passa de um agregado de pessoas mais ou menos desordenado. Esse sentido colectivo ainda nos é dado pela religião, que responde em muitas das razões últimas, sobre tudo para os mais humildes e não-educados. Chego à Casa do Jardim depois das dez, fumo um cigarro e conto ir deitar-me. Abro a ventania do pano de correr da janela e vejo a luz do vizinho, um jovem casal com uma menina pequena, acendo o rádio e deito-me. Não consigo dormir, estou sempre pensando em termos de fé (católica, evidentemente) ou em termos nihilistas, na consonância e na articulação disso mesmo em mim e nos outros e isso conduz-me a considerações diversas sobre o sentido da vida, da minha e da dos outros e acabo por descobrir talvez não o segredo da felicidade, mas a felicidade em si, porventura sem o saber. O pai está com dores na barriga, foi para o escritório fazer contas, à vida, às obras, às coisas. Lembro-me de Amélia, que está numa situação parecida, tenho saudades dela, dos seus seios. As moscas estão por todo o lado e não me deixam dormir, mesmo depois de acordar. Tomo a resolução de pedir um empréstimo para discutir a tese. Depois logo se vê. Terei de corrigir alguns erros, uma leve revisão e imprimir quatro cópias, a que juntarei as cópias em cd. Lembro-me de Deleuze, de Sartre, Husserl. E do meu sistema. Schutz e Cassirer,

Simmel. Afinal, há uma relação entre o que eu descobri, o que escrevo, mesmo em termos de ficção, e o que eles destrinçaram. Estou por aqui, com um retrato a giz do meu lado esquerdo e penso nela, quando a possuí, nos dias aqui, um pouco confinado ao meu próprio pensar e tudo vai dar ao corpo, o pensamento é o corpo, quando desaparece o corpo, o pensar vai-se e com ele o pensamento, nada mais resta senão como numa corrida o que fica para trás, que são os Outros. Daí a importância da transmissão; nos carros e nas pessoas. Porque, a felicidade não é um estado "aislado" de condição, mas corresponde por uma certa forma de conexão, ora com o mundo, com os outros, com o mundo dos outros e essencialmente com o nosso mundo, o nosso passado e as pessoas que o preencheram, com o porvir, que de certa forma seguirá o trilho dos dias antecedentes, numa relação íntima entre presente, passado, futuro, ou seja, a conjunção de três mundos, de três estados, num só. Ou seja, para terminar, a felicidade depende essencialmente da nossa relação com o tempo e o mundo, uma certa forma de "artesanaria" face ao que nos cerca, sendo que não somos entidades isoladas do que nos cerca, mas enfim, Zubiri, Choza e outros da antropologia filosófica terão dito isto melhor do que eu mesmo, que sou filósofo amador. Essencialmente, creio que as respostas para este mundo, para nós mesmos e os outros, está contida neste mundo, talvez em termos de Psicologia Social (Watslavick, essencialmente), situações que forjamos na infância e que

nos marcam para o resto da vida, principalmente por serem traumáticas e todo o cientista social é de certa maneira e em pequeno, um *nerd* chato, depois cresce e torna-se filósofo social, do social, cientista social ou então um escritor lírico, cómico ou realizador de cinema. Portanto, a vida é um teatro, um trato, ora despojado de valores ora eivado da saturação de uma cerimónia no Santuário de Fátima. Olhando para trás, não tive um emprego a que me pudesse deslocar quotidianamente, mas olho para o interior de mim mesmo e vejo, pela obra produzida, talvez não o quisesse mesmo ter, portanto acabo por avançar para um empréstimo bancário para fazer discutir a minha tese e garantir um lugar de professor em Lisboa, por meio de concurso acessível a todos em vez de ficar à nora sem fazer (quase) nada. Não tenho tido muita sorte, nos amores e profissionalmente, mas isso tem-me permitido escrever uma valente obra e perceber melhor o mundo, nos termos da fenomenologia, da metafísica, da antropologia filosófica e da ficção literária. A minha mãe segurou a porta, os seus dedos partiram para o chão, eu segui até à *Casa do Pensamento*, percebi de um momento para o outro que escrever não é mais do que espreitar para o futuro, porventura contar aos que estão do lado de cá como são as coisas do lado de cá. Por isso, superação ou igualamento do mito da Caverna platónica, além disso há o tempo e a forma como o manuseamos, sempre novas coisas a perseguir, a preencher, uma forma de positivismo que tem a ver com uma

certa melancolia da vida, uma forma de desgraçar o saber de nós mesmos em função dos outros, escrever, descrever, prescrever porventura. Talvez, em meus intentos literários e científicos, tenha confiado demasiado no leitor, entreguei-lhe tudo, o meu coração. E que recebo em troca? Uma vida de angústia? A eternidade das palavras? Depois percebi que, *au-delá* dos recessos, a vida configurava-se à nossa percepção muito diferente do que imaginávamos nas nossas tentativas de sondar o futuro, o porvir, era bastante divertida até, *au-delá* do maior dos pessimismos e que no fundo era isso toda uma luta, sendo maniqueístas, entre Bem e Mal, de bondade e maldade. Habitava-me então, sob o choro de um bebé, a ver o aspecto positivo de cada pensamento, de cada sentimento, de cada situação. Grande parte dos meus pensamentos, no dia seguinte, estava nos fundilhos, coisas e ideias absolutamente desnecessárias, depois de ter ido timidamente ao café comprar tabaco. Não tinha ideia certa do meu sucesso literário e embora não tivesse uma ideia clara da minha representação social, sei que era considerado em Riachos e Lisboa, também. Oscilava entre dois pólos, tal como o meu sentimento ao longo do quotidiano: era um reformado filósofo, que questionara muito, que talvez tivesse ido longe demais ao questionar o *establishment*. Contudo, havia regressado um pouco atrás para se sentir vivo, para viver plena e verdadeiramente. Ter ideias brilhantes era natural para mim, mas a maior parte do tempo tinha

também pensamentos relativamente inconvenientes, absurdos, disparatados, quase assassinos de mim próprio e dos outros e eu enquadrava isso na minha patologia, estava no sangue, estava nas células. Fazia muita inveja, porém, a muita gente, a minha situação e a minha irmã chateava-me um pouco quanto a isso, a minha mãe também, bastante. Não havia dinheiro, o que é que se podia fazer, mas não havia também trabalho e seria cada vez mais penoso arranjá-lo, por Riachos e a volta nem pensar, em Lisboa, talvez dali a algum tempo, enquanto se escoava o tempo para tal, lentamente, como numa ampulheta ansiosa. Estava em regime de saturação de mim mesmo, mas continuava a descobrir coisas sobre mim mesmo e o Eu no mundo, sobre o mundo em que o meu Ego se adaptava, evoluindo na paisagem como uma ave de rapina. Quanto a Poulain, pouco ou nada dizia e eu voltava de novo a esquicê-la. Por vezes tinha dúvidas quanto à minha sexualidade, o facto de as mulheres não aparecerem não teria somente a ver com a minha condição sócio-económica, a que junto o facto de o meu pai não me ajudar em nada já há vários anos, certamente seria bissexual, mas não aprofundava devidamente a questão e isso permitia-me, de uma maneira ou de outro, sobreviver no mundo social, ou então não seria mesmo (em regime diurno), não sabia ao certo, a questão não me preocupava demasiado, sim, a identidade sexual, que para muitos era fonte e maneira de reivindicação de direitos sociais e cívicos, mas mim era devidamente pouco irrelevante. E andava assim, entretido com

a minha história e era essa a prosa que saía naqueles dias. Sentia, claro, olhando para trás um sentimento de frustração por não ter trabalhado, mas podia ser pior, bem pior.

Os meus pais haviam saído para o terreno em Chão de Maçãs e eu pressenti o meu futuro, depois de eles irem embora, se não fosse eu antes deles. Ficaria só nesta casa antiga, com intervalos em Lisboa. Decerto que havia de pingar uma miúda qualquer, por aqui ou por lá. Mas eu ficaria sózinho e, pouco a pouco, a minha irmã abandonaria a casa dos pais, a aldeia, sobretudo com o crescimento dos filhos, que viriam ali somente em férias. Sim, o meu glorioso sonho de estudar diversas culturas, ia cair por terra com o tempo, mas outros se levantariam decerto. O que eu notava na maior parte dos outros é que, em termos de posição filosófica, se haviam-se esquecido de si mesmo. EU não tomava uma posição moralista a este respeito. Mas eu estava de sobreaviso, eu iria responder de outra maneira e este progressivo esquecimento por parte da sociedade, tinha a experiência do meu amigo Estêvão, tinha uma experiência de lidar com o tempo particularmente única e singular. Então, percebi uma coisa absolutamente singular: o meu pai também tinha umas calças brancas, como eu, nesses dias. Isso era indício de que nem tudo era mau, de que era bom e estava no lugar devido no tempo devido, com os meus pais e a pequena e que os meus propósitos de ser um homem bem sucedido em Lisboa profissionalmente e socialmente estavam intactos e

que podia estar descansado quanto ao facto de não ter emprego, não, não estava na merda, como alguns diziam, como outros pensavam, o facto de não ter trabalho e mulher, ainda que Poulain nada disesse, nada tinha a ver com o tipo de vida que levava, havia muitos rapazes ou homens como eu que nada ou muito menos faziam e eu não precisava de fazer muito mais, pois muito estava feito. Muitos da maior parte dos habitantes de Lisboa não tinham casa na aldeia, muitos nem sequer possuíam as suas casas na cidade, eu tinha isso e muito mais, a expectativa de conhecer alguém além de Poulain, os planos para fazer coisas diversas, desde o tratado *Uma Teoria da Sociedade*, passando pela discussão da tese, até vir a dar aulas e continuar entretido com a filosofia. Isso era muito, mas havia muito, muito mais. Sim, na realidade a nossa percepção das coisas, do mundo, influencia a forma como nos vamos sentindo e a felicidade é uma coisa em que se investe, uma coisa que se alimenta, como as boas ideias, os bons sentimentos, e nem todos são passíveis de os ter, variando a sua intensidade ao longo da biografia do actor social. Depois de um certo tempo a pensar, decidi parar com a relação (de certo modo não-existente) com Poulain e decidi começar um dia destes *Uma Teoria da Sociedade*, a ter lugar em Lisboa e Riachos, e meio tempo e meio termo, não esperar por vir a dar aulas, pois aí talvez nem sequer tivesse tempo, pois me entrego com todas as forças aos projectos que empreendo. E dei-me por contente nesse dia em que quase

chegava o verão. Para descansar um pouco, fui ver um jogo da selecção. Uma pedra no sapato que tenho é a minha pensão, mas se fosse outro nem me importava; se há muita gente que tem o mesmo problema que eu, há também muita gente que tem problemas piores e ambos recebem alguma coisa ou mais do que eu. Há bastantes pessoas infiltradas no sistema e que mamam da teta da vaca, eu não tenho oportunidade de o fazer, nem o queria. Este país está assim, andam todos à nora e no fim ainda me vão pedir ajuda, isto foi o que o meu amigo que partiu me disse, nessa altura levam um pontapé no cú e ala que é cardoso.

Recesso?

Caminho até à estação de comboios, mas quando chego lembro-me que a minha mãe não me deu dinheiro, volto e espero pelas cinco e meia. Já dentro do comboio, uma adolescente chama-me deficiente, ainda estou a pensar nisso. Talvez saibam, o meio é pequeno, que sou reformado. Ainda bem que não tirei o cartão dourado, continuo desde há anos a pagar o bilhete normal. Chego a Lisboa e ainda penso no assunto, depois de ter estado sendo simpático para com vários passageiros, incluindo o revisor. Procuro ainda dar aulas como emprego mas creio que não vale grande coisa procurar enquanto não tiver o doutoramento, por isso considero o propósito de pedir empréstimo a um banco. Depois, com o canudo, poderei concorrer a mais coisas. Pode levar alguns meses, mas é isso que vou fazer. Arrumo a roupa, desligo a televisão depois acendo-a procurando arrumar a minha vida ao ver televisão, quer dizer, quando estamos a ver, podemos estar ávidos vendo ou podemos estar a gozar com a situação, sem ligar nenhuma, aprendi o truque com a minha irmã. Querem-me fazer crer, agora que estou assomando em termos de escala social, por meio dos meus escritos e do trabalho que tenho feito, de que sou tarado, esquizofrénico e sei lá mais o quê. Essas críticas aparecem na rua, através da televisão, no rádio, sob a forma de ironias, comentários,

críticas específicas. Ora, embora não tendo praticamente amigos, tenho tido uma vida social mas eu creio que são formas de me desmotivar, afinal ainda não desistir de ir a Nova Iorque ou de discutir a tese, de dar aulas numa universidade. Deixo-me estar um pouco na cama, sei que tenho apenas OCD, o que tanto pode ser grave como pode nada ser, de resto, desde que controlada com medicação. Fiz psicoterapia, talvez precise, ou talvez não, talvez tenha prescindido de ajuda porque afinal fiz uma destrinça do social, do real, tenho um sistema que me acompanha e defende, um método de vida e isso eles não sabem, nem se apercebem, por isso vou continuar a viver como sempre fiz, com verdade a mim próprio. Admitia, ainda assim, que não tinha crédito algum na academia antropológica e filosófica, admitia que não tinha de forçar muito mais em termos de emprego, mas não era deficiente, de maneira nenhuma, ao mesmo tempo que a solidão entrecortava o meu espírito eu continuava a acreditar em mim e em certas coisas que queria fazer, a maior parte das pessoas não era assim, julgavam do pé-para-a-mão, apreciavam criticavam, é claro que eu também o fazia, mentalmente, não me julgo diferente dos outros, mas sobretudo não tinha tido grandes ajudas no meu caminho que continuava a trilhar, de uma maneira ou de outra, enquanto outros, por exemplo, sendo de cá, não davam o devido valor a certas conquistas. Se fosse outro, diria que estavam longe de Deus, mas a minha posição quanto a isso era, digamos, um

pouco diáfana. Deixara por uns tempos de correr e crescera diante de mim, para a frente, uma barriguinha proeminente e estava entre deitar cedo e ir beber um café, estava começando a ficar cansado. Depois, percebi que estava fazendo tudo errado, pondo demasiada força nas coisas, de modo que resolvi corrigir a rota.

Rota

A mulher do Joaquim David chamou-me roto um destes dias, estava longe de Riachos, agora estou relativamente perto, à evidência de turistas e outros quejandos. O brasileiro no metro diz que é uma assombração, eu quedo, quase morto e levanto-me, com uma energia inaudita, até me chamam Fénix renascida em diversas universidades. Ainda não tenho dinheiro para discutir a tese nem em Lisboa nem em Nova Iorque, preparo-me para correr, não vou forçar muito o assunto, enquanto o pau vai e vem folgam as costas, não tenho tido sorte com as miúdas, a não ser uma finlandesa que me sorriu, por isso continuo a lutar, é feriado do Corpo de

Deus e eu em casa, com a tv acesa, mais logo vou sair de novo, agora é tempo de mais uma corrida, apetecia-me descansar para terei de sair, de uma maneira ou de outra, pois tenho fome. Vejo um programa sobre um Mundial de futebol que a França ganhou ao Brasil, bebo um café, tomo os medicamentos e dali a pouco uma Quietiapina, sinto-me só mas tenho uma lucidez exagerada. A maior parte dos meus semelhantes critica tudo e mais alguma coisa, será por não terem reflexão, a verdade é que só quem conheceu a morte respeita a vida. Chama-se a isso consciência. Interrogo-me como, num país pequeno como este, em que as pessoas se conhecem todas, de uma maneira ou de outra, é possível ter escrito tanto sem ser-se conhecido do grande público. Demasiado talento, teoria da conspiração, estar além e acima de tudo isso? A verdade é que continuo, mesmo sem apoio monetário que a outros é dado, ocorre-me mais uma vez a *Teoria da Sociedade*, que está do meu lado direito, empilhada em diversos cadernos de apontamento. Não é uma tentação, pode bem ser uma forma de suicídio. Conseguí levantar voo e entusiasmar os meus dias, ainda que a cidade nada me dê senão indiferença, para um antropólogo é duro ver um bando de pretos e hindus e chineses passar à nossa frente, aproveitar-se da nossa situação, o antropólogo não tem moralidade? Tem de ser um ser neutro? A que custo? Ao custo de um mísero ordenado de professor? Eu não ando aqui por ver os outros, foder ou fazer o que quer que seja, mas mesmo

assim, tenho um problema, mais do que comigo, com esta cidade. É pouco religiosa, é pagã, diria até muçulmana enquanto certo pedantes que nem sequer nasceram em Paris se exibem e visitam Paris se terem lá sido paridos, sem reconhecerem o esforço de um pai como o meu que foi de **salto**. O certo é que estes tempos de convulsão são dos mais férteis da minha vida, andarei arrastando-me de um lado para o outro à procura de reconhecimento, mas bem, enquanto falo de mim não falo dos outros, podem chamar-me egoísta. Adoro o francês tenho saudades dos tempos de Paris, de algum modo o português é considerado como útil em Paris e isso torna tudo mais interessante. _Escrevo, escrevo e tudo e mais alguma coisa e sei que em NY tudo seria diferente, aqui parece que me evitam, admiram-se mas evitam, só me aparecem garotas, vai para quatro meses e nada, nesta cidade só fode que é ladrão, os outros fodem a razão, sinto estar a lutar há muito tempo sozinho e não há um confidente, não há nada. Estou desempregado desde os trinta e cinco e tenho tentado, sabe Deus que tenho tentando, agora só mais um pouco, não me vou contentar com pouco, porque, afinal, as coisas a que me agarro, enquanto filósofo, são os meus escritos e as minhas teses, talvez não tenha sido realista o suficiente e o realismo também é uma posição, um assunção, filosófica, mais daqui a pouco vou sair, estranha-me ir até Riachos sem nada no bolso, para de certo modo ser reconhecido, como herói ou outra coisa qualquer, estou fora do tempo, a destempo e no

entanto tão no meu tempo que para mim qualquer escritor português é banal, porque o artista procura algo de único, um torção, enquanto o filósofo e o antropólogo simpatizam com todos tendo o seu ordenado e a sua dama. Isto pode vir a ser perigoso, uma espécie de *vendetta* pessoal, enquanto outros fazem tudo pela calada, tento dar sentido a este mundo de pessoas sem sentido, não é meu desejo aproveitar-me nem controlar ninguém, ainda assim a maior parte o faz. Mas quem pensam eles que eu sou? Eles são muitos, não são poucos, são o poder, são uns chavalos. Neste país, a corrupção grassa a olhos que não são visto, dá-se pela calada em gabinetes documentados por filmes pornográficos. Ainda pensei em pedir satisfações à DGArtes, mas contive-me. Ainda pensei em pedir satisfações à FCSH, à Católica, À Clássica e ao ISCTE, mas contive-me. Tenho dúvidas se seria alguma vez professor, mas pedir crédito para fazer um doutoramento. De modo que aguardo a minha vez no meu canto, como os chineses e tenho tempo para tudo, vou sendo feliz, talvez nem sequer tenha OCD, é tudo uma convenção... Bebo um copo de vinho branco e deixo-me ir na onde, daqui mais a pouco vou sair, é tempo de festa e celebração do Nada. Estes tipos são mesmo nietzscheanos, acreditando ou não, no entanto eu gosto deles e embora reconheça que não há miúda, porque não há, continuo a acreditar, na discussão de uma tese, na viagem à América...

Depois, pensava em pôr um anúncio: sou gay e quero casar com uma mulher. Mas eu sabia que não era, seriam todas estas dúvidas sobre o limpo, sujo, cú limpo, cú sujo, necessárias à minha elaboração filosófica? Receio bem que sim, a maior parte dos filósofos não tem o sentido da praticidade como um tropa ou marinheiro. Eu estava entre um e outro, não era absolutamente genial, embora o fosse do ponto de vista humano, na área da antropologia filosófica, mas também não era um tronco de matéria, de onde nascem raízes, primeiro e flores, depois. Sim, mas eu sabia que não era gay, que tinha ODC e que afinal isso era uma vantagem para me mostrar humano, até como estratégia para conseguir emprego, mas o certo é que era fonte e sede de discriminação em Lisboa, nos mais diversos concursos de emprego, desde há vários anos.

Um tempo depois, julgava-me capaz de tudo, sem ter de dar grandes explicações a quem quer que fosse, bebi uns copitos, mas a vida continuava, a sangue umas vezes frio ora a ferver, insultei vários turistas e um jovem negro meteu-se comigo pensando que eu seria racista, não aguento ficar em casa muito mais tempo, embora esteja ouvindo Erasure, aqui começou a tabula rasa, a origem de tudo e a caverna, espero por um lugar na Faculdade de Letras e um estada na América, afinal mereço-o inteiramente e nem preciso de me benzer. Sou um tipo tão expansivo que até chega a ser chato, são seis horas da tared e julgo-me melhor que Le-Clézio e outros

tantos, vivo um filme americano e não comi ninguém, vou sair e vou ter de voltar mais daqui a pouco, decerto estarei tão ou mais passado com uma certa situação de injustiça neste século XXI, talvez espere um julgamento divino quando não, não quero, pedi um empréstimo, vou ser calculista quanto baste, eu próprio em todos os sentidos, sou um hetero complicado, ou não, aos gay dei muita coisa e devo muito ainda, como poderei manter a calma se isto é apenas e tão somente uma novela, um ensaio filosófico para impressionar alguém, não me vou desconjuntar, até a polícia gosta de mim, os ladrões também, neste dia sou verdadeiramente lisboeta, descerei até ao Terreiro, irei beber um água ao aeroporto, o excesso de mim mesmo e dos outros enquanto eu mesmo me levará à América, onde sempre, meticulosamente, sonhei estar, ignoto, não me importa o resultado, que é mera ilustração para os outros, importa-me o processo, essa é a palavra chave, o processo que nunca moverei contra ninguém, talvez porque viva do campo e gostaria de estar agora saindo da porta de casa e sentir o vigor térreo sem ter de dar desculpa

às damas, estou-me a passar no entanto estou bem e não quero estar aqui por enquanto, porque não sou mais do que um nerd chato que vai conseguir vencer no final, não sei o que elas querem mas terão um espanhol precioso no colo e o mundo dará um pulo grande.

O Susto

Estive uns tempos a dormir, a metodologia deste romance bem poderia como sacar uma rolha de metal de uma garrafa, mas prossigo, ora observando do mundo, ora negando-me enquanto filósofo, cheio de dúvidas,

que abato de uma ou outra maneira, ouvindo uma familiar revoltada com o marido e as mulheres do marido, levo a sério a minha coisa da escrita e a minha mente não é mais um laboratório, nem um campo minado, mas uma estufa onde crescem plantas das mais diversas que o mundo pode conter. Na verdade, todo o homem, toda a mulher, tem consciência da finitude, da dos outros, da de si mesmo, a coisa está inscrita no sangue, por isso o sujeito, actor (social) acaba por usar de cálculo de modo a tornar rendível, rendável, a sua biografia, consciente ou inconscientemente e os seus genomas tornam-se evidentes na forma como fala, na presença que impõe ou faz salientar ante os outros. Na vida, como diriam muitos autores, nada é definitivo, mas muita coisa pode ser definitiva, como o isolamento, a felicidade, no fundo revemos e revisitamos a Caverna de Platão várias vezes ao dia, cansamo-nos e repetimos connosco mesmos o que acontece, o que está por acontecer. Não sabemos, por outras vezes sabemos demais e nesse sentido esguio, calamo-nos ou vociferamos. Será, afinal de contas, isto apenas um parque humano, como diria Sloterdjick,

não estaremos entregues a leis que ora percebemos demasiado ora não percebemos de todo? Temos alma apenas porque nos movimentamos, devido ao Devir. O que é estar em repouso? Não é uma forma de Devir, mais ou menos alocado a uma geografia ou arquitectura ínfima? Não explica a arquitectura o essencial do espírito humano, muito mais do que as ciências sociais, a filosofia, a literatura? Muito mais do que a arte? Uma coisa eu sei: o grande escritor é aquele que sabe estar, que corre o risco de ser banal e gozado, de ser um *nerd* chato (porque a vida é chata), em nome de qualquer coisa como uma queca que nunca acontece, gerando-se um sentimento de revolta que ninguém, tão pouco Deus, pode aplacar. Porque os autores geniais vendem a sua saúde em nome da fama, do reconhecimento e, na verdade, não se aguentam, não percebem onde estão, em nome de quê, da espécie humana?

Olho para lá da clareira e não consigo vislumbrar grande coisa, o mundo social parece-me bastante confuso, afinal o escritor de sucesso é apenas aquele que não é ele mesmo mas aquele que detecta o pensar dos outros e nele se instala, divertindo-se, não há aqui nenhuma espécie de redenção pessoal ou então as duas coisas acontecem simultaneamente na cabeça do autor, por artes mais ou menos mágicas, básicas e aí o autor de sucesso é uma espécie de bruxo, de xamã, que pena por toda a sociedade, uma espécie de Cristo que salva o corpo e regata bem no fim dos actos diversos a sua alma penosa, penada. Somos, evidentemente, todos pecadores, aquele que especula sem afecto, aquele que com afecto se aproveita como quem fuma um cigarro distraído, seja um brasileiro. A minha irmã pressionava-me mais e mais, cada vez mais, a mim, que havia conhecido o sofrimento de caras, não se podia pedir mais a esta sociedade, mesmo que a grande parte dos cientistas sociais sempre vivera de tachos os mais diversos e era uma espécie de elite cinéfila que se autosustentava ligada aos media. Não havia, então, um homem com qualidades como eu, sofredor, genial, compósito,

complicado e ao mesmo tempo assustadoramente real e profissional. Era uma luta contra uma sociedade que marginalizava, uma luta contra moinhos de vento, porque a sociedade simplesmente não existia. Eu tinha o exemplo do meu amigo, não podia pressionar mais, além do mais era dos mais antigos habitantes da cidade e não tinha amigos, diários, digamos assim, no quotidiano. Apenas conhecidos. Mas continuava a sonhar com a América e sabia que estava mais perto do que nunca, estava mesmo a cheirar, a vida continuava, eu aceitava mais ou menos tudo, e sentia-me entusiasmado onde muitos haviam soçobrado, sem Poulain, sem ir a casa, tentando alguma coisa de definitivo e não deixando arrastar as coisas, as ideias, as pessoas, afinal ainda era muita coisa e tinha bastante mais a provar. Assim, também o soldado, o comando, é um homem-criança, mimado, que precisa de lutar para conseguir a dama, se for esse o caso, que usa uma espécie de fralda dada pela mãe e que chora de dor quando se sente injustiçado. Só o homem obscuro é aquele que é reconhecido, adulto, profissional, insensível, como se não gostasse da raça humana, como se a representasse em termos de sobrevivência da espécie. O soldado tem a sua recompensa no corpo da mulher, um prémio ao qual chega desconsolado, porque todos mais ou menos querem o mesmo e no mínimo sentir-se além de se sentir bem, ou seja, estar bem para além da doença, qualquer que ela seja, como se ela fosse uma provação. O escritor, autor de diversos

pensamentos mais ou menos sociais, permanece só e sem prémio, nem lhe chega a masturbação, no fundo é ele que destrinça os mecanismos mais perversos da sociedade capitalista e segue como que sem prémio, num afã de destrinçar mais e mais cada vez mais talvez procurando ou sedento de uma honorabilidade académica, o prémio do reconhecimento social de uma vida mais ou menos ternurenta. A sociedade é, então, uma correlação de forças, um imenso campo magnético entre Bem e Mal, entre vulgar, banal, e extraordinário, que se refere à arte, a pretexto desta todos ou apenas alguns privilegiados se afirmar, se expressam, com os media a regular tudo isso. Finalmente, chegava quase ao fim da minha mente doentia com pensamentos de toda a espécie de merda, eu pensava que estava com fralda, umas vezes, outras que estava sujo, outra que estava limpo, bem, limpo nunca estava e isto tinha a ver com alguma espécie de adoração sobrenatural por alguém, por Deus ou alguém que admirasse, ou seja, inferiorizava-me a um ponto de o que mais importava seria um pensamento de incapacitação, de incapacidade, como se nunca estivesse pronto para trabalhar, para sair à rua, fazer a minha vida livremente sem dar contas a ninguém. Sentia-me na necessidade de justificar os meus actos mesmo junto de desconhecidos, sem simpático, não parar os meus intentos e provar tudo, sim, eu queria que a minha vida valesse alguma coisa, muito, tal como os meus pensamentos, queria estar longe daqui mas aqui ao mesmo tempo, sendo daqui e dali por

obra e arte do espírito santo. Nem mais, era isso que queria, uma tipa que me compreendesse, mas o mundo, que eu destrinçava como um comando em pleno mato, deixava-me só em casa e quanto eu mais desejava uma mulher menos acontecia. Quer podia fazer? Mudar de cidade? Decerto que em Nova Iorque era pior do que em Lisboa em termos de competição. A Leste do meu país eu via as coisas mais civilizadas, mais conseguíveis. Depois de tanto tempo em Lisboa, como não conseguira trabalho? Trabalho não é coisa de gente mimada que precisa de comer para manter as parangonas sociais que a alimentam, os vícios, as reciprocidades? A moça do lado pôs as cuecas do lado de fora, no parapeito da janela, enrugadas. O jovem escritor tinha a sua dama e nisso se inspirava. Damos demasiado valor às mulheres, elas estão todas em baixo, precisam de ser acarinhadas, de uma palmada bom colocada no rabinho. O vizinho passa e aspira o ranho. Têm inveja estes tipos. Por isso não dão nada.

Questionando tudo do ponto de vista social, o que faz uma pessoa tornar-se e parecer o que ela é? É o exterior, a imagem pública, que serve de referencial a uma pessoa. Oiço uma entrevista à actriz Sara Norte e parece-me que, pelo seu erro, irá pagar com isso toda a vida, carregar esse fardo, esse quase que estigma. Na verdade, o que faz uma sociedade funcionar? Há zonas de vão, de obscuridade, num dado momento e através dos séculos e depois, a título demonstrativo, zonas de explosão, de luz, de luminosidade. Não será necessário o retorno ao Homem ou será mesmo isto o retorno ao Homem? Não é do homem, físico e racional, espiritual, que estamos falando todo o tempo quando falamos de nós? Muitos privilegiam a praticidade da vida e não olham à reflexão. De certo modo, é por isso que o filósofo não é do seu tempo, pelo menos o filósofo sério e responsável. Por outro lado, o que é a responsabilidade, o que é ser-se responsável? Sim, de certo modo estou já entrando na minha *Teoria da Sociedade*... oscilo no corredor (da Vida) entre o tabaco e os maus pensamentos, resisto, insisto para vir aqui deitar algumas palavras, entre o sofá e um jogo de futebol e as obsessões, habitando a casa, não entrando de rompante na rua

e evitando fazer qualquer coisa de irracional como deixar os medicamentos, tomar demasiado álcool, atirar-me da janela. As questões são sempre as mesmas, não tenho de fugir de nada, apenas ser eu mesmo e será bem mais fácil. Muitos podem achar que sou apenas uma criança assustada que vai voltar para a terra e que quer ir à América realizar alguns sonhos. Mas eu ando com alguma fralda? Depois e tudo o que fiz, procuro fazer novas coisas e desafio quem quer que seja neste país em termos de pensamento sobre o presente, interpretá-lo, julgá-lo, ora com objectividade ora com subjectividade, nas mais diversas áreas. Por não ter namorada, carro e emprego, sou criança? Dou demasiada atenção ao Outro, esse é o meu grande problema e depois ainda me confundem com o máximo de egoísmo possível. Afinal, estive na psiquiatria e o facto de me ter afastado dela não quer dizer nada, ou pode querer dizer muito, não é fácil estar numa cidade sem amigos e numa aldeia com antagonistas e tirar disso tudo, sacar, palavras, conceitos, reflexões, personagens. O facto, por outro lado, de não me ver fora de Portugal e fora de Lisboa tem a ver com o sentimento de que me sinto bem, tudo virá, o amor, a paixão, o erotismo, percebo que em certa medida tenho de estar no espírito, entrar no espírito e algumas pessoas têm-me ajudado e eu próprio me considero útil, é óbvio que sou português, mas bem, decidi dar um volta neste romance e fazer acontecer um romance real, lá em Riachos, não é bem uma em Lisboa outra

em Riachos, mas às tantas até é... O meu segredo, que nem deveria aqui contar, seria fazer amor com uma determinada mulher, que conhecera em adolescente, bela como uma égua lusitana, tirá-la de uma doença de conhecimento ou de desconhecimento, que seria ou não o meu e o dela. Depois, num desses dias, percebi que o vizinho do pátio de trás era judeu, maneava a cabeça para trás e para diante a toda a hora, ou então estava a compor música electrónica, só podia ser. Que pensaria ele de mim? Nem olhava, vinha de quando em vez com a sua musa fumar um cigarro à varanda. E eu, com esta idade, só o dia inteiro em casa. O outro vizinho da frente, o psiquiatra adulator de vinho e fruta, bons repastos, tinha a janela corrida para cima, agora punha uma grande boné em cima daquela careca intimidatória...e eu que passava por psiquiatra na net sem nem sequer ter recibos verdes, quando muita gente lucrava com o negócio das relações humanas e da filosofia, também, eu limitava-me a teorizar e pensar para comigo. Mas não iria passar muito tempo até que a bolha rebentasse, continuaria a falar no metro, onde quer que fosse, em minha justiça (ou injustiça, melhor), a minha irmã retirara-me apoio para mais uma semana em Lisboa e tinha, embora para meu agrado, de regressar de novo a Riachos. Mas não perdia nem deitava por mão alheia os meus sentimentos e aspirações, queria de facto ir à América, apenas esperava por uma resposta da Fulbright. O crédito solicitado a uma entidade bancária podia propulsionar e

acelerar tudo, desde a discussão da tese até, em última instância, a minha fama e prestígio pessoal. Era, então, bastante feliz naquela tarde de Sábado... Mas senti vontade de deixar de escrever, pois estava são como nunca, fazendo projectos, ocupado, feliz, não euforicamente mas intensa e secretamente feliz, satisfeito e amante de mim mesmo, procurava o original *O Besugo*, um ensaio sobre a vida citadina, mas não o encontrava nos meus CD' s e DVD' s, sentia um sentimento forte de satisfação com o caminho percorrido, ainda que só, no início tinha o apoio da minha irmã, agora ele estava a faltar, quase não falava com ela, senão para pedir dinheiro, e tinha uma grande e bela namorada fictícia que me apoiava e cobria de beijos, percorrendo o meu corpo e os meus cabelos, pois tinha. Via outros escritores com menos mérito serem promovidos a cidadãos meritórios e eu nem com dom nem com esforço lá chegava. Não era para estar revoltado? Em Riachos, por exemplo, a Filarmónica havia feito o mesmo com o Sr. Ruas. Poderia acontecer comigo o mesmo em Lisboa, mas isso só me deixava descansado. Não queria ficar para a eternidade como um exemplo a nível social, coisa que me causava muito stress, queria antes ser dispensável para ser substituído por outro protótipo...E, nesse dia, finalmente percebi o que se passava comigo, qual o meu destino: eu estava como que possuído (“O meu nome é Legião” , dizia Satanás a Cristo) mas era também uma espécie de anjo, de santo, Bem e Mal estava em mim,

comigo, por mim e isso não era necessariamente amoral, imoral ou mesmo moral. Eu era, de certa maneira, um grupo, a várias vozes, sob diversas formas. Se os outros olhavam para mim para me copiar, eu, desde cedo, olhava para todos para os copiar, portanto, eu ou estava só comigo mesmo e com os outros, copiando, ou era uma multidão que se movo andrajosamente...

Nuvem

Olho a cama desfeita, ando de um lado para o outro pela casa, hesitando em tomar banho. Procuo um registo certo para considerar alguma coisa, afinal as obsessões são apenas o lado negro embrulhado nos propósitos para ser alguém, socialmente. Hesito entre o banho e continuar assim, terapêutico, sabendo que me banhei em água quente há seis dias, de modo que estou compensando ou descompensando alguma coisa. Fumo o primeiro cigarro do dia, reparo que me ardem os gânglios, os pulmões, o coração. Sei que me esforço demasiado mas talvez seja isso que me salva. Faço um café, não faço nada demais. Tomo a medicação. São nove e meia. Hesito entre voltar à cama sob pretexto do rádio-cubo que comprei, que está ligado passando “Playback”, de Carlos Paião. Regresso a Riachos, de uma maneira ou de outra tenho de ter paciência, alguma coisa foi feita. É claro que estou só, sinto a solidão dentro dos ossos, dentro da alma, ainda quente de tanta ardência metafísica. Penso no Danny e nas virtualidades da exactidão da ciência social, nas defesas obstinadas da filosofia como explicação última, talvez como apenas a última salvação do Homem. _Lembro o Alcamen e o tempo passa. Nego e abnego todas as obsessões, para não

ficar louco acabo por recusar pensamentos transcendentalmente projectantes. É claro que eu podia pensar para comigo próprio como muita gente gozava comigo e isso via-se pelo facto de poucas miúdas estarem interessadas em mim. Mas iam chegando, de um modo ou de outro. Se eu fosse como aqueles que troçavam de mim, perderia muito tempo a convencê-los de que sou bastante melhor do que eles. De algum modo, isto era um combate de boxe em que eu jogava aberto e no fim iria ganhar. De peito aberto, levando golpes e mais golpes, mas também dando, inúmeros golpes, até conseguir um *knock out* decisivo. Manu fez-me uma brincadeira cruel: aproveitou a visita a Janu para dizer que sou picuinhas e tenho medo da fazer as coisas? E então? Se for, qual o problema? Não estamos no século vinte e um? Ele pode bem ser burro. Mas deixei de me preocupar com ele e de lhe dar demasiada importância, bem como às picuinhas que ele pensa que eu tenho e que no fundo é apenas OCD, posso estar sendo castigado por essa doença e isto afinal estar apenas no sangue, nas células. Por outro lado, a sua mulher vem-me com uma conversa de que ele tem de ser confessar, de fazer penitência, porque tem filhos em Angola. Ora, que tenho eu a ver com isso. Asseguram o bem-estar financeiro depois têm problemas? EU nem dinheiro tenho para cantar um cego e tenho de dar conselhos? Foda-se.

Literatura Aqui

A minha estratégia para me fazer burro diante das miúdas não tem resultado. Não tenho tido grande sorte, talvez porque o meu pensamento esteja do outro lado do Atlântico. Tenho de ir, não vou pensar mais num substancial abuso à minha mãe, tenho de ir, é só uma ideia cravada na mente, como se fosse ou tivesse sido eu próprio. Apenas espero o consentimento do banco, apetecia-me sair agora, ir até ao aeroporto, acho que não estou a perceber nada disto do que se está a passar, acho que as pessoas estão loucas e recorrer, algumas, ao sexo como lenitivo. Não faço há mais de três meses e eu próprio me estou sufocando na minha objectiva subjectividade e não perdendo-me numa mútua subjectividade que é a relação a dois, finalmente, o amplexo. Não tenho tido sorte, talvez por não ser verdadeiramente daqui, umas vezes quero, outras não, prefiro estar em Transe, em Trânsito. Depois, já não me chega a faculdade de Letras, tenho de pensar no ISCTE, na Nova, na Católica. E já não me chega isso, ligo para Nova Iorque, o telefone toca e ninguém atende. São cristãos, ainda bem, a minha safa é também a religião. Mais do que nunca, assumo o papel de pensarielho e acabo em casa só. Há greve dos comboios, por dois dias, não

tenho dinheiro, logo não tenho namorada, não faço render o meu peixe devidamente e talvez seja isso que me distinga e faça, transforme, no ser singular, único e notável que sou... Há aquele tipo de pessoa que não pode ver escritores, realizadores de cinema, que não gostam de falar, de debater um assunto que não seja corriqueiro e banal, porque afinal a vida é algo de extraordinário, um acontecimento que se supera a si mesmo e às suas circunstâncias, a origem da vida tem a ver intimamente do acto da criação, do pensar, do dançar, do representar, significa ser outro, tirar alguma coisa ao Nada, roubar qualquer coisa ao Nada porque o Homem não é (o) Nada. Por outro lado, estará a filosofia em risco de desaparecer? Não é ela rica por si mesma por ser, em Si, não apenas uma forma de problematização, mas A problematização? Ela descreve, explica, muito mais do que a música ou a poesia, ela explica, descreve, reflecte o real, como se o seu funcionamento pudesse ser ecoado em palavras. O filósofo nunca está atento, nunca está distraído, ele está concentrado porque É o Real. Não precisava de nenhum ensaio para tal, provar alguma coisa, a Filosofia não precisa de prova, ela evidencia-se por si mesma como um amor, um relacionamento que não se explica, como o intercurso, ainda que se repita, não se explica, faz-nos sentir bem. O homem é um ser racional, relacional e a filosofia não é tudo, é apenas uma modalidade do real, está ao serviço das mais diversas corrupções, corrompimentos e desvarios, mas não é

isso. Até que me decidi dedicar ao cómico, a pôr as pessoas bem-dispostas, superando Saramago e Lobo Antunes, digladiando-me com Mia Couto e Agualusa em direcção ao sul, num rasgo que não cansa, como se fosse uma espécie de teimosia, uma forma mais relutantemente óbvia de sobrevivência, uma excrescência que permite optar ao autor entre dizer o que os outros pensam ou o que ele pensa que pensa. O meu pai não me ligava desde há anos, podia bem estar a morrer, como estive várias vezes, e ele nem um gesto fazia, como não fez efectivamente, tirando a casa. O meu irmão era um pouco assim, embora me fizesse crer que eu era como o meu pai. Evitava a internet e tentava manter-me lúcido há algumas semanas que não me masturbava, senti falta, senti por vezes a loucura, que roçava nela, mas procurava não estar eufórico na alegria nem demasiado deprimido na tristeza. Por instantes percebi que o meu povo troçava de mim, mas eu mantinha-me firme, pois era um deles e estava numa onde de abstinência e valentia. Cheguei a pensar que o meu sobrinho estava no apartamento de Manu, mas procurei não pensar demasiado no caso. De certa maneira até estava próximo do meu passado, pois vivia em Moscavide. Mas bom, tentava não pensar demasiado em mim a fim deresistir ao efeito alucinatório-depressivo da quietiapina, que tomava com a medicação da noite. Depois, pensava, efectivamente, nenhum cientista social ousara falar tanto de si como eu; nenhum escritor ousar filosofar tanto em tão diminuto espaço;

nenhum filósofo ousara pôr datas, nomes e lugares nos seus escritos, obviando Henry-Lévi, isto face aos clássicos. E a maioria eram homens. A maioria dos homens portugueses, hoje em dia, não têm grande fé, não dão valor ao que têm porque não sabem viver com pouco e assim sentirem-se felizes. O lisboeta, particularmente, não sai desta orla em que prolifera e adora o turista, faz tudo o que ele quer e ainda acaba por sentir-se triste, abandonado e deprimido. Odeia particularmente o espanhol, isto não é uma coisa dura, funda, mas algo de leve, pois todo o lisboeta é folião. A vida nas cidades torna-se pessimista, depressiva, plena de tipas coquetes que nunca conheceram dificuldades na vida, como uma prisão, um hospital, coisas do género, tipas chamadas coerentes porque são demasiado ambiciosas, ou então demasiado simples e básicas, sempre dispostas a ferrão o ferrão do seu orgulho, ora classista ora artístico. Depois, percebi que Nana seria a pessoa ideal para estar comigo quando fosse desta para melhor, era enfermeira...Posso pensar que não tenho compatibilidades, pelo menos em Lisboa. Fizeram merda comigo nesta cidade, desde o início. Se viajasse decerto encontraria alguém, mas isso é que faz o ser especial que eu sou. Eram eles, lá fora ou o vizinho de cima, enquanto o da frente estava decerto já ressonando. Considerei a vida e os seus intentos, elogiei a via cristalina, a do bobo que se espanta om tudo e é acrítico e acabei por valorizar a minha experiência, talvez útil para

os que se me seguem. Sinto-me inteligente como se tivesse medo do Mundo, como se ele fosse acabar num instante comigo e eu acabasse por essa via com ele. Por isso prefiro ser óbvio e modesto. Sim, na América também há conventos, seminário, religião, também há sexo, com ou sem isso. Aqui, raramente terei sentido felicidade com uma mulher, terei sentido ocasionalmente, com uma ou duas pessoas, dá-me ideia de que me expunha muito, dava demasiada importância ao corpo a corpo, quando dava a *devida* importância...Estaria condenado a oscilar, como um pêndulo, entre Riachos e Lisboa, durante o tempo que me restava? A cabeça doía-me imenso, ardia-me, a minha irmã tinha semelhante mal, a enxaqueca. Sim, talvez fosse a Sevilha dali a um tempo. Talvez fosse à América. Ou não, sempre para sempre entre Riachos e Lisboa, sentindo-me bem nas duas casas, enquanto que abria a janela para um amor que estava fora desse movimento pendular, dessa rota ... Conversei com o meu sobrinho e senti um aperto no peito, não que sentisse atracção, mas vieram-me à tona da mente uns pensamentos bizarros, esquisitos, que nunca compreenderei mas que analiso à luz da experiência que tive quando tinha a idade dele, é como se vivesse as suas preocupações, inquietações e que embora sendo diversas porque de gerações distintas, seriam fundamentalmente as mesmas. Ao entusiasma-lo arrisquei-me a uma zona que não conheço de todo (e aqui lembro-me do Vitor) e que numa palavra reflecte a minha primeira experiência sexual, que foi homossexual, isso nunca

escondi. Talvez seja por isso mesmo que não consigo encontrar compatibilidade facilmente, não demarquei o meu território em jovem, adolescente, talvez não me tenha esforçado o devido, talvez por apenas amar o mundo como ele é, sem o modificar, tentando, como agora, neste momento, permanecer vivo, deste lado, sempre salvo ou salvando alguém, porque afinal a eternidade do Mundo está no instante em que ele dura, ora se alargando a experiência, ora se estreitando (mesmo em termos do amplexo), ou seja, se quisermos ser felizes temos de abdicar de diversas coisas, a fama e o sucesso é uma delas, embora eu defenda, não digo somente em termos confessionais, que devemos procurar ser conhecidos, mostrar o nosso trabalho, isso é positivo, e tudo depende da forma como lidamos com essa fama, a felicidade depende essencialmente da forma como nos vemos ante a sociedade e da maneira como ela “joga” conosco, não sendo demasiado ambiciosos mas também não caindo no erro de ser “verdadeiro” sempre e de qualquer maneira. Lembro que a sociedade é um circo, um teatro, uma novela de tv, mas também é algo muito mais sério, é o lócus e o panorama da nossa extensão da nossa projecção para além de nós mesmos... Mas, não sendo cínico nem hipócrita, como toda a pessoa que precisa de comer para viver, percebi que havia uma grande falha no meu sistema de pensamento: eu produzira a maior parte da minha obra não estando realmente enamorado por ninguém, embora essa hipótese poderia cair facilmente por

terra, tinha adoptado uma metodologia pouco usual e bastante arriscada para a manutenção de uma relação, digamos, real. Com a idade, a relação com o eroticismo ia-se tornando espaçada, pouco sensível, pouco presente, o desejo já não era o mesmo. Moralmente, eu não podia ser condenado por nada, muito menos legalmente. Mas as pessoas discriminavam-me, talvez por não me misturar com elas e eu usava esse estratagema visual para prosseguir a minha obra e, digamos assim, não perder tempo ... Correu outro dia, ainda não consegui praticamente nada, mas se for a pensar bem, como muitos básicos, terei conseguido bastantes coisas. Um emprego diário, quotidiano, é qualquer coisa como uma miragem, disparo em diversos sentidos, para várias presas, oiço pessoas, em casa e na rua, falar de mim. Talvez seja famoso, conhecido, por diversos motivos, alguns bons outros maus, mas procuro estar lúcido pela manhã, o que leva o seu tempo, sinto que por vezes não tenho doença nenhuma, outras ela morde como um tubarão em que sou a presa fácil, pois estou distraído no meu pensamento, a maior parte das vezes, vejo a OCD como uma bênção que me faz ser correcto, assim, perfeccionista, embora isso tenha nestes tempos poucos sentido em Portugal, mas vai tendo, porque afinal evito males maiores à cabeça e ao coração, abandonado, só, diletante e andrajoso, sozinho a maior parte do tempo, encontrando refúgio na família, quando me custa é quando estou a vencer e isto não em relação aos outros mas a mim

mesmo. Depois, percebi, de uma certa maneira, que me estava esforçando demasiado e que continuaria a fazê-lo até conseguir qualquer coisa, ainda que já muito havia conseguido. Já estou em Lisboa há uma semana. Regressarei amanhã, para voltar dali a alguns dias, daqui a um tempo começa o Mundial de futebol. Tenho receio que o coração do meu pai não aguarde as emoções, eu próprio não tenho andado relativamente bem, hoje, Segunda, deixei-me estar em casa, não sei se vou sair mais daqui a pouco, torna-se difícil conhecer uma mulher em Lisboa e em Riachos é pior... Afinal, filosofia é também uma forma de chantagem, para se conseguir as mulheres sem dote, no sentido levi-straussiano ... pouca gente reconhece isto e não se empenha num ponto de vista ético, porque a ética tem essencialmente que ver com a reprodução e a *jouissance*... nada de misterioso nisto.

Finalmente, naquele dia de quase Verão, percebi uma regra que rege as leis da natureza e da natureza humana, muitos recorriam a leis físicas para explicar o comportamento do homem, as suas emoções e o seu discurso. Ora, a perpetuidade do homem não residia na sua relação com o tempo, coisa que deprimi nem no seu organismo físico-químico espiritual nem tão pouco na sua relação com o sobrenatural, mas simplesmente na sua interacção, sim, a imortalidade depende da simples interacção humana, uma coisa tão banal que nenhum académico ilustrado terá reparado... Mas sim, estas coisas não

interessavam à elite portuguesa, o meu grupo era outro, não desistia, isso mais reforçava a minha intenção de ir aos EUA, procurava sempre motivo de notoriedade, mas parecia nada acontecer, estava vivendo uma espera eterna, não tinha descanso, andava inquieto, nem sequer tinha estabilidade emocional e financeira para escrever, procurava andar sempre ocupado, da FLAD e da Fulbright não vinha notícias, evitava publicar na Academia os meus últimos livros, escritos em pouco mais de dois anos, seis novelas de 180 páginas, em média. Estava cansado, mas continuava. Os meus pais tinham ido a Leiria, ao Hospital, não sei bem se por causa do meu pai se por causa da minha mãe. Estava fora de Lisboa e lá nem uma dama encontrava, aqui pelo menos tinha gente comigo...a minha mãe e o meu pai, com quem me entendia cada vez mais. Chovia amiúdamente, a mãe estava mal disposta, como sempre, o pai ao deus-dará, eu corrigia e afinava a tese, com menos força que antes mas com a mesma convicção, a maior parte das pessoas que não cumprem a sua libido pela realização sexual, acabam por se tornar artistas e tristemente célebres. Ainda que Poulain me tivesse chamado de autista e doente mental, deixava o caminho aberto para ela, mas com bastantes reservas. Em tudo isto, achava ao final de contas de que estava sendo explorado em minhas ideias pela sociedade e pelo meio nuversitário, que não me davam o devido emprego que merecia. Sim, porque desde 1997 que estudava filosofia e não tinhaespecial atenção por parte

de miúda alguma, não tinha grandes amigos ou contactos, e ainda por cima gozavam-me a torto e a direito. Mas eu não conseguia odiar este país, por isso por cá continuava, à espera que surgisse a vaga na Clássica, no ISCTE, da Nova, na Católica, juntando dinheiro para discutir a minha tese, enquanto inseria o texto do pós-doc no corpo da própria tese, que ia corrigindo a pouco e pouco. Estava em Riachos há dois dias, meus pais ainda estavam vivos...Com isto tudo, arrisco-me a ser o melhor antropólogo, filósofo e escritor português vivo. Corrijo a primeira parte da tese da parte da manhã do dia, é Sexta_Feira, adiciono o draft do texto de pós-doutoramento à segunda parte da tese, tornando-a consistente, prometendo a mim próprio não-secretamente, levianamente até, que irei frequentar o pós-doutoramento se tiver bolsa para tal. Aguardo por Manu, a música ambiente é agradável, hoje avancei bastante, tomei um par de Ballantines, fumei menos, ainda penso em Poulain, quero ver um par de seios em breve, senão enlouqueço, não aguento muito mais, através da rede é uma desilusão. Estive com o Calinas e o Paulão, o Bill também o cumprimentei. Adiei o meu regresso a Lisboa sob pretexto que ainda me sentiria mais só do que aqui. É urgente encontrar uma mulher, o amor. Paguei a tv e a net, aderiu a um site de encontros por três meses, carreguei o telemóvel, paguei uma encomenda de livros meus, *O Homem com Qualidades* e a antiga tese de pós-doutoramento, que desejo fazer, não para já, se vier a dart

aulas talvez tenha alcance para tal. O meu Ego inflama, enquanto que estou, na verdade, no mesmo sítio, não fazendo pião, mas como que atirando foguetes para o ar, reclamando a vivacidade do estar vivo. Quando estava já a dormir, desalentado, sentindo-me injustiçado, conheci no site duas professoras que me fizeram recobrar o ânimo e dar motivos para regressar a Lisboa. Depois conheci Vera e estava a acontecer-lhe o mesmo que a mim, ou seja, ela procurava namorado mas tinha namorado, queria sentir-se não somente possuída fisicamente, mas completamente amada e eu desconfio que havia acertado desta vez, mais uma vez, no alvo. Saí com Manu e fomos à Chã, o sítio onde encontrámos o seu pai Artides e Manu falou-me que o pai tardava em transmitir-se, digamos, o testemunho, suponho que iria ser até à última e eu dizia-lhe "comigo é o mesmo". Passava Cranberries e eu deixei-me estar a ouvir... Pouco a pouco, ia desistindo da América, ia desistindo de fazer trabalho de campo fora do país, ou mesmo dentro do país, não sei se para evitar sarilhos se porque me sentia mais seguro assim, desta maneira, andando de um lado para o outro entre Riachos e Lisboa. Não sei também se por paixão da Filosofia, naquele tempo estava escrever abundantemente, enquanto não aparecera uma editora grande e de qualidade. Tinha desejo desde há uns quatro dias mas tentava manter-me calmo, bebi nesse dia algo chuvoso três uísquis e estava com dor de cabeça. Havia sete meses e não tinha estado com mulher alguma, atrevi-me a

ganhar coragem para rever a tese, sabia que lhe podia dar um banho de sentido, no seu conteúdo, mas corrigi os erros de ortografia e guardei essa tarefa para mais lá para a frente. Imprimir diversas obras, entre as quais *O Besugo* e *O Homem com Qualidades*, bem como *Na Travessa do Fala-Só*. Na verdade, em que pensa o homem quando pensa em amor? E em que pensa quando não pensa no amor? Em tolices, certamente, pois na vida só o amor interessa, a aproximação dos corpos, tirando as coisas do mundo, sendo que uma coisa leva à noite e os corpos quando estão na cama são todos iguais, mesmo que tenham uns implantes e outros sejam paraplégicos e outros ainda estejam inteiros. Sentia que não-secretamente precisava de uma terapia para casais, nessa noite Ema não disse mais nada, ausentou-se do facebook, eu ainda esperava por um telefonema seu quando me deitei. Pensei em Serena e Telma, nos planos para dar um tour-de-force nos meus amores aldeões, queria imprimir uns quantos livros, como referi acima, mas o dinheiro estava acabando e acabava por não poder estar em Lisboa tanto tempo quanto desejasse...

Finalmente, cheguei a uma óbvia conclusão: tal como Danny, eu sentia um dilema entre carne e espírito, um dilema entre as mulheres e o saber. E ali estava eu, em Riachos, ainda sofrendo por querer ousar sonhar a liberdade e o amor, a felicidade e o bem-estar. Penso se terei alguma Manu convidou-me, nesses dias, para ir ate Angola, trabalhar ou não. Eu não sabia, estava muito hesitante. Talvez uma vida

normal. Sim, sentia violentas obsessões desde a manhã até à noite, pensei em falar com alguém, talvez mudar a medicação, via bastante longínqua a possibilidade de vir a trabalhar se não fosse ajudado no dia-a-dia por uma pessoa, uma voz amiga. Os meus pensamentos eram violentíssimos, eu estava cansado logo pela manhã, mas continuava, não os tentando negar, não tentando branquear o pensamento. Afinal era essa a estratégia para sobreviver lúcido e minimamente feliz. Andamos todos à procura de qualquer coisa ou então estacámos no amor, na felicidade que procuramos, tentando manter as nossas vidas normais, pois a condição do homem é tudo menos normal e parece que aqueles que são normais são ditados e ditadores face aos outros, instituída que está a crítica a torto e a direito a qualquer um que se destaque, que faça ou represente qualquer coisa de diferente, o que vem, no final, em prejuízo para a coesão da sociedade e, claro, nada se avança, pois há aqueles que se importam demasiado e aqueles que não se importam de todo por essa coisa do bem-comum e do estar em paz consigo mesmo.

Andei quatro dias sem escrever praticamente nada, coloquei umas notas, acerca de diversos personagens a ter em conta, no meu caderno verde, tinha em ordem de liteira mais dois cadernos, um vermelho e um azul, o vermelho meio escrito e o azul totalmente novo, vazio. Dois dias que passei em Lisboa, desde o dia de Portugal, melhor, o dia seguinte a esse, até quase ao dia do jogo com a Espanha. De

algum modo, deixava de acreditar em projectos e ideias mirabolantes, utópicas, românticas, talvez nunca fosse um grande filósofo porque gostava mais das paixões, ainda que a maior parte dos filósofos que conheceu se haviam projectado por essa relação e, de algum modo, eu geria essa diatribe com alguma mestria. O facto de estar sozinho permitia-me especular, relativizar, redimensionar para avaliar da melhor maneira sob o meu ponto de vista. Eu, ironicamente, conhecido por ver porno, entre outras coisas, era daqueles que menos sexo fazia e ainda que isso não fosse mal algum, digamos que até era salutar e explicava também a minha falta de parangonas e artificios mentais, que muitos tinham, tendo mulheres, duas, três e ocupando diversos cargos, Bruno de Carvalho, o presidente do Sporting, por exemplo, mostrava ser um péssimo gestor. E eu, de uma maneira ou de outra, tinha já uma estrutura montada que me permitia alogar, suportar o meu sonho: ir ou não à América não era condição para que não desejasse dar aulas na Clássica ou noutra parte, ainda tinha alguma margem de progressão e tempo, tempo tinha muito, não era de desligar dos meus sonhos, isso me teria levado a estar em Lisboa como uma pessoa minimamente respeitável e que se pode divertir, ainda que não tivesse lá-cá muitos amigos, creio que era uma pessoa válida que gostava da cidade, como muitos, mas tinha consciência disso e no quotidiano fazia algum esforço para fazer coisas válidas, embora não estritamente no campo da arte, para que

a vida na cidade fosse melhor.

Nódulo

Olho a cama vejo o nódulo do edredon onde me deitar dormindo a sesta coma roupa de sair à rua. O pensamento dissipou-se, talvez a fé me tenha ajudado a manter-me neste mundo, por isso dou testemunho de uma coisa que pode ser pouco importante para certas pessoas que só se preocupam em governar os seus bolsos, mas é importante para outras, mesmo que governem os seus bolsos de igual maneira. Ainda assim, apareceu-me um nódulo no pescoço, do lado direito, sei que foi a inactividade do meu Benfica que o causou, como um excesso, uma bola. Já o tentei rebentar, como a um ponto negro, mas estou à espera de uma ordem superior para o fazer. No fundo, percebi uma grande coisa para mim, uma grande verdade consoladora: a consequência de o meu amigo Victor ter partido estava algures na minha solidão. Na verdade, talvez tenha tido uma vida feliz, fui sempre muito ambicioso e isso não ajuda muito nestas coisas da vocação. Depois, percebi que o grande cientista social não é aquele que está na bolha da sociedade académica, mas aquele que cria factos, factos antes demais sociais. O mesmo se aplica ao filósofo, provavelmente o mesmo se aplique, em outra medida e dimensão,

ao actor, ao autor... Depois percebi que Lobo Antunes não passava de um autor que escrevia em desrazão e não respeitava os temo sociais das pessoas, para ele, que era doído, nada mais interessava senão desrazoadamente escrever, como se fosse o melhor, quando não passava de um psiquiatra que se aproveitava da sua condição para escrever e que tinha uma filha muito pouco antropóloga. Eram grandes e refundidas matérias, como diria o meu amigo Victor. Mas continuo. Estou vivo, o resto acontece. Mesmo que nãoa contece, surge na minha mente e isso, desde o inconsciente ao consciente, é um milagre do humano. Enfim, acabei esse dia de Santo António com a impressão de que estava, uma vez mais, sózinho no mundo, mas teria de continuar a procurar o amor, não para ser conveniente, mas porque só isso me faria viver mais.

Naquele tempo percebi que estava a braços com uma luta desigual, a de ter de conquistar um lugar de Professor numa faculdade para mostrar o meu trabalho, mas talvez nem isso me fosse permitido fazer, pelo que continuava a ler os meus livros, que pouca ou nenhuma audiência tinham. Depois, podia estar lá fora, não tinha vocação para ser um cientista social cru e feioso, continuava a lidar com a forma como me apresentava publicamente e nunca fora feio, nem a gora o seria, mas talvez tenham criado um monstro com as recusas e os embates que me haviam infligido...um monstro de saber. Depois, tinha um livro na mão, esquecera-me por momentos das

parangonas científicas. Não me lamentava ter perdido contacto com a comunidade científica e filosófica, talvez por isso tivesse levantado um sem número de questões originais. Fumei um cigarro e fui dormir, o meu amigo que foi teria gostado desta despedida. Estava de novo em Riachos, não sentia aquele nervosismo de caganitas que senti a maior parte do tempo em Lisboa, entre o ficar em casa e o ir até à Baixa, à pastelaria Suíça beber um café e descer pela Rua Augusta até à Praça do Comercio sozinho, sempre sózinho, como se fosse um turista italiano. Em Riachos sentia um apaz invulgar, junto dos meus pais, com quem progressivamente gostava de estar, cada vez mais, de modo a ampará-los nessa etapa da vida. Procurava não me desligar dos livros e via na elaboração e actividade mental uma forma de entretenimento e meditação sobre o mundo. Cada vez mais, nesta linha de pensamento, gostava de viver. E, então, nessa noite, deitei-me em paz, mais uma vez sózinho. Assim, embora não sendo maiormente sucedido, também tenho muitos inimigos, mas não renego o âmago daquilo em que vivo e daquilo que pretendo fazer, no dia em que Portugal empata o embate com a Espanha tudo se desenha para que corra bem essa jornada. Cada vez mais tenho pensamentos válidos filosóficamente a ainda alimento vontade de dar aulas em Lisboa, não só para mostrar o fruto das minhas descobertas, mas sobretudo um modo de vida relacional para com a realidade, seja ela social seja ela real. Receava estar sendo demasiado

insistente a nível social com a minha obra, mil e um pensamentos, todos úteis, desciam sobre a cortina do meu espírito e, sinceramente, eu percebia que tinha de acabar este livros, de uma maneira ou de outra e que a minha OCD tinha a ver com a relação do corpo com a mente. Entretanto, devido à minha abstinência sexual e hormonal, estava vendo as coisas com mais acuidade e clarividência e mais e mais estava sendo eu próprio, enquanto eu relativizava tudo isso e estava perto de finalmente poder discutir a minha tese, pois podia receber em breve, em poucos dias, o meu empréstimo bancário e talvez pudesse então formalizar socialmente a minha própria universidade. Sim, tudo estava sendo sistémico e eu encontrava-me num cósmico ponto de equilíbrio na minha sexualidade, entre o muito e o nada, o pouco. Podia então equecionar viver com uma pessoa lá em Lisboa, enquanto em Riachos tudo descansava e não queria ser oportunista, mas não conseguia dormir, mais e mais ideias desciam sobre o meu espírito. Não me achava especialmente dotado intelectualmente enquanto tinha estas ideias, mas elas surgiam e eu senti estar preparado para dar aulas de Filosofia e isso não iria mudar o mundo, sendo por isso necessário fazê-lo, embora tal não dependesse inteiramente de mim. Ou não. Percebi que se não agisse depressa, levava um murro no estômago do meu sobrinho. Mais cedo ou mais tarde iria haver molho. Mas eu tentava, eu procurava, o certo é que me sentia só em Lisboa e perdera um pouco o tom

cosmopolita dos meus dias. Talvez não fosse apenas o OCD, talvez eu fosse absolutamente genial no meu autismo, ou então não tinha grandes amigos académicos, talvez a minha oportunidade estivesse a chegar e talvez nunca chegaria e fossem as coisas, à flor da pele, ou debaixo dela, mesmo assim. Deixei-me de pessimismos, deixei de pensar em mim, de exigir demais de mim e passei a viver o momento e percebi que o escritor tem um compromisso com o mundo de que não se pode deslindar, também o filósofo tem um compromisso com os mundos que habita, que visita, que percepção, tudo pode ser entendido num determinado contexto e fora dele fará algum dia sentido ter pensado. Ainda esperava alguma de António, mas ele nada me dizia, esperava demasiado dos cientistas sociais, e apenas Danny me falava, repito, há anos que não falava com um antropólogo, com um sociólogo, com um filósofo, com um teólogo, a minha luta parecia não valer a pena, no entanto eu sofria, não sabia o que mais fazer, ao mesmo tempo que gostaria de dar aulas, mesmo que não compensasse economicamente, mas eu continuava desesperado por trabalhar, mesmo que chegasse a Lisboa e não tivesse, pela manhã, vontade alguma de trabalhar, teria de continuar a lutar e alimentava a esperança de algo mais elevado, forte, importante, pelo menos em honra dos meus escritos e das minhas teses e deixava-me viver, ainda que não valento a pena, valia e eu dava sentido a tudo isso, tendo ebbido naquela manhã duas aguardentes e vários

cafés...Depois, fui desistindo da universidade de Lisboa, fartava-me de enviar email, dissera clamente quais as minhas intenções, presencialmente e por email, perdera muito tempo, inclusivé na FCSH afirmando os meus intentos e, como se houvesse uma competição feroz por esses lugares, como se fossem animais torpes, fui desistindo e olhando as coisas mais para Nova Iorque, mais para a Espanha, m na figura da Universidade de Sevilha, mais para os lados também de Madrid...Nem sabia o que pensar, sentia-me fenecer, lembrei-me das peças de Gil Vicente que havia lido na escola secundária, no seminário, percebi que não se pode ignorar o tempo, sob pena de desapontamentos; de algum modo, temos de o domar, de o domesticar, para que a existência se torne mais branda perdurando. Muías vezes, é tido que o cientista social não é actor social, porém ele é-o também de modo inflamado, ele sente as coisas que lhe acontecem tnato ou mais que o mero actor. A diferença é que ele, em certo sentido, não pode fazer grande coisa para além de assistir, é o desfilar dos acontecimentos diante dos seus olhos que lhe causam perplexidade e lhe dão vida, por isso está tão atraído e ao mesmo tempo abstraído da vida do mundo social que é como que se não sentisse os acontecimentos. É, portanto, um fenomenólogo e em certo sentido, não sente, porque lhe é pedido sempre objectividade, por mais subjectivo e moral que tente ser. Estava de novo em Lisboa, não sentia necessidade especial de falhar, de viajar, não

precisava de me encontrar comigo mesmo noutra contexto, social ou cultural, para voltar ao ponto de partida e levar a vida assim por aí adiante. Ainda pensei em ligar as umas pessoas, mas depois percebi que o melhor seria mesmo arranjar dinheiro para discutir a tese e depois logo se veria e nesse sentido teria de trabalhar, por muito me custasse, por muito cansado estivesse. Ou não, talvez continuasse estudando apoiado pela minha irmã, uns tempos cá outros tempos lá, seria a prosa do meu mundo, controlando ou não os acontecimentos. Assim, entusiasmava-me a ideia de estudar um pouco de psicologia social, talvez estivesse à procura do romance perfeito em termos de geometria das emoções, dos sentimentos, talvez mesmo, o melhor estivesse para vir e eu sabia que isso estava muito relacionado com o trabalho, pois não tinha trabalhado por estar doente e por mais alguns bons motivos, mas mesmo doente escrevera obras que desafiam o *mainstream* e não precisava de esforço suplementar para as fazer conhecidas. Mas, mais adiante, descobri uma grande verdade, fruto da minha constatação enquanto cientista social: a felicidade seria uma forma de felicidade (no mínimo seria uma forma de verdade...); enquanto durasse a felicidade, fora ou dentro da zona de conforto, o homem seria eterno, por isso sempre procurava sentir-se melhor, a sua zona de conforto. Os meus sentimentos eram claros e eu não facilmente os tentava apagar de modo a ser cada vez melhor ser humano, mas havia

como que um sentimento de incompletude em mim, a que se juntava o facto de estar em Lisboa há uns bons trinta anos, sim, mas poderia conhecer, depois tive a ideia, ao ver uma página da Universidade de Leiden, de criar aqui em Lisboa um mestrado em Antropologia Filosófica ou Filosofia da Cultura. De modo que descoberta essa “ideia de negócio”, por assim dizer, fiquei entretido a pensar no assunto na minha Oficina. Se para muitos o tempo era ficção, não pensando na contingência e finitude, para mim era um cravo no coração e tinha a forma de vertigem para com o entrelaçar dos corpos.

Nesse dia, que já virara sobre si mesmo na viagem das folhas caídas, eu descobrira outra forma de estar, de ser, ser eu mesmo em todos os momentos, até ao fim. Estava cansado e só, amanhã era o penúltimo dia útil da semana, não sabia bem onde iria, o meu espírito estava massacrado dos dias anteriores em Riachos, bebendo três o quatro uísquis e aguardentes, como se estivesse prestes a morrer mas depois agarrando-me positivamente a uma procura da palavra certa e positiva que me catapultava para uma vida provavelmente maior, mais realizada e agarrava-me a essa palavra depois de pôr tudo em causa e procurava não ser um mendigo da vida, um “clochard” e ainda que as coisas pudessem não estar bem, eu continuava com os meios e as energias que tinha. Eu era

bastante admirado por aqueles tempos, mas também bastante criticado e estava a aguentar bastante bem para a minha idade, para a minha proveniência e origem, além de educação e raça, digamos assim. Ora, notro sentido, fazia sentido a felicidade se temos uma vida, melhor, uma existência, limitada, circunscrita a algumas dezenas de anos, no máximo uma centena? Não é esse o grande problema do homem, para além da tecnologia, ou mesmo ligado a essa questão, o grande problema do homem, a imortalidade da alma, do corpo? Geralmente, não se sabe o que há para além da nossa existência, a não ser que o provemos por nós mesmos e se a nossa alma, o exercício de nossa mente, em felicidade ou não, está circunscrita a uma vida, uma existência, como poderemos almejar a imortalidade, ao menos da alma? Na verdade, ainda estamos, enquanto raça, afinando o conceito de felicidade e muitos vêm misturada na mente uma confusão entre realização pessoal e felicidade. Para mim, sempre foi estar contente pelos outros e por mim mesmo através deles, por meio de mim e deles...Portugal ganhou e está praticamente apurado, passa pouco mais da meia noite, estou aqui escrevendo e lá fora, pela janela, nem uma pessoa passa. Tudo passa...A minha explicação para os males deste mundo no momento actual e de todos os tempos é essencial e nada metafórica ou especulativa: todo o homem quer o poder e não descansa enquanto não controla os outros, nem que seja para impressionar as mulheres, sim, a antropologia tem razão,

muito mais que a psicologia, a psicologia social, a arte, mas a antropologia é também tudo isso, para além de técnica, porém, há homens e mulheres que não querem o poder, controlar os outros, mas uma vida mais recolhida, menos social, portanto, os media e os novos media acabam por tornar social aquilo que por natureza não o é, desvirtuando-o, mas os media e os novos media não são afinal reprodução do pensar, em certa maneira humano? Enquanto que, no comunitarismo, o sujeito que quer uma mulher sente-se, por um lado mais à vontade para arranjar, no capitalismo liberar tolera-se, ou não, por vezes, a própria pornografia tendo em vista o controle das energias libidinais, estando-se a lidar com diversão e reprodução, ou seja, os humanos racionalizar qualquer coisa que é da esfera do espiritual, o sexo, a sexualidade, por modo a chegar a que objectivo? O controle de todos por todos? Esse fim é verdadeiramente medonho e diz pouco do que é o homem, dos homens que vão vivendo a sua vida normalmente, e não se revoltam por não conseguir ou conceber uma forma ou outra de se tornarem chefes, os maiores. Veja-se o caso da seleção, atribui-se a Ronaldo uma forma de heroicidade que vai anular os outros jogadores da equipa. Ora, ele decide jogos, é certo, mas sem os outros nada seria e na verdade, os outros, na sua grande parte, são também grandes jogadores. Este é o meu ponto de vista.

Tem graça

Andando de um lado para o outro, numa modalidade de importância de muita coisa, fiquei abstraído da modalidade do social normal e embarquei numa viagem por mim mesmo, reiterada a mim mesmo, ainda que evitando o sofrimento, que não me turvava o coração, entre teorias proféticas e razoabilidades mínimas, na forma do conseguir porvir. Fui habituado a vencer e tal já dera lugar, mas eu queria mais e esse mais seria o quê, para além de uma alma que se juntasse à minha, de um corpo que se rendesse a mim mesmo? Depois, percebi, o meu espírito afeiçoava-se às coisas do sexo porque precisava de estímulos, eu precisava de manter o meu cérebro em actividade com imagens de prazer e isso, percebi, não era necessariamente patológico, de algum modo supria uma falta, mas, tirando a moralidade, mantinha o meu cérebro a trabalhar e crítico, bastante crítico face a mim mesmo e aos outros e isso não seria necessariamente mau, portanto podia ter uma perspectiva diferente sobre os meus dias de visionamento. Mas algo estranho se passava, talvez a maioria das pessoas também estivesse mal, estivesse pior do que eu. Talvez, e não queriam dar o braço a torcer, na sua maior parte, como eu dei em tempos. Notava que, tirando Manu, ninguém me dizia nada a propósito de nada, nem Danny,

ninguém, ninguém mesmo. Depois, mais adiante, percebi que a maior parte das pessoas aqui deste contexto, independentemente da idade, tinham uma visão foliona, teatral, circense, da vida, como se precisassem disso para sentir o sangue nas veias, viviam indirectamente (life, indirect), ou seja, por reflexos da realidade e isso estendia-se às relações amorosas, encontravam-se para picar o ponto, digamos assim, e viviam de costas para o mundo. Mas isto não tem jeito, talvez esteja sendo injusto. Depois, comecei a contar os meus inimigos, em Riachos e Lisboa, é certo que os tinha, muito por inveja daquilo que eu era e representava e pressentia que as mulheres não se aproximavam muito por isso, ou não sei porquê, talvez não houvesse, neste estado de coisas, ninguém para mim e, ao contrário de mim, todos estivessem loucos. O meu sobrinho não estava, tinha receio que pudesse sofrer mais do que aquilo que eu sofri, mas continuava, confiando numa espécie de demanda em busca de qualquer coisa de que nunca saberia verdadeiramente os seus matizes. Sim, a maior parte das pessoas era folionas, intriguistas, maliciosas, não levavam a vida a sério e a literatura e a filosofia prestavam-se facilmente às suas safadezas. No fundo, eu sabia o que se passava e toda esta situação era de fácil diagnóstico, por exemplo, quanto a mulher, todos mandavam tópicos mas quando me aproximava de uma em particular, ela desistia. Havia qualquer coisa de conspirativo e o facto de eu ter descoberto certas sociais

no âmbito social, em termos de ciência e filosofia, não vinha a meu favor, economicamente, profissionalmente, talvez fosse um preço que tivesse de pagar, não ter emprego nem mulher. E então via outros e pensava...caramba, estamos no século vinte e um, ano de 2018!!!!..... E os que grassavam no tempo ficariam, além disso, tão ou mais famosos do que aqueles que se sacrificavam pela sua obra, pela sua noção de eternidade autoral....No fundo, talvez estivesse apenas a estudar dois ou três actores, a sua aproximação desajeitada e medrosa, a sua falta de jeito, porque em geral, o actor faz o que quer, é refundido, como diria uma amigo meu, e depois ainda quer prémio, fama e dinheiro. Nisto tudo, ainda, ele prossegue a fecilidade? Não será o mais lúcido e humano dos seres? Por isso nos causa tanta atracção o mundo do espectáculo, o mundo do desporto. Porque, em certo sentido e dependendo do contexto, andamos à toa, ainda que à tona, não olhando para nós mas para o outro ora como se fosse bandido, ora como se fosse um herói, um novo Cristo que nos vai iludir de bondade, vontade e lucidez. Todos procuram e se espantam pelo furo jornalístico, pela notícia bombástica, como se o fim do mundo fosse sua salvação. No fundo isso, a falta de sentido colectivo, é uma forma de cegueira, numa sociedade biopolar, que conduz a sujeitos bipolares. Se olharmos para a civilização grega, fundadora da europeaneidade, foi isso que ele nos trouxe: ora a tragédia, ora a comédia, nunca o meio termo. Tivémos de esperar pelos

autores franceses, espanhóis e portugueses, como Gil Vicente, para vermos e lermos matizada essa bipolaridade nos termos da tragicomédia. Na música, hoje em dia, há liberdade total, nesse sentido, como na literatura o que lhe traz ao mesmo tempo fraqueza e força, uma debilidade sentimental que acaba por ser frutífera sem o parecer, que acaba começando por ser bonómica e tradutora de direitos das minorias. Procuramos o ponto, a afirmação, quando não é isso o mais importante na vida. Olhem para mim, deixo as mulheres para os outros, e no fundo tenho mais potência e desejo que todos os outros juntos, ao lado da arte de sonhar, dormir, seduzir. Masturbo-me e não tenho mulher, ao meu beneplácito muitos se vangloriam. Isto não é triste, é belo, porque o humano tende a ver a natureza, que transporta e observa, entendida como normal, como uma espécie de encaixe metafísico, quando a vida é não menos nem mais do que um enxerto metafísico, ou seja, extirpar um pouco de vida da planta receptora para infundir vida da sua exterioridade por meio de outro ser, outra planta, a fim de lhe dar mais vida e para que as duas se fundam numa só. Se são diferentes, distintas, iguais, pouco importa. A mim pouco me importa isso. Portanto, há uma forma de expressionismo nesta sociedade actual, as pessoas tanto expressam que se sentem ocas, sem felicidade, tanto fazem orgiaas, missas campais, tudo o mais, para além do dinheiro que malbaratam, que acabam infelizes. E querem saber que mais? A vida não tem sentido, não tem sentido

algum, digo-o enquanto antropólogo, não o deveria dizer, digo-o enquanto filósofo e escritor. Não tem sentido nenhum e o maior desafio é saber administrar não a casa e a mulher, mas a sua própria liberdade. Nascermos livres e vamos aprendendo, é duro, não é fácil, numa sociedade que quer produzir heróis muitos acabam mortos em combate após a queda desse sentido de heroicidade. Ora, a figura do herói, não sendo senão um mito, está desaparecendo, já não se usa, os heróis de hoje não são os de ontem, como era o eremita e o sábio russo, o herói de hoje é aquele que mais sexo e sexualidade distribui. Sim, estamos um pouco na ressaca do freudianismo e isso, a meu ver, é bastante redutor, não informa sobre o que é o ser humano, capaz de bondade e compaixão. Mas isso existe na América, claro. Na verdade, sentia naqueles dias que estava deixando de ser antropólogo. Fizera trabalho de campo produzira teoria, é certo, mas não queria ir para o campo da literatura de chofre quando percebi que ela era anarca e eu próprio estava nesse caldeirão de cultura e era também como que um anarca civilizado. Sim, era bonito, não era nada infeliz: um tipo como eu, que não tinha timidez quase nenhuma, vivia sem mulher e sem emprego, um pouco baralhado pelos adversários, não estando bem ciente do que havia conquistado porque na verdade não era dessa terra, era algures de uma entre a Galiza e Alicante. Que terra seria essa? Madrid? Talvez. De modo que se pode concluir que o humano, o ser humano, tanto

se realiza no movimento, no Devir, pelo Devir, como por aquilo que eu chamo de Vão da Existência, ou seja, um lugar tanto de descanso como de transformação, um estado de espírito residual assim como a cerveja e o vinho precisam de fermentar. Longe de mim exigir ao povo português alguma forma de dádiva, de esmola, de beneplácito. O que conquistei foi, não só permitido mas propulsionado, por muita crítica e condenação, no entanto talvez tenha perdido mais em não ser como muitos, facilitista, sendo que o fui muitas vezes, facilitador até, mas conquistei o direito a viver e não mais estou apressado, o amor não vem facilmente, aliás, como muitos dizem, e nem sequer trabalhei. Depois, percebi que o comportamento sexual, em termos contextuais neste meu período de análise em termos de espaço-tempo, não tem qualquer ética. Depreenderia que nos deveríamos abster do sexo para termos ética? A questão está mal colocada? Colocar-se-á o termo, quero dizer, pode-se ver o sexo em termos de qualquer coisa que não é ético? E aquele que tem uma em casa e duas por fora? Isso é ético? E aquele que é fiel mas desenvolve uma doença nervosa por falta de parceiras? Hipocrisia dos media, hipocrisia de certas pessoas, que querem impôr comportamentos para manter uma certa ordem, uma certa forma de poder e imposição. A aquele que se masturba com porno, isso é ético? É feio, depende dele arranjar mulher? Para quê, para ter um inferno todos os dias na tv para ver como e fode com a mulher? Sim, virtudes

públicas, vícios privados, provados. Diria mais, falta de conhecimento da natureza humana e de respeito para com o outro. A ética é sempre bom para os outros, portanto eu desenvolvo um conhecimentos ecreto dos outros enquanto me torno famoso. Sim, porque a maioria não se abre com uma folha, não entrega quase nada ao outro, não abre o peito e eu mesmo me podia manter como antropólogo e desenvolver uma certa forma de conhecimento, uma certa forma de domínio, estudo e gozo, como fazem comigo. Não estou preocupado com isso, a vida é muito mais do que antropologia, filosofia, arte, técnica. Ela, se a quisermos seguir e descrever, é qualquer coisa que se percebe, que se persegue e que raramente se manifesta, porque talvez não esteja sequer em nós, fora os antropomorfismos, tropos da alma doentios. E que descreveríamos de um cenário sem vida? Permite a vida que temos em nós, neste corpo animado pela anima, apenas descrever? Não estamos ajuizando a todo o momento sobretudo quando não temos direitos básicos? E ir além disso e ainda por cima ajudar os outros? E os inimigos? E um pouco de reinação? Se tivessem passado por coisas que eu passei decerto relativizaria muito mais a vida que vos é dado comportar tal como aquela que vos é dado observar, pois éla é gravidade, respeito, divertimento e não pólipos explosivos em qualquer lugar. A vida é ordem ou caos, então? Eis a grande interrogação do momento neste verão incerto quanto ao Tempo

O Renascer de Uma Esperança

De algum modo, eu sabia que o segredo de todas as coisas estava na filosofia, porque não era uma coisa viciante, era como que uma dádiva, tal como a própria racionalidade, do Deus, dos deuses, de Satanás, Krishna, Maomé, pouco importa. Depois, aponteí umas ideias no papel, o meu quotidiano minimamente criativo, estava entre o caderno de notas, o azul, desta vez, e o computador. Escrevera uma página com bons parágrafos há dois ou três dias, que não trouxera na pen no comboio, perdão, no BMW de Manu. Sentia que perdera muitas oportunidades, logo de início, mas também, para gerir a energia, ditando este meu relato acerca da pessoa que julgo conhecer melhor, eu próprio (diria o filósofo Sócrates), mas sentia também, que tinha mérito e coerência naquilo que fazia, desistir facilmente de tudo seria o caminho mais indicado, a fim de durar, para preservar a saúde da minha mãe, que tanto me dera e apoiara, como nenhuma namorada. Por exemplo, Lisboa não tinha isso, as pessoas lamuriavam-se por tudo e por nada e o mirone via isto como uma forma de primitivismo, tipicismo e parolice, enquanto outros fazia filosofia acabrunhadamente, ganhando bastante com isso em diversos domínios, eu chamaria a isso o lado perverso do género

humano e havendo vistualidades numa dimensão espectacular da vida social, havia muitas coisas a lamentar, nomeadamente um forma de oportunismo e sacance, que premiava o chico-esperto e insultava aquele que levava a sua via em paz e normalmente. Nos media, o canal dois estava entre a SIC e o primeiro canal estatal, ou seja, cultura é foda. Não poderia discordar mais, cultura é religião e religião não é foda. Depois, percebi porque é que todo um povo de repente estava preocupado com os cães: é que o me fizeram a mim nem a um cão se faz. Depois, com mais calma e atenção, percebi que não podia dizer mal dos antropólogos, sociólogos ou filósofos a torto e a direito porque, sem dúvida, ainda era um deles e, na verdade, sem ter tirado literatura, esta ajudava-me a canalizar a minha energia negativa para fora de mim, para quem estivesse no bom (a)grado de a receber, mas percebia que a minha literatura, a minha filosofo (talvez), a minha antropologia (certamente, antes de mais sob o ponto de vista filosófico), era bastante superior à de muitos e mesmo que não estivesse no direito de impor alguma coisa a alguém, num certo cheque mais ou menos mate, como os meus livros pagos por mim mesmo e sem favor, tudo isso que fazia consolava-me mais do que muitas fodas a torto e a direito ou muitas com a mesma durante anos. Estava tornando-me um Luiz Pacheco? Não, mas tinha mais mérito que Agualusa, Mia Couto ou Gonçalo M. Tavares, mais do que Luísa Costa Gomes, Luís Quintais, talvez tivesse mais mérito do que Lombo Antunes e

do que Saramago, mas não estava disposto a investir muito mais porque a coisa estava ficando feia na minha cidade, todos estavam se tornando escritores e cientistas sociais e esta cidade não merecia isso. Mas há mais: deus velaria por mim e deu-me uma grande vontade de aparecer na New School. Só pra os mandar foder. Por fim, cheguei ao ponto axial da minha questão: eu corria perigo de vida, não sei bem explicar, mas isto tornara-se numa coisa medonha, só por causa de um lugar de professor na Universidade, fosse de antropologia fosse de Filosofia. Eu lia os autores, literalmente, não tinha mediações nem colóquios nem coisas de baras catódicos, ous eja, era um puro, mas não precisava de puxar mais, no fundo talvez fosse isto uma mera questão levi-straussiana da luta pelas mulheres, talvez a sociedade estivesse doente e eu era especialista em doenças, mas o vizinho de baixo falava de mim como se se tivesse informado com antropólogos ou coisa parecida sobre mim, que eu queria ser, que lhes dava valor, quando sabia que eles não se importavam com isso e que afinal a minha guerra era só entre mim e mim. Portanto, se quando pedi um doutoramento honoris causa no ISCTE me puseram um advogado à frente é porque tremeu muita coisa e muita estava naquele momento a tremer e não era só a terra, eram as consciências, porque eles fugiam, tinham medo de mim, várias pessoas retiravam a amizade no facebook, tal como eu retirar a várias pessoas, não havia mal nisso, mas o certo é que quase toda a população letrada

do país estava atreita a conhecer a minha obra, não podia ser mais evidente, estava na net, em todo o lado. Ainda assim, nada diziam aos meus emails. Tinham receio que eu não cumprisse? Era preciso beber uns copos com eles e falar das desilusões da vida? Não! bEles tinha medo, porque afinal me discriminavam por ver filmes pornográficos, de certo modo falavam entre eles e eu representava uma ameaça para os seus interesses, logo eu, sozinho, era um perigo, eu? Em que sentido? Em sentido moral, telemático, em termos de panpsiquismo? Nunca fora bastante físico nem bastante intelectual, mediúnico, mas toda esta coisa do emprego estava me desgastando, bastava desistir e ir para Riachos descansar, ser eu mesmo, mas eu não desistia, era mais forte que tudo, oncuindo eu mesmo, apenas eu mesmo. De modo que me deixei de coisa, sempre estive habituado a pensar pela minha própria cabeça, no fundo eles e as mulheres deles apenas queriam que eu morresse, apenas viam em mim um animal sexual, quando muitos autores, HOJE falam abertamente da sexualidade. Talvez tivesse apenas medo da morte e eu fosse o mais corajoso de todos no mistério humano do intercurso. Sim, talvez fosse apenas uma questão de discriminação, por me conhecerem da aldeia, sim, talvez fossem apenas os aldeões do meu pai que me tapavam o caminho, ou o meu pai, acredito. Essa é que era essa. Portanto, decidi desistir do projecto de dar aulas nas várias universidades por onde andara, Católica, ISCTE, Nova e Clássica, Dali em diante apenas

daria cursos privados. Caput, havia arriscado muito ao expôr-me, confiei em demasia em todas as pessoas, via telefone, digital, formalmente, presencialmente, muitos estavam apenas à espera que eu me espalhasse, os meus livros não eram vendidos por uma grande editora, o mundo estava-se transformando num universo perigoso e super interessante. Mas o que é interessante desgasta as pessoas e eu nunca me deveria ter desgastado, em sentido nenhum, sempre tive um pensamento límpido, forte e claro, não sabia porque nessa medida haveria de mudar e enquanto escrevia tinha uma tese para discutir, vários livros escritos em poucos meses, toda uma vontade de ensinar os mais novos. Isto era uma vergonha, não para mim, mas para quem me ensinou, me rejeitou, me pôs de lado ou simplesmente ignorou. E, do outro lado da rua, um homem tão bêbado quanto eu dizia: “Ele acredita e sabe o que é ser português. Porque não o é”. Desceram as palavras e as ideias sobre mim, fez-se silêncio e dali a pouco percebi que não havia no mundo melhor definição de antropologia, porque eu teria ido estudar essa ciência acreditando na antropologia portuguesa...

Tentei entender então porque é que certas pessoas não se preocupam em expressar os seus sentimentos, os seus

sentimentos e ficariam retidos na sua consciência e entendimento apenas do ponto de vista egoísticamente estratégico. EM nome de quê? Não fui muito adiante nessa indagação, mas percebi, pela minha experiência, que são poucos neste país os que acreditam na palavra, no conceito, na troca de ideias a propósito de uma coisa importante, a cultura, sendo que notava que apenas se debruçava sobre ela o canal 2, quando os outros canais apenas deitavam coisas banais como futebol, telenovelas, política. Perdi o rastro, não sei se o voltarei a encontrar. Mas estava furo, procurava conter a minha raiva e mordi o lençol com quanta força podia, mesmo não tendo tatuagens, mesmo não podendo dar sangue pois tinha certas substâncias no meu organismo que podiam enfraquecer e confundir um potencial dador. Depois percebi que enquanto uns eram moles, outros eram duros, tendo estado no seminário ou tendo ido à tropa ou não. Nestes tempos, a dureza de carácter não era aconselhável à saúde pelos mais diversos motivos, pois as miúdas fodiam com velhos e os novos com velhas que lhes davam sustento, tudo na base e razão de uma lógica de mercado libidinal franchisado. Pobre Freud. Valeria a pena, então ser duro? Gostam os duros de jazz? De arte? É claro que sim, são águias que vêm fino e longe os sarilhos, como os polícias, mesmo quando lhes sia um pensariho... Entendi também que não arranjava mulher não porque via porno, dez minutos uma vez por semana, o que prefigurarei o crime perfeito, ou seja,

vamos tramar este tipo, portanto não era falta de jeito minha, era uma conspiração que era difundida pelos media de modo a pôr a população contra mim. Depois chamavam-me doente, os doentes. Há coisa mais estúpida, um doente chamar doente a alguém? Eu ao menos era sincero no que dizia, no que escrevia, não receava nenhuma espécie de julgamento porque sabia, mesmo isso me prejudicando, que não tinha porque não me deixavam ter. E pode isto acontecer? No fundo, seria esse elemento patológico, digamos, que ia em meu desfavor. Interessante...Mas boom. Depois, vivia uma crise de existência enquanto autor: nunca havia descrito uma cena, um set, puramente literário, com atenção vagarosa aos pormenores, o que dava imenso prazer a ler, reconheço, devo desculpar-me com o meu transtorno mental, cujas imagens, meramente fotográficas, apareciam à mente tal qual flashes instantâneos? Sim, tinha uma mente justa e cinéfila. Escrevia um pouco de filosofia, mas depois de muita observação, eis a minha mania de antropólogo...mas talvez tivesse aparecido a um estilo próprio, talvez fusão, talvez incerto e ainda bem que vagabundo fosse...

Tubarão Branco

Acredito que portava em mim uma espécie de doença, o síndrome do pastor, poderia chamar-lhe, gostava de todos os homens, de todas as mulheres, sendo uma espécie de padre secular que não leva a lado nenhum e talvez por isso pudesse amar qualquer mulher. Mas elas eram cada vez mais esquisitas e exigentes, porque estavam tomando o poder etc coisa e tal, tudo bem, era da maneira que eu dormia melhor, tinha a cama só pra mim, podia imaginar. Via aquelas pomadas para o pênis e os tomates e pensava, puxa, eu só preciso de dois dias e muito trabalho de imaginação pra criar um bom material. Só isso e o meu velhote era igual a mim, tinha 76 e ainda molhava a sopa na minha santa mãe. Sim, percebi que não era um tipo realmente possevo face às mulheres, dava-lhes espaço e tempo, aprendi a não as sufocar com questiúnculas, um misto de chinês e americano com uma bela vergalhota, ora aí está, tás a ver, afinal o homem teve um bom bacamarte, um bom sarrafo e ainda tem, tão a ver? Enquanto a maior parte só se preocupa com a imagem do social, o sujeito fica feliz consigo mesmo, para dentro da sua concha de felicidade, porque percebe as manhas daqueles que querem modificar a sociedade à força, à luz de certas teorias para encher chouriços, e não deixam as pessoas viver descansadamente. Enfim, ateus.

Tudo o que sabemos é uma impressão nossa, e tudo o que somos é uma impressão alheia.

Fernando Pessoa

Eu punha a coisa ao contrário e não distinguia a impressão nossa da impressão alheira. Depois, mais adiante, percebi que a maior parte do pessoal da minha idade estava passado da cabeça. Teria sido devido a quê? Viam porno como eu? Eu sentia-me lúcido e mais inspirado do que o actor no filme americano que tomava uns comprimidos para ter lucidez para escrever, tentava-me a escrever toda a vida, e sabia que não me estava a enterrar, embora estivesse, toda a minha obra nunca seria conhecida, helás, iria comigo para a cova e ainda bem, porque sem vocês saberem eu levava comigo uma medalha a Caronte...

Sem se aperceberem, os portugueses estão deixando a fé, Fátima e os canais católicos são uma ridicularia, uma coisa existente que nem sequer acontece, enquanto a classe mediática e do showbiz diz mal de tudo e de alguma coisa, mal-entendendo a figura do Deus, do Cristós, promovendo os judeus em Portugal e ao mesmo tempo fazendo proliferar atitudes nazismas e xenófobas. Já disse, o racismo é uma questão económica, não tem a ver com crenças ou hábitos mentais. Enquanto se defende Cristo, por um lado, condena-se

os que exerceram má~fé contra os judeus, que são o mal de grandes desgraças, mas isso também os católicos, por estarem tapados. È preciso entender o cristianismo como fenômenos social e até agora ninguém o fez... Depois percebi, eram elas que me queriam mal, talvez porque me desejassem, toda a minha vida tinha andado à volta das mulheres e ainda por cima me chamavam tarado, isto na sociedade de hoje, os jovens acham-se deuses, querem sempre foder o outro, não há espírito de solidariedade e elas, dizia, queriam que eu fosse uma espécie de monstro antropológico, um assassino e eu nem sabia para onde fugir, nem sequer pra comprar um maço de tabaco tinha dinheiro quando só queria um emprego, depois percebi que tinha de lutar contra aqueles que dominam, essencialmente porque eu nunca quis dominar, ou seja, nunca precisei de me sentir socialmente importante pra ter um tesão duro como um pêro. Sim, a coisa estava ficando medonha, ao ponto de eu fazer um julgamento de todos aqueles que vira fazendo sexo e que gozaram comigo, talvez fosse um macho ressentido, doente estava Lisboa, afinal tudo parecia fácil, excepto para mim e ainda tinha de fazer esforço para conseguir alguma coisa, sim, pensariam que seria um monstro, mas talvez fosse o melhor antropólogo e escritor do mundo inteiro....Filósofo logo depois se veria. O certo é que muita gente gozava comigo e as cenas interestaleres apenas funcionavam com tontinhas que gostavam de voar, alguns haviam retirado a minha amizade no facebook assim como eu

havia retirado, mas há quatro meses que dormir sozinho e assim queria continuar, graças a Deus. No fim de tudo, ouvia Sonique e preparava um dos últimos álbuns de Erasure, para me tranquilizar. Estava perto de Nova Iorque, sabia disso, não sei como aconteceria, mas sabia que iria acontecer, mais cedo ou mais tarde, moderadamente, pacientemente, como uma planta que lá nasce. EU nunca me droguei para escrever, todos os medicamentos que tomara foram para consertar o que me diziam ser um distúrbio de personalidade, por isso eu acatava o pensamento controlador europeu português, porque só queria ser português. Mas não era, não sou, nunca seria, apenas no papel. Sou espanhol, e sempre serei, no mínimo francês. Não me esforço mais, acuso os outros de falta de ética. Afinal, não vivemos numa inteira sociedade? Há algo que estranhar? Eu vou para os EUA quando estou no meu auge das qualidades literárias e no devasso inferno da aceitação social? Há qualquer coisa de mau nisto, de danoso, tenho de esquecer a comunidade antropológica, a filosófica também, a literária logo se vê, estou sendo farto de ser escritor, nem na América isto aconteceria, eu seria escritor e pronto, responderia sobre isso, mas... não é isto a América? Não é a América um lugar fora dela mesma, ou seja, uma potenciação dela para além do seu território geográfico, extra-muros? Sim, eu finalmente havia-me vingado do alheamento dos meus colegas face à minha condição e potencialidades: a perspectiva deles da antropocena era classista quando a

minha era meramente técnica. Sim, eu erra burro, mesmo burro para aguentar uma devida situação em Lisboa, para continuar acreditando na cidade, era burro, mesmo burro, muito burro. Vi uma miúda gira, pefeita para mim, aparentemente, falei com ela, “Você está à espera de alguém?” Custou-lhe ser sincera, mas for. Por outro lado, não abordei muito mais gente e isato tudo, esta minha escrita, não passa de um registro antropológico de um etnólogo literário numa cidade do Sul, civilizada, milenar, educada e bastante interessante mesmo aos olhos de um madridista. Depois, deixei de ter seriedades e de ser calculista, o melhor romance é aquele que não apetecia ler, porque era a verdade, tal qual um cagalhão vertido do cú, como santa sapiência lá dizia o Victor, o meu hom ónomo de quem tantas saudades tenho, dispensava a circularidade e ascendência social em nome de uma boa conversa com ele, embutida no tempo, sim, isto não pode ser uma *vendetta*, mas é-o, de certa forma, mas eu vou pela via sibilina, é esta a minha forma de fazer literatura. Sim, esperavam que um antropólogo fosse um pelintra, mas não é, como muitos outros que defendo, cuidem-se vós que eu até não tenho emprego e posso fazer e dizer o que quiser. Na realidade, posso ter o emprego que quiser, inclusivé corretor da bolsa de Nova Iorque. Pá. Para mim, a homossexualidade masculina não tem nenhum mistério: quando estamos muito tempo num sítio e não somos agressivos, acabamos, de uma maneira ou de outra, por preferir o mesmo

sexo, porque há um sentido de libertação, excesso e catarse nos exo. Daí, tornamo-nos seres chatos, desinteressantes, sempre insatisfeitos porque fazemos demasiado sexo, no século, e nada nos consola. Vamos abandonando a pouco e pouco a religião, a única coisa que nos pode salvar, sobretudo a religião de pensar pela própria cabeça, o que nos traz, no século e *ad eternum*, bastantes inimigos, mas também amigos para a vida, pois entendemos a complexidade do mundo e que nem tudo se reduz ao homem, portanto, é bom estar por aqui enquanto tal dura e aprendemos todos os dias a estar por aqui, da bondade e maledicência das pessoas, mas também do respeito e consideração pela vida. As gerações mais novas vivem o instante, o momento, muitos não estão cientes da sua responsabilidade até terem de fazer face às suas despesas quotidianas.

Se Um (Só) Nome Bastasse

Fechei duas janelas, mais uma vez chegava a casa sem ter conhecido ninguém, por mais maravilhoso que fosse o mundo social. Acabara o vinho, tinha dois cigarros, o meu e o do outro, mais uma vez sentia que podia, com tudo isto, com toda esta argumentação literário-científica, chegar à América. Insultei bastante gente nesse dia, turistas, no aeroporto, ao Deus-dará, mas, encontrando justificação para tudo e mais alguma coisa, ainda estava desempregado, o meu Curso de Filosofia da Cultura não tinha ainda aluno algum, pouca gente acreditava em mim, creio que o mainstream não ficara alojado algures na alma da década de oitenta. O talho em frente a casa ainda estava aberto, eu fazia as minhas coisas, as coisas que faziam, tinha pena de não ter um enclausuramento tácito na academia para ensinar filosofia, mas sentia que era perigoso demais para o fazer, nem que fosse por direito próprio e, tolo, tal qual um brasileiro estúpido, só queria que a selecção ganhasse. Depois, mais adiante na minha caminhada, havia pessoas que não brincavam em serviço e isso não tinha de uma maneira ou de outra com o facto de serem ou não deuses, ou diabos, de terem ou não fé, ou fezes, isso eu já traduzia, além de Saramago, além de Lobo Antunes, Portugal the Man e depois, quando baixei a

fronte grega, estóica e espartana ao mesmo tempo, lembrei do tema “Into my Arms”, de Nick Cave e percebi que estava na quinta errada, a minha quinta não era a literatura, pois nesta tudo vale e na antropologia era ainda pior, na filosofia nem falar e eu percebi isso e para conservar a minha inocência e poder aspirar ao amor puro, recuei, sob perigo de vida e ainda que fossem intelectualmente refinado e elaborado, para mim não valia tudo, a vida, a sequência, a consequência, eram mais do que tudo e não mais faria de Lisboa a minha aldeia, longe dos esquecidos Riachos, sim, tinha saudades de estar perto da minha mãe, uma santa, quando muita gente se servia da ciência social para perverter as regras do jogo e transformar tudo isto num curral de porcos e vacas só pra escrever o melhor romance, ser o melhor, o Púlitzer, o vergílio ferreira, o Leya, o Camões, o São Carlos. Pouca vergonha. Depois, mais adiante, deixei de ter o sentido oportunista do preto, do loiro, e deixei-me estar, eu, morano, calmamente navegando no mar da tranquilidade. Nada podia obstar. Depois, percebi apenas que a maior parte dos meus inimigos seriam antigos seminaristas, ou seja, mereciam, uma boa cabeçada, quando eu raramente desrespeitava um polícia ou um comando... Não sabia sinceramente o que fazer, o que dizer, reiterar o meu currículo de nada servia, liguei a Danny e isso animou-me, como que me consolou, mesmo sabendo que o seu pai estava mal. Também o meu podia vir a estar, mas tudo bem, não levei o

caso a sério. Na verdade, estava apenas escrevendo coisas sem nexos, entre a exactidão da psicologia social, da sociologia e a ficção, antes fosse fricção, talvez estivesse entrando em depressão, ou paranóia e sonhava que a minha escrita, literalmente, fosse premiada, pela minha pretensa acuidade em vislumbrar a natureza humana, o que quer que isso fosse. Abri-me com Danny, ele parecia pouco interessado em me ajudar, tal como o meu irmão, tal como a minha irmã. Sentia-me cansado. Quem sabe o pudesse ajudar nas horas de aflição, mas duvidava disso. Não estaria quando ele estivesse precisando, porque sabia que ele não faria o mesmo por mim, como não fez, tal como vários em Riachos, no café, durante os anos que estive em baixo, deprimido, quase morto. Sim, fora agressivo verbalmente no metro, na rua, mas tudo isso fazia sentido quando eu me sentia injustiçado. O meu TOC era uma forma bastante especial de controlar as ideias agressivas, que eu tolerava bem mais do que as outras, portanto sempre fora um ser temerário e nunca tivera grandes razões para o ser. Era tempo de trazer tudo isso à superfície, pois notava particularmente que muita gente gozava comigo, não podia ajudar todos mas poderia ajudar bastantes e isso me traria recompensa, como se fosse um cão pavloviano. O caso é que, no acesso ao emprego, havia-me tornado um ser discriminado, mas também na forma de pensar, enquanto especialista de várias profissões. Os meus livros eram livros, pela net ou pessoalmente, mas ninguém os

comprava. Teria sido por ter roubado alguns? Por forma de entender a propriedade intelectual? Não, não estava enterrado nem na lama, estava no auge das minhas forças psíquicas e físicas, no auge da minha carreira intelectual...Mas bom, estava cansado, não sei bem de que causa me podia armar para lutar contra o mundo. O mundo estava na minha cabeça, o meu Eu na cabeça do mundo. Contudo, isso não era nada face àquilo que tinha ainda por realizar. Lembrava-me frequentemente dos meus sobrinhos, em especial do Rafael, que via como que uma espécie de Victor misturado com Luis na relação com o mundo, na sua descoberta, nos eu divertimento. Nem todos os povos possuem a capacidade de sofrimento que nós temos e ao mesmo tempo a capacidade de diversão, de descobrirmos os outros. Somos, de algum modo, um povo da Terra-Média mas longe da Idade-Média, hoje os tempos são outros, as descobertas são sobretudo tecnológicas, médicas, telemáticas, cinéticas. Enquanto alguns fazem dos exo sustento outros preferem nem o ver, outros, poucos, sabem dosear essa explosivamente controlada e espantosa energia, que tem muito que ver com crenças hindus, por exemplo. Sim, a antropologia estava certa, sempre o teve, não tive o à-vontade, de tanto querer, para o assumir. Agora é tarde, talvez faça ainda um pouco de filosofia, com trabalho árduo, ou, na melhor das hipóteses, de quando em vez, algo da fusão ou da relação das duas. E, acima de tudo, talvez me sobre tempo para alguma literatura para descobrir

outras disciplinas menos centradas no homem, menos centradas na psique, um pouco de agricultura, como os romanos, para gozar um pouco a vida, um pouco de religião, não a minha, pois não preciso disso, para que tudo continue na mesma e eu nem sequer fique, com os outros, com a mínima ideia de que por cá tenha estado. Percebi que a maior parte das pessoas queria ser especial, os médicos, entre psiquiatras e neurologistas, achavam isso mesmo, que a vida é preciosa, pelo que, como a saúde, há que conservá-la. Mas não percebiam o que a antropologia ensina, que há um tempo para tudo e que tudo renasce, sob outras formas, ou mesmo pelas mesmas, coisas também que muitos actores e mídia não percebiam, há múltiplas formas de se manter vivo por cá durante longo tempo, várias tradições de pensamento ensinam isso, não sou eu que me voua rmar em mestre, iludido a maior parte do tempo com mulheres. Eu já percebi que não tenho sorte, como muitos, que a minha técnica leva tempo a aperfeiçoar, que a maior parte delas não quer estar comigo porque ora não tenha presença, ora não tenho pátuá, dinheiro, algumas outras coisas que são invisíveis face ao sentimento de estar cumprindo qualquer coisa de meu, de único, au-delá do barulho e das modas. Isso não tem preço nem sequer quero em dinheiro ou mulheres o poreço que isso tem. Só quero ser deixado em paz, não tenho pressa de ensinar; fá-lo-ei, dentro de uns tempos, e stou bastante preparado para ensinar algumas coisas e sinceramente pondero entre ser esse facto

uma revolução ou uma mera regulação de capacidades, expectativas, ensinamentos e competências. De modo que desisti de procurar propriedade e legitimidade intelectual para tudo e mais alguma coisa, estava com vontade de me divertir um pouco, estive todo aquele santo dia em que não trabalhei por ser Sábado, vendo dois jogos do Mundial de Sóquer e aproximava-se o terceiro jogo. Portugal jogava em breve com o Irão de Carlos Queiroz e pronto, devia ficar por aqui, ainda tenho um pouquinho do vinho que trouxe de manhã, atrevia-me dizer que o livro é como a unicidade e ao mesmo tempo multiplicidade da vida, se ela fosse singular decerto que apenas se tirava um exemplar, mas é diversa, em diversalidade, como já disse, ou seja, diversa em universalidade, diversa em diversidade. É o velho lema do um por todos e todos por um. Por isso é que, tarde ou cedo, o Benfica sempre ganha, não é estereotipado como o F.C. do Porto nem inutilmente sofredor e cheio de esquemas mentais anquilosados como o Sporting, que continua insistindo no futebol sénior para se afirmar como clube, quando já é, sempre foi um grande clube. A coisa estava mais ou menos definitiva: iria arranjar dinheiro para ir à América, não sabia bem fazer o quê, talvez passasse como português ou espanhol, em último recurso, por motivos estratégicos passaria por francês. Na realidade, havia nascido em França, mas não poderia atraiçoar nunca a nacionalidade do meu progenitor, talvez fosse por causa dele, do seu esforço

musculado e cerebral na vida, que tinha de ir. Talvez buscasse visibilidade, talvez buscasse argumentos para escrever, mas tanto uma coisa como a outra se iriam perder logo que pusesse as minhas solas por lá. Enquanto os meus amigos estavam, bem como muitos inimigos, concentrados em firmar qualquer coisa ou não, sendo simplesmente desinteressados, o meu pensamento voava para lá do atlântico, meu pai havia me manifestado receio de que eu pudesse ser morto, talvez por motivos de ética, religiosos, por isso tinha de ter cuidado ao entrar numa ou outra igreja, falar pouco, embora falar me ajudasse, num primeiro momento, a reagir contra a tensão psíquica causada pela ideia da América. Um amigo suicidara-se logo que veio da América depois de ter morto um porto-riquenho, atolado em dívidas que lhe fizeram por cá. Eu podia simplesmente estar calado e aproveitar até sexualmente a situação. Mas ninguém, mesmo em Lisboa, me dirigia a palavra ou engorajava de forma algum, embora fossem simpáticos nos restaurantes. Muita gente não gostava de mim e eu culpo a comunidade filosófica e antropológica por isso, para não falar das elites literárias desta quintinha. Continha-me para não dizer mal de Portugal. Podia, simplesmente por ser português, ser preso por lá. Ainda assim, a creditava em mim, sabia que o meu inglês era bom, meio francês, meio brasileiro, meio inglês, mas correcto e desenvolvido, cheio de argumentos e boas ideias. Sim, podia calar-me e na da dizer, estava apenas esperando

pelo dinheiro, volteia correr, o OCD não me dava tréguas e eu deixara por isso a Olanzapina e sentia-me desde há uma semana, bastante melhor, mais vivo, com mais força, dormir melhor, adormecia facilmente, não sonhava, o que encaro como um sinal positivo, e acordava meio bem disposto, fumando logo um cigarro para me concentrar, afinal disso não me faltava nada. Agora, ia desistir deste livro, coisa em que nunca fizera nos meus, editados por mim, a minhas custas e que pouca gente lia, dos quais quase ninguém me falava, mas dos quais muita gente falava, porventura com mais paixão do que qualquer autor português, francês, espanhol ou mesmo de língua inglesa. Nem todos, mas bom, eu não tomava drogas, combinava filosofia com ciências sociais e literatura e isso, claramente bem entendido, nunca poderia ser uma fórmula mundial para best-seller. Por isso iria desistir. Quando viesse de Sevilha, de Madrid e Nova Iorque, cá estaria para o continuar, o meu trigésimo segundo ou terceiro, sem prémios de conveniência, nem que fossem de poesia, apenas pela qualidade óssea do texto, do contexto do texto. Talvez me dedicasse finalmente a outras coisas que bem gostaria de fazer porque, sim, também o escritor é um artista, por isso escreve por e para uma musa, eu nunca escondi isso, talvez esteja pagando por tal, talvez esteja perdendo muito por isso, por não assumir o que não sou, mesmo num grito tresloucado em Paris, nem precisava de insistir, contraria, re-formular, pois também o cientista social precisa do seu

muso, da sua musa, tudo quer dizer tudo, mesmo que haja moral, que tem a ver com o respeito a nós mesmos e a outros, Macron, mas também não sou um professor universitário pra meter num caixote do lixo de garotos que estão dois mês sem lavar o rabinho do bebé...Cada vez tirava mais e mais conclusões sobre as mulheres e sempre que as abordavam, mostravam desinteresse, tinha de me desunhar, Resolvi passar uns dias com os meus pais para cuidar deles e descansar a cabeça, era Domingo e estava estoirado, física e mentalmente, havia descoberto bastantes coisas numa cidade que muitos julgavam desinteressantes, mas eu, ao fimde quase trinta anos, ainda descobria nela motivos de interesse, creio que por isso mesmo me respeitava e gostavam de mim, ainda que me criticassem arduamente, embora não directamente. O plasma, a marca de antropólogo, não me saía do peito, em certo sentido o mundo mundo era o mundo e o que eu escrevia cumpria-se a pouco e pouco, reparando que muita gente, como eu, ia ficando doença, aqui se punha mais uma vez o conceito de normal e patológico, nninguém podia ser ofendido ou abordado, especialmente as mulheres, tirando as miúdas, que se interessavam entusiasmadamente por tudo. Eu continuava a palmilhar o meu caminho e não tinha receio de estar só, e estava habituado, ora na rua falando mal ora falando entusiasticamente bem. Então, a ideia de fenomenologia atravessou-me as têmeoras, lá em Riachos a maior parte do meu pessoa estava com cancros na cabeça e AVC' s, creio que

em Lisboa acontecia o mesmo, mesmo a tempo para abrandar as leituras e a escrita, o estudo, enfim, mas não propriamente tirado a ferros, embora sentisse que estava a forçar o passo demasiado, ao ponto de ninguém me abordar para praticamente nada a respeito da minha obra, a não ser Danny, nas alturas que ia à terra, percebi que se por um lado havia uma cultura do apadrinhamento, nos meios culturais e intelectuais, por outro havia uma outra de humilhação e prensagem dos mais novos. Eu não embarcava nessa doidice, por isso estar à margem do sistema, não me quero fazer de vítima, pois estava a aguentar-me bem e parecia crime estar a escrever tanto, tanto para mais numa povoação que não entendia muito bem o que eu fazia, apenas respondiam de esguelha à minha teclagem, mas tudo bem, eu continuava, apaixonado pelas ideias, as minhas e as dos outros e pressentia que estava a fazer qualquer coisa de histórico desde há dois anos atrás e que não merecia sequer publicidade, pois iria estragar toda a sua potência e calibre.

Oricurava não fazer de tudo isto, da minha situação, um escândalo, aparar as abas, conter-me, mas por vezes explodia revoltado por ter de explicar a circunstâncias o que faria só porque estavam no meu espaço que eu pisava. Sim, parecia um triste tipo e resignado, para além do mais, pouca gente me entusiasmava, mas eu não respondia a isso, estava habituado a perder, talvez não nas miúdas, pois tivera-as

amiúdo por algum tempo e em bom tempo. Não podia ser tão quadrado, não aguentava, tinha sido exposto do sistema social, estava fora da cultura, mas tudo isso me encantava como o melhor dos desafios sociais. Então, percebi que a maioria dos gajos de Lisboa têm sangue na guelra, politicamente falando e os intelectuais não têm calças nem fazem jogging, muito menos artes marciais, a maior parte dos filósofos está na academia como destino triste das suas inetrmináveis dependências face à sociedade e os escritores são anarcas provocadores ora do Bloco de Esquerda ora do Partido Comunista. Eu reavivei o sentido de pensar pela minha própria cabeça e fazia orelhas muitas à maioria das bocas do mundo, viesse elas já janela do lado do atelier, viesse do pátio. Escrevia, finalmente, o que queria, não o que as vozes me ditavam ou aquilo que contra mim vociferava. Como eu havia muitos, depois de mim muitos viria como eu e eu ia só a meio do meu caminho. Como haveria de continuar esta história, quase uma semana depois? Normalmente, escrevi sempre no mínimo uma página por dia a computador e algumas notas à mão em cadernos. Mas, naqueles dias, estava pensando em diversas coisas, se continuar os estudos, pois isso dava-me prazer e o sentido de estar fazendo algo de válido. Por outro lado, fui desistindo de certas coisas com a desculpa de que estava sózinho, sabendo bem que esse facto poderia dar lugar a mais inspiração. Queria ter café para continuar a ter ideias, mas sabia que nada de jeito tinha na mente,

sempre desde sempre ocupada por questões metafísicas e agora perdendo o sentido do ganho e ganhando o sentido da solidão. Sim, os personagens estavam algo longe, mas eu tinha muita coisa na cabeça, não estava especialmente preocupado em fazer um romance. De quando em vez sentia um cansaço enorme, quase fatal, na cabeça e que quase me tolhia os membros, um cansaço e uma certa falta de energia, mas não, não estava dizendo nada de jeito, não valia a pena força. Vim no comboio a falar com uma contabilista de Oeiras, quando há noite fui comprar vinho e café aos indianos tinha dois tipos a fazerem-me uma espera, um deles morava no meu prédio. Talvez fosse pelas coisas que disse do Sporting no comboio. Não sei até que ponto era bem ou mal visto pela maioria das pessoas: julgo que para aqueles a quem era bem visto, era muito bem visto mas não acreditava que alguém me odiasse verdadeiramente. O deputado António Vitorino abraçava um cargo na Organização Mundial das Migrações. Olho para mim, olho para os outros, a acústica é relativa. Descanso o corpo e o espírito ao som dos Chemical Brothers, no Rock-in-Rio, a poucos passos daqui. Afinal, faço apenas duas coisas, a minha profissão é escrever em cadernos e no écran, nada mais. Não recebo por isso mas também não pago. De repente, num vislumbre, o mundo, a esfera armilar, rodada e que rodava, no telhado do vizinho da frente ocidental. O mundo era então muito maior do que o nosso mundo, real e comovente, raivoso e movente. Sim, sentia agora dificuldade

em escrever, como se me tivessem cortado o pio e avançava em relação a qualquer coisa de novo, em toda a minha solidão. A minha vida não era melhor nem pior do que a dos outros, apenas precisava de sentir o carinho de um mulher no resto da minha vida e acho que o merecia. Estava cansado, decidi dormir a seta naquele dia do início do verão.

Forçar ou Não

“Os pensamentos são coisas”, disse um dia um pensador. Mas, serão as acções pensamentos? Temos várias perspectivas, a das coisas, a das ideias, a das acções, a que junto a das pessoas. Em que contexto essas dimensões estão ligadas, ou seja, estão extirpadas do sujeito ou do cosmos? Na arte, no desporto, por exemplo. Sim, o sexo é uma necessidade básica, por vezes tenho pena dos habitantes dos países frios, outras vezes acho que os latinos fazem sexo a mais, mas bom, é genético. Por mim, nunca tive muito disso, talvez tenha tido até demais do que aquilo que pensava ter, mas bom, estamos quase a inicial Julho e a última vez foi no Carnaval... Mas cá vou aguentando, com a cabeça entre as orelhas, ensaiando algum prazer em andar pelas ruas de Lisboa, como pelas de Riachos, não sem inimigos e talvez o menor de inimigo, o mais fiel amigo de mim mesmo, seja eu mesmo e o Tóbi, o cãozinho dos vizinhos que vem sempre atrás de mim. Ao intervalo, um a zero contra nós, ponho uns tweets no face, bebo umas cervejas, tenho fumado menos. O meu sobrinho vai em mudanças. Entretanto, o Uruguai marcou o segundo e os nossos perseguem o empante, trincando a equipa oposta contra a sua baliza. Ronaldo está a jogar bem e faz um gesto de grande *fair-play* a Cavani. Bernardo Silva numa baforosa

interpretação com grande entrega, bem como o senhor William Carvalho. A seleção perdeu, fecha-se o ciclo, procuro motivos para continuar a minha demanda, em busca de uma miúda, do melhor livro, do bom pensamento. Carente...mas resistente, é isso que me dá alento em ser filósofo das coisas. E será a acção uma coisa ou um pensamento? Deixando-me de filosofias, posso assertivamente dizer que eles seguiram em frente, mas nós ficámos com o sarrafo. Ao mesmo tempo, já que não tenho grandes ideias para outros personagens, já que me afastei um pouco das filosóficas, vou pensando em estar perto dos meus velhotes. Se não tivesse o desejo de ir à América, ficaria zelando pela maravilhosa casa que tenho, isto não é coisa que se diga em livro, contar a vida a todo o momento, mas ando com algum desnorte quanto à vida, depois de tanto me ter esforçado para fazer as coisas que qualquer um faz ou pretende fazer. Sim, estava cansado e desalentado na minha jornada biográfica, mas isso era apenas uma forma de sobreviver. Andamos neste mundo como ET's que procuram, afinal, conhecer a experiência humana, o que é ser humano. E voltei para junto da TV para ver um pouco de Rock-In-Rio. No fim de contas, os maus pensamentos são como que o reflexo das relações que entabulamos no quotidiano, e se os pensamentos são coisas, podem facilmente ser removidos ou pode-se aceitar tacitamente uma espécie de jogo (simbólico-mágico) no interior da nossa mente...

Acordo, as convulsões mentais são mais violentas do que alguma vez imaginei, mas prefiro que sejam assim do que sinuosas, sibilinas e venenosas. Devia escrever isto no Caderno Verde e construir um verdadeiro romance, pleno de situações com encaixe metafísico e moral. Sim, podia estar todo o tempo em Filosofias, creio que tinha capacidade mais que suficiente para tal, mas falta-me o quadro afectivo, embora tenha o da minha família, que se presta ele mesmo às mais variadas variações, podia estar todo o tempo falando da minha doença, de que conheço os mecanismos, mas continuo porque acredito no leitor e na ideia de “trabalho” na escrita, para a escrita, ainda que não tenha uma miúda para me amparar, como o vizinho jovem do pátio. Havia, na verdade, qualquer coisa de estranho em tudo isto: eu não estava mais em contato com a comunidade antropológica, mas continuava a pensar nesses termos, o mesmo acontecia com a filosofia, embora fosse lendo e pesquisando uma coisa ou outra conforme o tempo dava, ninguém me dizia nada de especial, em casa ouvia vozes e em Riachos também e não tinha outra solução de alimentá-las como matéria de escrita. Ainda que tivesse bens e património para permitir a aproximação das miúdas, esse encontro não acontecia. Eu resistia e sentia que havia vencido muita coisa, muitas contradições dentro de mim, fora de mim e até dos outros, era uma espécie de curativo para com os outros... A seleção espanhola jogava, entretanto, com a equipa da casa, eu

deambulava de um lado para o outro, livre das obsessões do acordar, pensando se iria até à baixa ainda nesse dia passear um pouco, afinal era Domingo. Comi uma banana e abri uma cerveja, resolvi evitar de comprar uma garrafa de brandy ou mesmo vinho, evitar também o excesso de café, zelando pela própria saúde e pelo meu porvir. Ao mesmo tempo vou aprendendo com a minha sexualidade, de modo a torná-la apta à domesticação da felicidade que vou experimentando. Mas, mesmo assim, sentia-me morrer e ficando sem forças, tinha a coragem suficiente para lutar, portador desta doença e manter activos os meus desejos, procurava sempre o amor, conhecer uma miúda interessante e isso tornava-me um tipo de certa forma admirável. A meio da tarde, tomei um reforço de Paroxetina e Lítio, fui ao supermercado comprar comida e fiquei sem dinheiro para tabaco. Mais uma vez, um maço daria para dois dias. Às seis horas, sentia-me terrivelmente só, ante uma irmã que já nem falava comigo, um irmão que eu não compreendia e com quem praticamente nada falava, isto para além de o meu sobrinho ter vindo trazer as coisa. Sentia grande solidão, acontecia que passava dias e dias sem falar com ninguém, em Lisboa, dias e dias em casa com a televisão acesa, com pena de não poder ter estabilidade emocional e financeira para empreender novos estudos e ler mais e mais. Além do mais, os meus pais exigiam mais e mais de mim, não vendo as coisas boas que eu tinha feito. O meu pai ainda queria que eu trabalhasse, quando na verdade ainda estava de

facto à procura de emprego, mas as forças faltavam e eu procurava não me preocupar demasiado com estas coisas. Eu estava retido em casa naquela noite de Junho, o meu espírito entre a tabula rasa e o encharcamento com pensamentos absolutamente bizarros, talvez por isso fosse artista e tinha flashes da minha vida de infância, nos Riachos onde sempre regresso, agora para ver a minha mãe, estar perto dela, dar-lhe carinho e estar também perto do meu pai, assim como dos pequenos. Mas o ambiente na aldeia era pesado, alguns amigos haviam-me excluído do facebook, eu teria feito o mesmo a alguns, sobretudo pela impressão que também me ocorria em Lisboa: estavam a gozar comigo, alguns, porque outros davam-me a importância que eu precisava para continuar a ler, pesquisar, escrever. Assim, de quando em quando, eu tinha a impressão forte de estar vivendo esta vida, a minha alma não estava alojada na religião cujo encadeamento de conceitos eu deslindara do ponto de vista filosófico, sim, teria feito algo de importante, até no terreno da antropologia, ou da filosofia, mas continuava modesto e com vontade de guardar essas descobertas algum tempo, pois queria essencialmente continuar esses estudos e decerto nunca me iria dar por satisfeito. Mas não estava numa onda de propaganda absolutamente liberal dos meus escritos, ainda que estivessem patentes na internet. Então, voltemos à questão de base de há pouco: o escritor reflete, através da caixa de ressonância da realidade que é o seu

espírito, algo de material, alguma concreção? O livro e as palavras alguma vez terão existido ou serão *coisas* a que nos agarramos para termos mão da nossa existencialidade? Fiquei pensando nisto enquanto o cigarro ardia e cinza quase caía. Portanto, enquanto outros da minha geração terão ido logo ter ao estudo da psiquiatria, eu tive a calma necessária para aguentar internamentos, podendo ser um expert em psiquiatria, sem dúvida, mas preocupavam-me mais as situações sociais nos termos da literatura e da psicologia social, aquilo a que muito chamam de antropocena e que eu durante muito tempo encarei como sendo equivalente a uma situação de sexo, talvez devido à minha personalidade e seu excesso de centramento, pelo que a escrita, a reflexão filosófica, a experiência, trouxeram-me uma visão mais calma e ampla, que percorre diversos âmbitos de uma certa forma de ser humano.

Sim, sentia-me desengajado das pessoas, como que entabulado na minha própria mente, em Riachos pouca gente me falava, tinha ser sempre eu a fazer a abordagem e em Lisboa, bom, Lisboa é Lisboa, mas apenas nos estabelecimentos onde bebia café conhecia alguma cordial amizade. Era esta a altura ideal para ir aos EUA, sem grandes ligações com ninguém, porém, tinha falta de dinheiro e num ápice gastaria logo algum nessa viagem, como que de luxo. A minha prima de Angola convidava-me a ir e eu talvez colocasse a hipótese de ir sózinho, enquanto surgia no horizonte uma pessoa que

me haveria de dar toda uma nova perspectiva sobre as coisas.
Eu não mais fugia de mim mesmo, deixava-me estar, como que
vendo um bom filme no AXN...

A Filosofia estuda essencialmente, o significado da Vida. Haverá algo mais importante? Porque é que a morte está associada à ausência de celebração? O que é a vida, afinal, a dos humanos, dos insetos, das plantas? Por outro lado, a literatura confere significado da vida, como da morte. E o que é o Homem, afinal? Não estarão nele contidos todos os mistérios da vida e do Universo? Porque procura ele fora de si, quando a resposta talvez esteja em si? Não é a vida poesia, demonstração, contemplação e assimilação, não é a vida um caminho e uma força que a ele conduz, num universo de interrogações fortuitas e perpetuadas? Depois, fui começando a perceber o quanto me gozavam e troçavam, a que não é alheio o facto de nada me dizere, aqui como acolá, a respeito de nada, nem me batiam nas costas nem me batiam efectivamente, percebendo eu que, de algum modo, era uma pessoa necessária ao funcionamento do sistema social e da cidade de Lisboa. Isto é ponto assente. Depois, toda esta pressão, que provinha de obsessões sob a forma de matérias diversas não podia unicamente ser produção do meu espírito, sabendo eu muito bem que quando temos laços afectivos fortes, quer com pessoas quem com os lugares, os sintomas abrandam drasticamente. Toda esta tensão e dificuldade em sair de casa só podiam provir do facto de ser eu mesmo um ser

acossado e xingado, falado, vilipendiado e odiado por algumas pessoas e nos media havia certamente algumas, tanto nos jornais como nas televisões.

Pensava, melhor, apenas constatava que do outro lado da rua um “vizinho”, um morador, tinha a televisão acesa, um LED, que se via através da janela aberta durante o horário nobre, mas de dia o estores estava corrido para baixo. O que é que isto queria dizer? Provavelmente nada, provavelmente a vida, tirada assim disso, era im-perfeitamente estúpida. Na verdade, não existíamos, não existimos, somos o reflexo da realidade, do que vemos. A vida não é carne, é o espírito, o espírito existe, de corpos entregues uns aos outros, em solavancos, encaixotados, arrumados numa lógica tão indiscernível quanto misteriosa e muitos julgam saber que lógica é essa. Se a vida é espírito e o espírito também não existe, talvez o esforço da vida, o escorço, a tendência e a arrumação mental da vida em nós seja essa constante tentativa para provar que existe. Por isso é fenomenológica, é acontecimento, é qualquer coisa que avança e se extingue ao mesmo tempo, quase coisa que avança por recuos e avanços sucessivo, como uma chama, que precisa de consumir ao seu redor para persistir acesa. Para quê, então, estudar a vida e não a viver? Mas estudá-la é viver sob a sua forma superior de manifestação, de evolvência e dinamismo. Assim, também, a cura para as patologias é resultado de um esforço, quiçá algo

genético, mas mais, muito mais, o cumprimento de um destino e quando o homem está reduzido ao seu destino, é feliz, porque deixa de ser preciso lutar, porque a luta requer esforço e mudança e apenas se aplaca pela recompensa, em termos minimamente pavlovianos.

Estava deitado no meu sofá freudiano, deixando fluir os pensamentos, estancando-os com a mente quando me agradava. O sofá, lentamente, foi começando a ganhar altura e o tecto da sala abriu-se, como um envelope, para chegar a pairar no céu, entre nuvens. Percebi então que não queria, ou não queria dar-me ao trabalho, de ir até à Baixa, devidamente porque me sentia sózinho e continuaria a sentir, mesmo no metro, mesmo no meio de multidão e, de certa maneira, não queria afastar-me da casa pois ela guardava os meus pensamentos e eu alimentava-me disso, ou seja, não queria ter a oportunidade de ver e conhecer mais alguém, porque de alguma forma eu queria enamorar-me, queria que fosse bom e significativo o que iria viver a partir do amanhã desse dia.

Sim, no fio do tempo, o homem cumpre, cumpre-se, realiza-se na “dimensidão” da esfera social, o corpo do homem é um lugar, aloja-se num espaço determinado e a alma é mais ou menos maleável a esse surgimento. Sim, lembro-me do livro O Aparecimento do Homem, de Richard Leakey. Lembro-me de um jovem historiador que dirigiu a instalação de um Museu Etnográfico na terra dele nem sequer consultou um antropólogo

que estudara Museologia Etnográfica, da sua mesma terra...um erro crasso que eu nem sequer queria cobrar. Riachos...terra pequena que podia ser Vila se todos se unessem, parecem um bando de amigos loucos uns com os outros falando e proferindo impropérios para o ar. Mas está bem assim, é o curso da história e da etnografia em espaços de sociabilidade mínimos, onde quem é Rei é o PSD e a Igreja, os outros são um bando de garotos mimados que nunca ousaram sair da sua terra para ver o mundo, por exemplo, para Sul...

Exatidão na Fuga

Assim, a minha anterior obra “O Homem com Qualidades”, parecia sobrepôr-se por vezes a esta, gerando e gerando a sua influência no meu pensamento. Assim, farto de forçar o meu lado másculo, masculino, eu considerava que talvez nunca viesse a ter uma moça de quem cuidasse e acarinhasse, pois precisava mais de uma mulher que zelasse um pouco por mim, como se eu fosse uma criança ou coisa do género, uma mulher ladina, brincalhona e atrevida, que puxasse pelo meu lado de homem face a uma mulher que o deseja por ser terno e maleável como o barro. Eu não fazia grandes amigos por Lisboa e creio que para a maior parte das pessoas da minha idade, sem trabalho, o caso era parecido, ou seja, estavam só e muitas haviam desistido de procurar companheiro/a, pelas mais diversas razões. Quanto a mim, não desistira e, embora não fosse um Don Juan, aconteciam as relações esporádicas, mais ou menos de seis em seis meses. Eu continuava a esquivar-me à questão de ser gay, enquanto as pessoas falavam de uma e de outra coisa, precisava de uma relação para me agarrar melhor ao chão desta terra. As obsessões com o ânus, a porcaria e o sexo era fortes e violentas e haviam aumentado nos últimos dias, mas eu tinha a paciência necessária para poder fazer alguma coisa, sendo que muita

coisa ficava por fazer por meio dessa influência psicológica. Estava então em casa naquela meia tarde. Não chovia, mas ameaçava chover. Não me apetecia sair, não ia já à Baixa ou meramente ao Marquês. Não me apetecia sair, mas o dever (kantiano, sem dúvida) obrigava-me a ter de levar o lixo, pedir medicação, comprar comida e provavelmente um gelado. A narrativa deste livro ia ficando cada vez mais próxima da minha corriqueira experiência quotidiana, apercebia-me disso, mas continuava a debitar brilhantes e flamejantes palavras e expressões. Podia dizer, "tenho medo de sair". Mas o que é o medo quando não nos apetece fazer uma coisa? O medo tinha, sem dúvida, a ver com a doença. Mas quem não sentia medo? E quem não tinha falta de vontade de fazer uma coisa ou outra alguma vez na vida, na sua longa ou curta vida, entre os seus dias, mais ou menos chatos e aborrecidos? Deixei, espero que definitivamente, a Olanzapin. Melhor, deixei por dous dias, não sabia se havia de retomar ou não, cada vez me sentia melhor, mais físico, mais intuitivo, mais corajoso e menos andrajoso e chato. Estava mais vivo. Os dias do difícil acordar parecem ter ido ao fim. Se não fosse armar-me em herói mais-que-americano decerto, tendo as minhas fraquezas bem conscientes, iria procrastinar ou fazer um pouco de chantagem para ganhar tempo e sabedoria... Sim, podia estar absolutamente vagueando no romanticismo de sucessivas cenas com os mais diversos personagens, entrelaçados ou separados entre si, com mais ou

menos violência. Podia até usar a minha situação de “Bairro” e de “casa” para dissertar sobre as mais diversas situações, como a do vizinho do segundo esquerdo que me fizera uma espera com outro tipo quando eu fui aos indianos comprar comida...optei por não ir lá tão cedo devido a diversos problemas que aconteceram, como um gelado estragado, excesso de drogados e delinquentes nessa ala...

Em vez de me dar como satisfeito, ou insatisfeito, a propósito das coisas que, simples ou complicadamente, aconteciam, em vez de me indignar e interrogar a propósito de tudo o que disse atrás, resolvi tomar resoluções para resolver certas coisas, que ia de maneira ou de outra resolvendo a pouco e pouco, mas que por estar com o pensamento nos EUA, havia de certo modo adiado ou supendido. A minha vida estava assim, feita, entre Riachos, Lisboa e Nova Iorque. Não sabia quando sairia deste triângulo, nem tão pouco o propalava na rua, mas secretamente a minha vida e geografia estavam orientadas para esses três lugares. A questão, tirando o pedido de emprego, que se punha é: poderá o Victor, acrónimo Taigen, poder continuar com este ritmo de produção por mais quatro, cinco, anos? Não lhe bastou a tese, as teses? Ingressará de novo em estudos de filosofia, andando entre ela e a literatura, como uma mão que lava a outra? Sim, mesmo que tenha suporte institucional para continuar alguma filosofia, no seu ânimo haverá sempre lugar para essa Dama que é a literatura, melhor, Rainha num tabuleiro de xadrez.

Andava assim meio mundo tentando provar ao outro meio de que não estava louco, de que era justo e bom, quando havia sempre quem ajuizasse sobre tudo e mais alguma coisa e entretanto, enquanto uns diziam que o mundo ia mal, às arreguas, outros diziam que ele nunca estivera tão melhor, com direitos civis e genericamente humanos, para além do mais, defendidos pela esquerda e outros direitos, mais religiosos e diplomáticos, virados pelo exterior, defendidos pela direita. Eu, no meu caso, sentia ainda a presença de Deus na minha vida, depois de um grande safanão, apagão, e falava nisto mesmo enquanto cientista social e digamos um determinado expert em questões religiosas por um mínimo e por um máximo, um apaixonado pela ideia de Deus. Durante muito tempo a sorvi, alimentei-me dela, como da minha mãe no útero e cheguei a um ponto de dizer que o actor social vai pegando de um lado e do outro e assim também se torna deus ou, pelo menos, um semi-deus. Portanto, eu fora longe demais e sentia a necessidade de regressar um pouco atrás, quanto mais não fosse para dar exemplo aos mais novos, ou seja, muni-lo da minha experiência para que pudessem, tanto quanto fosse possível, chegar mais longe do que eu próprio. Havia claro na ideia e na mente colectiva de Portugal quer a utilidade do cientista social, que podia ser antropólogo, geógrafo ou sociólogo, quer a do filósofo, sim, o filósofo fazia-nos sentir o todo social e universal e funcionar socialmente como um certo elemento de suspensão face a muita

coisa, mas antes de mais, ao efeito nocivo de excessivas relações e uso e abuso da riqueza, ainda que a maior parte dos filósofos académicos portugueses não fossem nada pobres...

O autor toma banho, com água fria para retemperar a bebedeira, o actor liga-lhe e pede um pape. “Estou bêbado” -diz, preciso de um papel, estou sem dinheiro. Sim, o autor é tremendamente tradicional, antiquado, mesmo. Procura com a sua obra firmar esteios da sua alma na terra que é o campo das letras. É conservador, nesse sentido e perde muito do Viver, pois a voz certa, sibilina e verdadeira, é aquela que se faz sem letra e palavra, apenas com o conceito tradicional. Assim, em teoria, o mundo está perdido, não o meu mundo, que eu continuo a construir, mas o mundo em geral, porque lhe falta uma dimensão ética em geral que a religião não subsume. As pessoas estão ficando cada vez mais estúpidas e estão perdendo a noção das ligações, das conexões, isto em termos cerebrais-sociais, quer dizer, estão ficando cada vez mais isoladas, por medos primordiais de merdas no cú ou por um montão de coisas insignificantes, aquele que fala da humanidade, o teórico da humanidade, não pode proferir um palavrão, uma obscenidade, quanto a humanidade é só isso mesmo, a relação dos seres humanos entre si, não há nada de novo, importante e fantástico na aventura humana, é algo banal, absolutamente banal e trivial,

nada tem de transcendente, mas também nada tem de ignominioso. Só quando nos habituarmos a ver a aventura humana como qualquer coisa de digno, muito digno, é que descobriremos qualquer coisa de importante e nos reconciliaremos connosco mesmos. A essa hora do dia, estava já grogue, quando descobri, olhando pela janela, que o jovem do outro lado do pátio tocava pina, coisa que eu não ouvia, mas lá estava ele, tocando piano, maneando-se para trás e para diante e por uns tempos pensei que isso fosse propositado para me foder o juízo, tive vontade de sair dali para fora e mandar uma ou beber qualquer coisa no mesmo Oriente de sempre onde nada acontecia, pois o jovem ou era judeu, ou muçulmano e estava ali para trás e para diante da secretária. Talvez estivesse a escrever letras dançantes, mas a exatidão da fuga, muito comum em pessoas que conheço, conheci e não conheci senão pela rádio não era coisa muito popular, experimento a que recorria frequentemente, dizendo-me que a minha escrita era ora langorosa, androjosa, ora louca e delirante... Depois, percebi todo o mistério da vida e não me devia de fazer vítima disso: a minha caneta estava sem tinta, joguei-a ao lixo mas ela não entrou dentro do cesto. Baixei-me e apanhei-a, abri-a e reparei que tinha carga; bastava-me comprar uma carga nova, não no continente, mas numa papelaria. Havia já poucas papelarias, mas eu havia de conseguir a recarga. Sim, a vida é relativa, não porque seja pequena, mas porque tem a ver com uma relação. Uma ou

mais. Quando perdemos a noção das relações, o universo, humano e cósmico, pode tornar-se verdadeiramente desorganizado e caótico...

Sim, nesse dia recebi uma ameaça de morte se publicasse um livro meu. Macerou-me o juízo o assunto. Mas que poderia eu fazer??! Falei um pouco com a minha nova possibilidade de relação. Íamos encontrar-nos no dia seguinte. Pensava frequentemente na minha mãe em forma de fotogramas mnemónicos, numa perspectiva puramente cinéfila. No bairro em que vivia, os mais novos divertiam-se a fazer gangs, guardar as entradas e saídas das pessoas. Aparentemente, também os velhos faziam isso, tendo uma espécie de tosco código de cooperação na conduta. O peso de não ter ninguém e tantas preocupações estava sendo violento para mim, mas eu aguentava bem a carga e as dores intensas de cabeça, o cansaço extremo, haviam desaparecido. Tinha bem a noção de que estava fazendo história, mas mesmo assim era pouco conhecido fora de certos domínios que eu não frequentava. Mantinha intacto a minha liberdade de expressão, ainda que com certos acerto. Muitos faziam coisas piores. Ou melhores. O stress em que vivia devia-se, de facto, ao meu papel social, ingrato, inusitado e duro, que se atestava pelo facto de ter de ser simpático em todos os lugares que frequentava e ninguém me abordar para uma ou outra conversa mais atreita à cultura. Mas havia excepções. Eu simplesmente

não estava ali; há muito tempo que estava em Nova Iorque. O facto de não ter arranjado miúda adensava essa semi-marginalidade em que me encontrava e atestava que muita gente não gostava de mim, sobretudo como cientista social, como se fosse uma forma sêca de lhes prejudicar o negócio, como se não fosse bem-vindo, enfim, um falso entendimento do que é a sociologia social. Mas eu confiava naqueles que gostavam de mim, tinha muitos amigos, mais do que aqueles que podia conceber e, fora da academia, fazia o papel que muitos não queria, dissertando sobre clássico entre quatro paredes. Era um tipo “popular”, *clash*, *blast*, algo angustiado mas sempre bem-disposto...

Depois, vi um dos patos que havia tido na casa anterior. na Expo, passeando pelo passio. Estava a ver demasiados gatos negros, mas nem por isso desanimava. Tinha, nesse dia, tanta coisa para escrever que estava com absoluta preguiça mental, mesmo na voracidade dos meus pensamentos. Tinha uma remota hipótese, clara e evidente, de ir dentro de uma semana, a Nova Iorque, continuava por aqui e era evidente que, mesmo discutindo a tese, não me dariam o lugar de professor na Clássica, não adiantava sonhar com muita coisa. Mas tinha a impressão de que era, desde aquele dia, uma pessoa famosa, conhecida por muitos, tanto por cá como por fora, “abroad”. Tal se devia sem dúvida à minha capacidade de trabalho e treino cada vez mais ao nível da mente.

Percebi que estava em vias de continuar pesquisando por minha conta e, enquanto os amigos desapareciam, a minha ambição intelectual aumentava, sem rede, ou seja, sem o conforto de uma cátedra para ensinar, pelo que optei a mim mesmo por rejeitar uma e outra coisa e até mesmo a literatura e decidi enveredar por um caminho que tem a ver com a interação e a vida de todos os dias. Talvez, depois, aparecessem as palavras, as palavras certas e devidas. Não estava com muita pachorra para diatribes académicas e tertúlias literárias, pelo que procurava outra coisa, mesmo além da arte e da metafísica, enquanto o vizinho da frente via a televisão de perna cruzada e calças brancas, tal como eu, em regime de provocação, pelo que resolvi fechar todas as janelas e entupir-me de tabaco. O café acabara-se. Amanhã seria outro dia, nem pachorra tinha para as mulheres, melhor, paciência, talvez apenas a única que me havia dado amor, minha mãe, com quem tinha vontade telúrica de estar, bem como perto do velhote e, andando de tasca em tasca, com o meu primo, que me deixou estar no seu apartamento durante o curso. Esta é a minha história, contada em diversos livros. Podia escondê-la tacitamente, parece que em Portugal estamos tão acabrunhados que quando vemos um fogo ou um foguete, uma vião, nos parece um verdadeiro fenómeno cósmico, transmutador das nossas inteiras vidas. No fundo, estamos, tal como os ingleses e os americanos, ainda assim também os russos e ucranianos, como igualmente os japoneses, numa

imensa clareira: todos nos conhecemos, de uma maneira ou de outra, uns aos outros, rimos uns dos outros e choramos uns pelos outros. Enquanto fora assim, não é mau, pois há muita indiferença (Maugham, Mota) e talvez a capacidade de jogar e dispôr conexões para o mundo, para o espaço público, seja a forma mais potente de nos ligarmos uns aos outros, evidenciarmos e libertarmos emoções e, assim, sermos simplesmente humanos. Nada mais nos é pedido, a nada mais somos obrigados.

Tinha bastante para dizer, mas estava cansado, cheio de andar e ser simpático, cheio da ausência do amor, que não me batia à porta, mesmo assim, procurava ter uma vida normal no local onde vivia e Lisboa parecia-me, ainda para mais no verão, uma cidade saturada, de tudo, turistas, locais que corriam quando eu passava, nenhuma possibilidade de encontro. O ser humano é, por natureza, irresponsável, numa irresponsabilidade que lhe convém. Gosta de manter as aparências, facilmente faz alianças e facilmente as desfaz segundo as suas conveniências. Em pouco tempo, quando tinha uma visão optimista e corajosa das coisas, tudo caía, quer fosse pela minha irmã, quer fosse pelas pessoas do bairro, que não se calam. Na cidade, cruzam-se os feixes de sentido, o desejo aprisionado pelo Outro tornam frágil e ténue e nossa existência, há cada vez mais manifestações de força, porém, a verdadeira força do Ser permanece invisível. Nas deambulações pela cidade saturada, acabo por descobrir a verdade, várias verdades, acerca de mim mesmo e dos outros e porque é que afinal na maior parte dos meus livros falo de mim, o que é uma redundante mentira. Mesmo assim, poucos escritores fazem autoanálise, são materialistas, objectivos, capitalistas, como se a vida humana fosse altamente complexa, cheia de candeeiros e parangonas mentais. Não, a vida humana

é simples, básica, resume-se a três, quatro traços. Não é o direito nem a astronomia que a explicam, sim, a vida na terra, mas uma antropologia, uma certa forma de antropologia combinada com uma certa filosofia. Assim, enquanto uns fugiam para a arte, fosse cinema fosse literatura, eu estava já fora disso tudo, tal como tinha ido para o seminário e o convento, por viver na cidade saturada e respirava nos termos de qualquer coisa que eu próprio construía, fosse o diálogo com essa cidade, fosse uma forma de entendimento que me assegurava a continuidade, porque tinha algum receio de me perder na festa em que a maior parte andava, uma festa contínua que a mim me espantava, assustava e confundia. Deixara de pensar como vítima e procurava qualquer coisa de bem palpável no palheiro da felicidade, ou seja, repetir quase sempre os mesmos gestos, ser uma seca para os outros, ser valente, fraco ou o que quer que fosse, mas Ser. Depois, eu percebia sibilinamente certas coisa: a forma como as mulheres eram tratadas podia ver-se na atitude, pasme-se, de certos jovens, como era evidente no porno. Era toda uma cultura, latina, mediterrânica, capitalista, também ela instilada na mente das mulheres pelos homens durante séculos, onde a Igreja representara importante papel. Na verdade, a maior parte das mulheres queria um homem com representação social, peso na cidade e na sociedade, era simples. As artistas fugiam e poucas sabiam segurar um homem. Mas havia as mulheres de letras, talvez as mais corajosas e

o seu papel, na dignificação das relações, era imenso. É claro que nesses tempos, tudo estava mais ou menos louco, incluindo muitas crianças, andavam não sabendo bem o que fazer, despreocupados e não esperavam nada de especial da vida, apenas se deixavam estar. Eu desistira de ser simpático e falador e concentrava-me no porvir, no desenrolar do dia-a-dia e procurar felicidade nisso, cada vez mais felicidade. Vivia e pensava nos termos de uma pós-antropologia, de uma pós-filosofia. Efectivamente, quanto às mulheres, eu não desistira, mas deixara de me preocupar com o que pensavam. Podia ver as coisas nestes termos: esta cidade, em trinta anos, não me dera trabalho nem mulher, tirando Lilly e uns quatro anos de trabalho em diversos locais. Podia entender assim: se não vejo outro lugar para onde ir, porque não me divertir, porque viver e dormir de costas voltadas para a cidade. Na verdade, vendo esse conceito sociológico amplo, esse remorso, especialmente para com as mulheres, dava-me vantagem para ser mau, mauzão, e eu gostava de o ser, por vezes, de incomodar, perturbar, acordar as pessoas. E acho que essa minha má-disposição temporária ajudava muita gente, sim, porque eu sentia-me bem em ajudar, especialmente a humanidade contida nesta orla de terra, rio e mar. Eu estava calma e perguntava-me: o que se passara comigo? No entanto, havia conquistado coisas e mais coisas e não via sinal de abrandar o ritmo, cada vez queria mais e mais, como muitos que vêm para a cidade. Mas, na

verdade, eu já não sabia parar, estava em roleta russa, ao mesmo tempo que conhecia sobejamente, melhor do que os próprios locais, o terreno em que habitava. Não pedia ajuda, ajudava. No entanto, mesmo sabendo que era bem intencionado, porque o era, pelo meu passado, e tendo dito claramente quais as minhas intenções, parecia não chegar, não bastar, nem sequer um nome... Não bastava o meu pai ser de cá, aliás, pelo facto de apanhar o comboio para Riachos todas as semanas e estar por Lisboa durante a semana, eu sabia que me conheciam, sabia, não toda a gente, mas muita gente e que muitas me deviam muita coisa, mas nada faziam, nem sequer me abordavam para coisa alguma, tinha de ser sempre eu a tomar a iniciativa. Sim, gozavam ainda por cima, e muitos e muitas subiam na escala social à minha custa. Estranho, hã? Mas a mim nada me perturbava, eu não tinha ânsias de nada, nem sequer odiava a cidade, nem me lembrava por instantes que podia ficar ali para sempre, ser ali sepultado, num canto qualquer. Mas isso não me perturbava. Como se tivesse descoberto um qualquer segredo da vida em felicidade, como se fosse simplesmente saudável e feliz, como se simplesmente não fosse dali nem de lugar algum... O que descobri nesses dias, por uma via não essencialmente académica, onde tudo é fácil, onde estão todos para aquilo e não sentem, contraditoriamente, a liberdade e a crueza das ruas, foi que no ser humano há efectivamente dois registos essenciais nos termos das relações humanas, ou seja, um registo da palavra,

do discurso, da linguagem e um registo mais mental, que pode sem dúvida ter a ver com certas presenças de Outros no psiquismo do actor, ou seja, enquanto ele é o que é por si e pelos seus, a sua presença, ólamo, afã, halo, depende não só da sua experiência como da sua herança genética. Isto vê-se, em termos diários, nos combates da TV Cabo, em que a força física é, essencialmente, uma força psíquica, ou seja, uma força aplicada sobre outro. Ora, teremos de pensar noutra forma de comunicação, pois neste momento há duas, ou seja, a física quando combinada com a psíquica e a da linguagem, a dos intelectuais, que acaba muitas vezes em antipatia, quando a dos combates “coloquiais” acaba em amizade, dada a especialização da tarefa, digamos assim. A cidade, mesmo NY, obedece a essas regras, muitos andam acabrunhados em silêncio, no anonimato geral e famoso das suas tarefas, outros são mais simples, menos elaborados, mais generosos e primários e receio que os portugueses, na sua maioria, se estejam transformando em perversos decentes que recorrem a todo tipo de argumentação para se defenderem quando há uma maioria do povo simples que, em certa medida, eles enganam e manipulam. Dói ver que na sua maioria são jovens, muitas vezes até de universidades estrangeiras. Muitos homens jovens têm um comportamento promíscuo muitas vezes legitimado pela psiquiatria e psicologia de raiz portuguesa, enviando para os professores da escola, que na maior parte dos casos sofrem de stress e falta de meios, pessoais,

psicológicos, pedagógicos, para os re-formarem, ou seja, reconstruir aquilo que os pais destruíram. É uma mentalidade? Eu digo que é gente mal formada, e as universidades portuguesas estão cheias desta gente, muitos professores, infelizmente. Não sei como a maior parte das pessoas não se fartam de Lisboa, talvez seja por estarem, divertidas, eu diria diplomaticamente, “aqui nada se faz de importante”, passeiam seu título e honrarias, para além de damas fracas, que não dão uma nota de música para os turistas, prosseguindo nas suas vidas nacionais, regionais, locais, enquanto que espreitam NY sempre em termos de representação. Portanto, eu estava farto, não sabendo que passaria aqui o resto da minha vida, a não ser que acontecesse o contrário, não sou de abandonar um barco, sou chato, maluco, mas não desisto de uma causa e descubro, no meio da indiferença das pessoas, mais ou menos nobiliárquicas, como que um “estar aqui”, sempre “sê bem-vindo”, porque posso não ter tempo nem condição económica para a filosofia, que me levaria a muitos e sagazes locais, mas não sou cego... Sim, estava chateado, estou chateado, revoltado, porque poderia ter sido professor no ISCTE e ele, quando me estava a perder, não me deram a mão, mas eu levantei-me, dia após dia, e tornei-me mais forte que eles todos juntos em suas concubinas. Na FCSH foi o mesmo, gozaram comigo à brava, só na Clássica conheci alguma forma de amizade e espontaneidade, na Católica, a mesma indiferença suspensa em Deus. Haveria de desistir,

como vou fazendo dia após dia, porquem nem só de palavra vive o homem, mas também de som e da superação de si mesmo através da disciplina no contexto de uma atitude não-violenta. Porque o ponto de chegada é o ponto de partida, nem tudo são hormonas, é claro que a televisão apareceria, como numa espécie de circo, aqui, em minha casa e em Riachos, claro, podem ter gerado um problema maior do que aquele que consigo conceber...um problema cósmico, de um astro que vai embater neles, sem absoluta e alguma necessidade. Tragédia humana, quero é safar-me desta merda parangónica. Um homem simples do campo tem mais sabedoria e savoir-faire que muitos destes intelectuais de Lisboa. A começar pelos vítreos e petrificados da Clássica...Ao fim de oito páginas, resolvi descansar e beber calmamente uma Ginginha, enquanto deslocava delicadamente o Martini Rosso para o canto do frigorífico. Comigo não estou preocupado, já aguentei aventesmas piores, creio é que tudo isso que se estava a passar seria de uma violência inaudita para com a minha irmã e os meus velhotes...Aliás, há na religião uma repugnação pelo físico, pela corporalidade, pela sensação, logo, pelo mundo. No entanto, Cristo passou pelo mundo...fez necessidades. Em que momento se dá a união do corpo com o espírito? Na via do quotidiano, no esgar, no inesperado, quando a maior parte pensa que é no amplexo dos corpos...por isso muitos enlouquecem simplesmente devido a isso, pela necessidade que têm de controlar o corpo e a mente do outro.

Depois, a alma humana. Não procuram as artes senão fixar, detectar a alma humana, na grande extensão hollywoodesca de filmes de vários géneros, cores, matizes e tendências? A fotografia, por exemplo, não é, ao contrário de um domínio estético, uma técnica de fixar o permanente, etéreo, transcendente, seja, a alma humana? Então, nesta linha de ideias e conceitos, de pressuposições e aferições, não estaremos sós para sempre no universo? Então porque nos damos cada vez pior uns com os outros, tanto nos campos como na cidade? Porque o homem tenta fixar, fincar no tempo a sua conquista, bem, territorialidade e pouco se preocupa com a sua impressão no etéreo que, na maior parte dos casos, é bem feia. Mas se estamos sós, porque insistimos em ver-nos uns aos outros? A religião muçulmana tem as burcas, os véus, nós somos a civilização do evidente, do patente, da realização do fenomenológico que porventura acaba por nos queimar, diria, pisamos e andamos sobre chamas. Não é o quotidiano um inferno? E não é o Inferno mais interessante do que, pasme-se, o Céu? Se estamos sós, a perplexidade dos corpos não é senão um jogo de espelhos, uma ilusão e só o campesinato detém o segredo, porque, em ligação à natura naturans, o homem é Dono, nem que seja das susa mulheres e raramente há crimes de sangue, canta Tony Carreira e toda a gente come, vai à Igreja, discursa, fala. No fundo, em minha opinião, as coisas humanas são redundantes e causam náusea (sartreana, claro, a vida evolve por ciclos, estamos aprendendo e

perdendo, ganhando outras vezes, mas a maior parte dos humanos (que conheço) têm uma ideia de que a humanidade segue em regime linear e para cima. Diria que alguns segue, mas esses cedo se estampam nas suas mortes. Só o construtor persiste e o ponto comum e talvez a salvação para grandes problemas de psicologia social e até psiquiatria colectiva, seja a atenção à transmissão do saber. Em nome da raça humana? Porque é que muitos são teimosos e não aceitam nunca amorte? A morte os salva, não sabem disso, por isso são pretensiosos, arrogantes e tentam provar aos outros que são melhores, maiores, mais inteligentes, no fundo, Cristos, salvadores da humanidades...Era assim, o instante ultrapassava o próprio instante, como numa cópula estatal obrigatoria, a maior parte da gente dava voltas e voltas por uma queca, talvez também por divertimento barato, garotinhos mimados académicos, quando uma queca era uma queca, fosse a dois ou mais, fosse com ou sem tecnologia, usando a imaginação e essas eram as melhores, no fundo a sociologia era a rainha das ciências mas pouca gente reconhecia, a não ser os media, obviamente e eu cá e lá continuava, com uma ideia que me fugia, como terá sido possível um tipo como eu ter passado quase despercebido ante uma sociedade gluttona e prevaricadora, esta sociedade era um hospital de malucos a céu aberto na medida em que todos dizia tudo e mais alguma coisa das pessoas, enquanto outros prezavam a vida social e até se achavam cientistas

sociais quando a maior parte deles, instítuídos, andavam às cegas sem saber o que fazer, sem tino, sem saber onde chegar, numa verborreia fechada e académica a qual Sartre (e Camnus, que não ousara entrar nesse mundo) decerto moldaria novo conceito e expressão. A animalidade educada da cidade é das piores coisas que se pode assistir e do pior para uma criança; dá a ideia de que sempre se tem sede e fome e que tais manifestações das sensações jamais são satisfeitas porventura em nome da fama. Nesse caso, hollywood não é nada pedagógico, quando dá a ideia do herói difícil e pouco esperto, rígido, quando a maior parte deles tem seu pensamento na aurora do plástico maleável e que se adapta às circunstâncias. Depois, o corpo como uma complexo orgânico de tubos e cavernosas sinuosidades e camadas, desde a componente sexual à alimentar. A pensar, se o corpo for essencialmente o mundo, território a aplacar, preencher, conquistar, deter, o que nos leva não tanto á noção de eternidade do mundo mas de eternidade do instante, o que conjugado com a noção de halo, nos levaria a perceber o que é (o) humano, quando a maior parte assobia para o lado ou olha como burro para o grande palácio das construções mais ou menos humanas. Continuava a minha demanda, imerso numa circunscrição espacial não considerável, mas, dada a minha patologia, gera aventuras e mais aventuras, acentuadas pelo facto de estar a maior parte do tempo só, aventuras consideradas geograficamente, a saber, o que para um

americano pode ser considerado como admirável, para um japonês não passa de *peanuts*, como diria Jorge Jesus. O humano é engraçado, por vezes o pior bicho que existe: quando lhe damos razão, trata-nos bem, quando discordamos dele e lhe damos argumentos para abater os seus, diz que o adversário, ou interlocutor, é louco. Uma pessoa que pensa pela sua própria cabeça é raro encontrar; por vezes, passam-se milénios antes do que isso aconteça. Cristo, Lao-Tzu, o alucinado Francisco de Assis. Não gostaria de o dizer, mas a grande parte do meu povo é burro: acham que por ser filósofo não podia ser libertino, talvez influências da religião, do salazarismo, de séculos de abatimento consentido em que não se desenvolveu grande consciência de Si e do Outro. É como estarem dois tipos a falar de um vizinho que vive só e a olhar para o alto, talvez para o seu deus, a dizerem barbaridades e tudo e mais alguma coisa. O português é masoquista, mesquinho e invejoso, talvez por isso seja um negociador, porque nunca ganha nada, é bobo, mesmo nas naus a maior parte da tripulação ia louca e quando vêm que lhes dão valor saltam aos pulos como se tivessem descoberto alguma coisa de muito genial e secular, de religioso do ponto de vista do cagalhão. Eu acho que temos dois tipos de sujeitos neste momento, por aqui, entre os que nasceram cá: os que se importam e os que nada se importam. Os que se importam vivem de regulações na cabeça, bondades falsas, condoências tristes, não encaram a vida como em campo aberto.

É certo que vamos todos morrer, uns mais tarde outros mais cedo, por motivos por vezes imprevisíveis e bizarros, indiscerníveis. É a mentalidade do menino que se porta bem e obtém as coisas, o tipo de lambe-botas bem conhecido. Isso está fundo, está marcado bem fundo e enteva muito desenvolvimento e desde já a imagem que os portugueses têm lá fora. Por isso, nunca mais chega a indústria e tudo gira em torno de conversas que não chegam a lado nenhum, Ronaldo e mais não sei o que mais. Depois, há aqueles que nada se importam, vão a bailes, a festas, a festivais. Têm opinião sobre tudo e mais alguma coisa, desde a arte à literatura (poucos) mas essencialmente a propósito de música, isto mais recentemente. Não percebo esta gente. Porque sou crítico? Porque tenho sofrido agruras diversas enquanto filósofo e não tem sido no corpo, nesse lugar seria fácil de sarar, tem sido na mente, porque há um espírito assassino na manipulação das mentes que parte do uso dos media e da forma de sere de muitos, espírito (livre) que tam,bém, há na América, obviamente. Mas por vezes, os piores são os russos e ucranianos: para eles, este país é um belo eldorado e dizem e fazem o que querem à sua conta e medida. Depois, há um problema na relação do corpo com a mente. Onde começa a alma e acaba o corpo? Ou será o contrário? O sujeito moderno descobria a centralidade, utilidade e valor do corpo enquanto mercancia, mas ele esquece-se que o corpo também é alma e que não se pode jamais definir uma separação entre

uma e outra coisa, ou seja, as pessoas, basicamente, estão a suicidar-se, a ter em conta que o seu corpo é político, cuidando dele com a devida higiene, de modo a que lhes possa dar o máximo prazer possível, de modo a que seja projectil da sua imagem pessoal, ou seja, a imagem do sujeito é o seu corpo, manipulado, moldado, rejeitado. Sim, estas noções têm um pouco a ver com biopolítica, porque enquanto a sociedade gira em torno da ideia do que é o não socialmente aceitável (nos termos do politicamente correcto), há certos elementos que rejeitam a ideia de sociedade reafirmando uma individualidade, muito norte-americana, que tem a ver essencialmente, com a projecção telemática de fragmentos da sua mente no corpo social. Vítima sacrificial? Bode Expiatório? Sim, todos, mais ou menos todos, se oferecem, querem morrer, de certo modo agonisticamente, em nome de uma estética do prazer, em nome de uma estética da estética, patente na moda, na publicidade, em slogans televisivos ou virtuais. Por outro lado, os dispositivos móveis acabam por fazer esquecer a ideia de natureza e biodiversidade, enquanto se repara por exemplo, que o salvamento de doze miúdos na Tailândia foi reportado durante uma semana inteira, a par do Mundial de Futebol... Não podiam fazer o salvamento sem câmaras? É que as câmaras, muitas vezes, atrapalham. Isto é muito americano, no geral: tudo se patenteia, tudo se exhibe, em nome de quem? Da humanidade? Voltamos à ideia inicial alinhavada atrás: estamos sós e isso gera perversões

de vária ordem, políticas e psis de várias formas. A humanidade não tem inimigos e une-se ela mesma num colete de forças, vê-se a ela mesma perante a morte e a agonia de uma esperança com a qual só os pessimistas aprendem a lidar... No fundo, nesta cidade, acho que me tornei Deus, um deus, talvez porque saiba tudo, veja tudo, perceba tudo e a minha presença seja avassaladora, conquanto, apesar das volições, ou sobretudo por isso, entrei no inconsciente colectivo. Isso é de tal modo avassalador e desgastante quanto maravilhoso e admirável quanto o próprio Deus, tanto quanto eu o concebo. Em Roma sê romano e em Lisboa, alfacinha, mesmo que tal implique solidão e invisibilidade...as relações são frustes, intensas e etéreas. A cama não estava propriamente feita, o meu espírito modular, medular, modulado, já não grassava pela cidade como Quixote na planície andaluz, aprendia o valor de mim mesmo e dos elogios, não perdia isso de vista, sabia perfeitamente, quase cientificamente, onde estava, enquanto o carrossel da vida me seduzia mais e mais e experimentava a sensação de não desejar com tanto nervo, a impressão de esperar, pois afinal a sociedade é de mercado e tudo se resume ao valor, não tirando a isso a sua componente espiritual. Precisava de mais e mais, como Ronaldo, porventura, sabia que o meu irmão talvez fosse superior a mim enquanto gestor, sujeito eminentemente prático, mas eu ganhava em riso e espontaneidade. Talvez por isso tivesse escolhido Lisboa

para minha cidade -e isto não é forma alguma de encantamento- para minha cidade, porque as coisas, as pessoas, as ideias, fluíam lentamente, prazerosamente e assim a corrida sabia bem, muito mais do que a dor insistente de ter inimigos, de não copular há mais de cinco meses, tudo bem, deita-se fora, vê-se umas coisas e tudo reaparece e aparece quando necessário, vai-se a uma igreja, a um cemitério e chora-se, afinal, o sentido da superação está guardado desde sempre no âmago de nós mesmos, porventura da nossa alma. Em termos termos, descubro uma forma de ser português, vinda do desde sempre, ainda que criticando revoltado, muita coisa -o sistema, as relações fáceis- talvez devido à minha situação profissional, no inactivo, desculpando-me com a escrita e desistindo de aprofundar Nietzsche, pois para mim tornou-se datado, apenas um autor que usei e do qual abusei. Aprendo saber que há academias, locais onde se pratica e entabula a diatribe e eu mesmo tenho uma alma académica em mim e sei que o trabalho académico (nestas áreas que exploro, sobretudo) é do mais saturante e enoyante que há. Outros descubrem sempre saídas. Eu não, ando às voltas até que puxo uma flecha como Dádalo, depois de ter sido Aquiles e ter visto os olhos lívidos e chorosos de Calíope. As pessoas não choram a maus olhos, pelo menos no autocarro, no metro. Aproveitam os espaços públicos para ler, para falar, para rir, para namorar e comerciar. Contudo, nunca, mesmo contando com a época de Dom

João V, se viveu tão bem quanto agora, destes dias, nestas horas, nestas fracções que intimamente consentimos olhando uns para os outros de olhos bem abertos. Cinema? Claro. Ficção? Porque não? Não se trata apenas de um mecanismo de autoregeneração psicanalítica, libidinal. Por isso é que o mercado funciona, porque o ser humano nunca deixa de desejar, seja eroticamente seja espiritual. Desejar..em todos os sentidos, como se o seu corpo fosse tamanha aritmética que mete medo ao mundo, estando n' Ele contido o Mundo...

Hã, Pá?!

“Não vales nada”, disse o tipo ao pé da namorada quando passei por eles. Nada fiz, prossegui na passagem, e mais tarde, agora, apetecia-me voltar lá e zancar no gajo. É complicado alguém entusiasmar alguém em Lisboa, sobretudo porque a maior parte está tentando mostrar à outra parte que é alguém. As prisões psíquicas, sob a forma de aprisionamento face ao mundo, têm a ver com a criação de uma separação dele, ora por ser agressivo ora demasiado bela, que criamos muitas vezes de forma a segurarmos em privado a felicidade, o bem-estar e a formalidade do porvir. Não sei o que dizer, as coisas saem-me tao certas no meu pensaemnto que pessoasque encontro e desencontro acabam por restar na minha mente tão distantes quanto próximas. Antropólogo passa mal, elas querem o tolo. Curioso: só me senti bem em conventos, seminários, morgues e cemitérios, no estertr da vida biológica. Talvez por isso tenha de procurar sentir-me melhor com os grupos e a inevitabilidade do estar. Afinal, Vida e Morte são apenas conceitos realidades que têm a ver com qualquer coisa que se vai passando, como um agradável cigarro e um pouquito de Grants num copo de lavar os dentes. É agradável ser-se primitivo. A modernidade é isso e mais.

No final de contas, passava em Lisboa por americano, mais que americano, digo eu para pra provocar, o segredo está afinal num lugar deserto, quanto mais falas por é, regressas a Saramago e pedes um Prémio, s sorte , de outra maneira não estarias aqui. Sim, talvez não tivesse miúda, ou talvez tivesse uma verdadeiramente especial, não precisando de grande esforço, ou de ir aos Estados Unidos arranjar uma. Tudo passaria, os cinco meses chegavam a seis e eu procurava ter calma, ainda mais, talvez fosse isso segredo, esperar, desesperar, sentir. Por vezes, andamos inundados de livros, cheios de conceitos na cabeça e não percebemos as coisas simples, o mundo é tão patente como mundividência que nunca nos chega nada e tudo, temos tudo e talvez a morte do sujeito seja uma forma de libertação, a preparação, tal como o é a biografia, para uma outra etapa, noutra corpo, noutra ou na mesmo dimensão e a vida em felicidade seja um ritornello perpétuo, um movimento perpétuo (Carlos Paredes), mas isso já estava des-coberto na Idade-Média, sim, temos tantas fontes, influências, referências bibliográfica que ficamos chanfrados, quando bastaria pegar na Bíblia dos Capuchinos ou na de Jerusalém para fazer estribilhos na mente desajeitada. Isso é a firma, o mundo está patente, cabe-te a ti discernir, escolher, apostar, aceitar, comprometeres-te com ele ou com uma parcela dela. Depois, os dias passavam cada vez mais andrajosamente, uns atrás dos outros como carruagens de comboio, entre mercadorias e

passageiros, numa viagem tão ajuizada quando desconexa da realidade, onde apenas os carris se desconjuntavam em direcção ao céu estela, sim, esta vida, o que é esta vida senão uma viagem de avião, sejeita a pressões e alívios de diversa ordem? Assim, também, eu procurava pensando em qualquer coisa de ocidental, accidental, fora dos meandros da marginalidade que ao desrazoamento conduz, numa forma entabulada de levar a vida para a frente. De certo modo, estou tão além, noutra lugar, quanto estou aqui, pois enquanto estou aqui é lugar de sensações e apegos. Levava uma vida semi-obscena, por isso é tão importante a parapsicologia, que começava a estudar e a sua relação com a força física e psíquica, não tinha vontade ou pachorra para convencer académicos, mas devia e haveria de o fazer, mais cedo ou mais tarde, em nome de uma certa coerência e consentaneidade do saber. Sim, conduzia a minha vida semi-obscena, entra a literal lateralidade do estar, do amar, da forma social das coisas, mais ou menos cumpridas na forma de orgiásticos seres que se misturam e des-conduzem... Sim, sentia que há bastante tempo, um ano ou dias, havia passado o tempo de depressão pós-tese, já não pensava nela, mas de certo modo continuava a produzir qualquer coisa, enquanto muitos publicavam tudo e mais alguma coisa nos diversos géneros, por vezes demasiado facilmente. Sentia diversos pensamentos maléficos a propósito do meu amigo Danny, mas procurava superar tudo isso pensando, sentindo... Pensando

telepaticamente com ele e dando-lhe força, para que se tornasse calmo e saboreador da vida, como eu, de modo a reconhecer o valor das conquistas, anos de ensino, de modo a pudesse prosseguir a sua vida, como eu procurava fazer. O meu esquema era muito simples, claro que queria viajar, mas tinha as minhas bases em Lisboa e Riachos, tirando sempre onde nada havia, sem reconhecimento social algum, sem dinheiro, insultado e visto por toda a parte e por todo o lado, quando nunca fora preparado para tal. Doía-me bastante estar sózinho, depois da fugaz relação com Poulain e do romance com Lilly, conhecia agora uma mulher bastante mais interessante em Leiria, que era de Pombal e que fora minha colega na escola secundária. Talvez uma mulher que eu sempre havia amado, não pressentindo em termos de consciência, qualquer coisa como tal. Estava entre viver esse amor, não forçando, e andar de mulher em mulher, de porto em Porto, sempre insatisfeito, como um anjo vingador de qualquer coisa que não sabia bem o que seria. Portanto, seria considerável pensar-se porque nascemos, se a própria fatalidade do viver é uma mera circunstância na dimensão espaço-temporal, em termos relativos, não seria desse modo importante julgar ainda bem que vivemos pois entrelaçados uns nos outros assim nos tornamos imortais e se vivêssemos para sempre como sempre vivemos a biografia seria certamente muito mais chata, sendo que é complicado caminhar com os pés chatos. Claro que pensava que o próximo livro seria melhor, mais altruísta e

intrigante, cheio de personagens e com mais filosofia, académica ou usual, que este já estava acabando enquanto em Riachos havia patanistas no fim de semana e eu teria de convidar Meme para vir ter comigo, é óbvio, teria de ter muita paciência, o meu copro desarticulava, a barriga e a corcunda aumentavam consideravelmente e só bem arranjadinho, no vestir, no cabelo e no rosto eu seria extraordinariamente bonito e atraente. Nesses dias, bebia um pouco de álcool e procurava apaixonar-me de novo, seria fácil ir gastar dinheiro numa mulher, não havia falta delas, mas eu estava num registo consideravelmente diferente, em certo sentido superior, embora não considere intelectual e esteticamente haver pensamentos nobres, elevados, que os há, só porque há os maus e merdosos, portanto uns estão de certo modo dependentes dos outros e tudo é matéria de pensamento, no mundo e antes mesmo de os pensarmos, nos termos da relação do in-consciente. Ali, ainda em Riachos, estava como que preso e ao mesmo tempo livre, preso pela história e rotina, por certas pessoas, livre pelo conhecimento e das regras sociais e comunitárias, quase religiosas, do lugar, da aldeia. O que era ser normal? Não podia ser eu mesmo, independentemente das situações, das necessidades, das coisas entre as pessoas que se sucediam, quando a minha irmã me dava pontapés e descarregava todo o seu stress sobre mim, a pretexto de me ajudar economicamente, mas tudo bem, eu aguentava bem com tudo isso, o amigo Danny deveria estar bem

pior, estava triste pelo falecimento do pai eu quando estivesse dir-lhe-ia para fazer uma viagem, afastar-se um pouco, para poder voltar e continuar a sua vida, não era o fim e se fosse o fim é sempre sinal e oportunidade de um recomeço, seja para nós seja para os outros. Sim, era absolutamente penoso pensar pela própria cabeça num Portugal desses tempos da pós-verdade, não que fosse proibido, mas as consequências de tal seriam na maior parte das ocasiões o ostracismo, a troça, num pequeno país onde todos se conhecem e nem todos se unem facilmente, a história recente mostra que não são frequentes os momentos de coesão social em favor de uma causa, como no caso da Questão de Timor, na candidatura de António Guterres à ONU, nos temas e causas desportivas. Mas o pensar por si próprio, traz frutos, em Portugal, mais tarde ou mais cedo, ou seja, quem está na ponta da filosofia num tempo, mais adiante poderá estar a comendar o barco, poucos homens (cosmos) como esses surgem na história das nações e tudo acontece, mais tarde ou mais cedo, ainda em vida do escritor, ou após a sua morte. Em tudo isto, a propósito destas considerações, será que poderia vir a ter uma relação com Meme? Desejava um corpo e ela era esse corpo. Mas tinha alguns pruridos, ou seja, ela era uma antiga colega de escola que de certa maneira encontrei recepscaga da minha memória, no facebook e receio bem que a amava perdidamente, e queria convencer-me de que sempre a havia amado, por mais ou menos homens tivesse ela

tido. Como seria a sua voz? Ele sentiria que espécie de atracção por mim? E se sentisse, levaria a cabo os seus intentos, se os tivesse realmente, ou não tivesse pressa alguma e proteleria um encontro para mais e mais adiante? Não me havia dado o número de telefone nem se comprometera a um encontro, "um destes dias", havia dito. Mas certo é que conversava agradavelmente com ela era dona de uma boa cultura e curiosidade intelectuais, gostando tanto de filosofia q uanto de cosmologia. E esse factor era um sinal para mim, pois as conversas, aquecendo, dão em tudo e mais alguma coisa...Assim, o verdadeiro livro é o que se anula a si mesmo e deixa espaço à vida, não do autor, que está sempre mirabolante, mas à dos outros, de outros livros, de outras diversas e apaixonates discussões, louco, eu?, sim talvez, mas amando mais o mundo que a mim mesmo e talvez mais do que a vocês porque tenho a medida certa da inexactidão das coisas e das loisas e decerto sou um tipo atinado demais, talvez por isso não tenha amado uma mulher ao ponto do casamento, compromissos sociais e afina, talvez por isso esteja na Fifht Avenue por uns tempos, entre mendigo e miliário, entre a CIA e a Igreja Evangélica de toda a ordem. Porque vejo tipos tão segurados e ao mesmo tempo tão atribulados que me perturba, sim, porventura não vingo aqui porque não me quero comprometer com coisa pouca e talvez tenha ou seja uma certa consciência do mundo. Private Emotíon? Sim, emoção do mundo, o meu corpo estará

anestesiado pelo sono e eu teria conquistado muito, pouco do ponto de vista metafísico, apenas gosto gosto de escrever, isso dá-me prazer, brincar com a mente que é e não é minha, é do social e do psicológico...louco? Sim, perfeitamente louco, por razão das damas, francesas ou norueguesas, assim que atestamos uma infinidade de situações que nunca julgamos, como seja droga e tráfico, cinema ou carrossel futebolístico, a razão das coisas, se é que há alguma razão nas coisas, é não acontecerem, devia ficar por aqui, mas prossigo, nem sequer estou a destilar, entre dois sexo, dois buraquinhos, dois seios, na corporalidade das situações, na descoberta de um novo estilo, na espera de uma mulher, que se afastou para que pudéssemos sofrer, com uma gola de padre no pescoço, roupa católica no universo multiplácido de uma Nova Iorque que espera por nós talvez porque tenhamos desde sempre lá nascido. Sim, esperei por ti toda a minha vida, estou com um bocadillo de uísqui, não quero ir para a cama, nem sequer consigo dormir, estaria aepans aqui a falar comigo, não entendendo o mundo, quando sonho apenas singrar, continuar a correr pelas ruas de Lisboa, depois logo se vê, estou quase velho, decerto que estou cansado, mas continuo com forças para extirpar de mim mesmo o mundo que existe em mim, na minha humana vontade e modesta, quase religiosa humandiade, talvez esteja em Nova Iorque daqui a uns tempos, decerto que levo uma bagagem simples e não vou para o tráfico nem para o crime, apenas pela experiência, numa espécie de vampírica

experiência de conseguir sangue novo, até para animar os nova-iorquinos, que tentam, pensam e talvez até, pobres, tenham menos do que eu tendo muita coisa... Porque, de certa maneira, face aos colegas que fui encontrando, nas suas ambições académicas, foram sempre mais loucos do que eu, eu apenas fui um drone que dava a minha visão (*vision*) aos outros, m por isso me empurraram para fora e acho que ainda bem, para fora deles mesmos, das suas ambições e territórios, conquanto sabia que tinha muitos mais a conquistar, porventura um terreno no Oeste... Sim, não duvido que conquistei a universal maluquice de ser o mais conhecido, o mais falado, o mais famosos, mas não me poderão ouvir quando me conhecerem verdadeiramente, e fui eu que o disse, sim, já não estarei aqui, devido a quê?, talvez falta de atenção, que não foi falta de esforço de minha parte, que os malucos são aqueles que politicamente correctos afirmam e insistem na reiteração de certas ideias a respeito de si e do entendimento (erróneo) do mundo. No fundo, é o seu o mundo, só é verdadeiramente saudável o louco, porque foge da realidade, talvez para um lugar que habite, como seja o Paraíso, portanto, há uma certa forma de correcção ilegal na concretude legal das coisas e das pessoas, um eterno e extremamente cansativo (diálogo) conflito e relação entre normalidade e patologia. Não, decerto Deus não existe senão para nos chatear e pôr nervosos, a questão é política, tem a ver com o poder, o homem busca e persegue o poder, porque no

fundo se quer substituir à divindade. Mas, curiosamente, a divindade não tem poder algum, o poder é essencialmente carnívoro, posseccional, terriotorial e animal. Por isso o meu sobrinho não come carne, boa opção, este humanos são loucos, a maior parte delas ainda o são mais. Sim, o desejo deste homem é acabar o tanto quanto antes esta obra, au-delá da sua qualidade ou pressa editorial, gráfica, que o intento será ir para a grande maça onde se contam as contas, onde poderá libertar-se e exercer alguma força conducente ao reconhecimento pelo que lutou por aqui e tem consciência de ser bem sucedido porque afinal, de certo modo, já lá está, apenas ahaveria de traduzir as suas palavras e conceitos tanto terra-a-terra quanto filosóficos para a língua inglesa, isto sem grandes lançamentos ou vernissages, pois acredita que o mundo das literatura é uma podridão onde ninguém diz nada de geito e só se junta porque nada tem mais que fazer e é snob, não reconehce um Raúl Brandão, um Alves Redol, um Soeiro Pereira Gomes, uma fantasia que tanto anda por cá como por cá em termos da consciência necessára das coisas, indepentemente do lugar e da temporalização banal e leve leve-mente. Pois, prossigo, devia já ter acabado, hoje em dia é o momento que conta, não é Prof. Eusébio ou Ricardo, tolos, estarei no centro do mundo em poucos dias e de lá rebentará para sempre a minha maior capacidade que Cristiano, pois decerto ele a correr deixa-se ficar nos dois quilómetros, para ser bem generoso. Sim, estava no meio de

um vulcão de palavras e sons, espasmos e emoções, procurando acabar este livro, se fosse por mim já teria desistido, mais depressa iria foder a velha de Leira, mas tinha lá uma maluco maior, Meme, tão intelectual que me deixava ver o grelo, para o almoço. O amor, nem só o romântico, é sempre regressivo, tem essencialmente a ver com a insatisfação perante a satisfação do desejo, a ver, tem a ver como o passado e a incompletude dele mesmo. Nesse momento me apaixonei, noutra momento seguinte tudo acabou, porque afinal, cientificamente, as pessoas estavam saturadas da globalização. No dia seguinte, haveria patanistas em Riachos. Puxo de um cigarro em NY, são quatro da manhã, exactamente, pareco um tolo, Meme foi descansar e eu não sou capaz de compromissos talvez porque ande às voltas pelo mundo inteiro estando na minha cabeça sob a forma de diversos pensamentos todo o santo dia. Sim, talvez estivesse, desde cedo, fazendo sempre Filosofia, escrevendo segundo a cartilha de Saramago...

Epílogo

Sim, talvez só seja positivo quem terá passado grandes agruras e amarguras, do coração e do corpo, mesmo as da mente deixam-te ser um tipo interessante, interessado, operante, activo, útil, que ganha mais gosto de viver à medida que a vida avança, ou acaba. Nascemos para viver, não para morrer, mesmo assim, vivendo, estamos morrendo a cada instante, em regime de mortes percepçionais e percepçionadas pequenas, enquanto o sino dobra, o sol inunda a terra e regista-se um ponto de vista particular sobre os personagens, envoltos em situações as mais diversas que se pode perceber, patenteadas no espectro social dos aquilates translúcidos da troca de energias entre os corpos. Sim, ainda pensava no Danny, no recesso pela morte do pai, afinaléramos na aldeia dois parisienses, eu mais instantâneo e desbocado, ele mais

politicamente correto Entretanto, não fora a Leiria nesse dia, nem a Pombal, nem para Lisboa, não fora ter com a velha para dar uma razão adiantada da minha precipitação, e estava pensando em Meme quando olhava para mim, analisando o decorrer do meu próprio pensamento, juiz de mim mesmo e isto sufocava, mas de alguma forma eu viva através disso, de todas essas intrigas conuqanto muitas estivessem no écran do tele-visor, sim, a visão direta de qualquer coisa que está se passando à distância...Sim, talvez a melhor e única forma de viver, de sobreviver, de viver até aos noventa, será não nos matando-nos aos poucos, manter o interesse no mundo e, é desgastante, claro, gerar sentido para além da perda de sentido, porque o mundo não nos violenta se não deixar ehá uma sorte de compensações fortuitas em todo o amplo espectro social. Sim, decerto que o ser humano, quando o deixam sozinho, quando o abandonam, torna-se ora um monstro, ora um santo eremita. Quando está em grupo, no meio dos outros, acontece o mesmo. Ínvios os caminhos da racionalidade e, pela entabulação das relações, ardiloso tentar manter a saúde psíquica quando a tecnologia nos entra pelas veias como uma injeção que tanto pode fazer bem quanto mal. Ali estava, no mesmo Riachos de sempre, atravancado na família, isto nem Presidente da Republica para aguentar uma coisa destas, paciência, há quem não sinta as coisas, há quem as racionalize, Prestes faz as duas coisas, por isso tem de carregar um fardo de que só se alivia com a morte, enfim, há

gente para todos os gostos e as pessoas não são todas iguais, mas decerto e seguramente que não são todas diferentes, há pessoas bastante parecidas umas com as outras, a família é assim, acaba por se separar mais cedo ou mais tarde e seus elementos associam-se rancorosamente a outros membros, famílias, seres. Estarei parecendo vítima de alguma coisa? Porque é que suportando o fardo a coisa se torna insuportável para os outros? Será inveja? Mais cedo ou mais tarde um homem afirma-se, disse-me um colega perto do Cais do Sodré, enquanto pescava creio que tainhas. A gente é, de certo modo, para o que nasce, ou seja, o que vamos sendo e o que seremos tem a ver com uma combinação de vários factores na biografia, sejam genética, influências exteriores, capacidade de reflexão. Claro que há pessoas tão leves que não se preocupam com a biografia, ou mesmo com as letras, esses são aqueles que pegam nos meus livros não por um interesse genuíno mas para encontrar podres e merdekas que possam existir, a fim de xingar, sim, por cá, no nosso país, no meu e teu país, ainda há gente dessa, mais destrutivos do que construtivos. E temos um tempo tão bom que parece destoar com a mentalidade mole, pessimista, da maior parte das pessoas desta nação por estas alturas. E está o país crescendo economicamente, deve ser do ressentimento e impotência que tinham guardado durante muito tempo. Sim, resolvi construir, talvez a minha crítica social se tenha tornado nociva e venenosa para certas pessoas, mas estou

seguro que ajudou muitas a levantar a razão, porventura a sua razão. Mas sim, talvez a minha mãe e até o meu pai, na sua pureza, tivessem carregados de razão, eu estava levantando-me agora, depois de anos e anos de sofrimento, essencialmente da minha família, enquanto servia os interesses, digamos, da sociedade, havia alguma gente que me queria ver debaixo da terra, rapidamente e em força. Mas eu estava conseguindo muita coisa, talvez mais do que, por exemplo, um actor, pode conseguir, não só em termos de imagem na cidade, bem como um certo ar de seriedade e competência em termos da escrita, a que se juntava uma boa dose de talento, capacidade de sofrimento e resistência às críticas, enfim, havia que transformar estes anos todos de padecência mais ou menos sentimental, mais ou menos intelectual, a que as gajas não são alheias, transformar em algo de positivo, converter, construir, tomar conta de tudo o que sempre fora meu e de que eu não tinha consciência. As mulheres, que procurava desde sempre, estavam agora interessadas por mim, não só pelos bens, mas pela minha forma física, saúde psíquica, que começava a vir ao de cima e uma certa dose de simpatia e versatilidade, como diria Danny. Não me arrependia da vida que havia versado, pois os frutos estavam agora começando a aparecer, a seres destapados da escuridão em que haviam habitado, na minha mente, no mundo, noutras mentes. Sim, reparem, a sociedade, na compósito abarcamento dos seus sujeitos, estava enfatuada,

lembro da canção que oiço agora mesmo, de Rod Stewart, gosto mais da outra, "Some Guys have all the Luck", mas, nesta raridade de ouro que pulula no mundivisonamento das existências, não se pode ter duas coisas, mulher bonita e ser-se intelectual, aliás isso é seguro, pois a vida dos grandes génios, literários ou meramente cósmicos, actores, até, sempre foi tragicamente um vale de lágrimas, com olhos es-batidos e cabeças partidas, sangue jorrando para a berma da estrada devido a faltas de atenção oriúndas de certas e teimosas bebedeiras. Sim, o real des-enrolava-se ate os meus olhos e eu nada fazia, deixava-me estar como no Oceanário vendo peixões, não podia fazer nada, segundo a minha mãe, que limpava o vomitado dos dois lados da cabeceira da cama, como se tivesse vomitado com duas pessoas com que dormia, talvez umm casal, tava fodido, lixado, não podia fazer nada, parar o tempo, no entanto aprendia para replicar a realidade nos termos, noutros contextos, entre ciência, arte e filosofia. A questão essencial, neste contexto, é que certas vezes, é bom que não aconteça muitas, e vamos aprendendo com as cabeçadas, queremos fugir da realidade, por exemplo, os nossos problemas pessoais e familiares, falta de dinheiro, falta de apoio ou fama e encontramos subterfúgios, friestas metafísicas, para onde declinar e verter a nossa atenção, porque essencialmente, é o cérebro que comanda as nossas acções e pensamentos, mas ele é, a meu ver, orgânico e espiritual, portanto, funciona em articulação com os mais

diversos factores, pelo que não concordo com a ideia de dar ao cérebro a supremacia face ao corpo, em termos de sujeito (porque há também um cérebro social), sim, o ser humana evolui no meio evolvente através de um processo de regulação da atenção, dada, para ouvir e receber info, recebida para avaliar e conseqüentemente agir, pratica ou discursivamente. Mas o cérebro também age, a questão é tão bela quanto delicada, o facto de pensar já modifica a realidade, tudo se conserta e remedeia, como numa novela, tudo prosseguiu em forma e linha linear, não sendo o momento segundo senão uma replicação mais "rápida" do momento primeiro, anterior. Junto a isto a consideração de que Manu sabia viver a vida, tanto em Angola quanto em Portugal, aliás, a dupla nacionalidade não era por acaso, levei no entanto uma reprimenda do meu irmão devido a uma desconsideração minha face à minha irmã, tudo bem, acatei, continuaria a procurar emprego, estava cansado de escrever, mas continuava, até pelo menos debitar e evoluir esta obra, não tendo uma ideia clara da seguinte, talvez pegasse pela filosofia, revendo a tese, estudando um pouco de sociologia, talvez continuando a minha *Teoria da Sociedade...*

Sim, estou dando e fazendo um relato, uma narrativa mais ou menos poética, talvez devesse fazer alguma poesia, mas como me sinto inspirado por inventado um género, não tendo estudado literatura em termos superiores, continuo também ilustrando este papel com personagens, situações,

normatividades e abusos, tudo pensado, mastigado, prensado, falando de alguns lugares também e acontecimentos, sim, talvez esteja preso a mim mesmo e não consiga libertar-me de mim para falar dos outros, sejam personagens fictícios, reais ou mediamente etnográficos, talvez esteja preso a mim mesmo e falando de mim falo do Outro, do outro que sou e não sou, que represento, que se mira face ao espelho e vê um homem tão feio quanto demasiadamente bonito, carente, pretendendo uma dama para passar mais do que uns dias, portanto, a questão é superar o recorde de oito meses com, Lilly. Esta obra acaba com uma notícia, tenho em vista duas miúdas, uma em Riachos outra em Leire (sim, Leire seria na verdade outra mais), amabas são solteiras, mães solteiras, e têm um filhote cada, de modo que o meu sonho de ser pai poderia cumprir-se nessa medida. Os fantasmas da homossexualidade estavam de todo quase afastadosse eu entrava num mundo mais ou menos prolífico, prolixo, cheio de códigos, mensagens, sinais, à la Baudrillard nos termos de uma semiologia do quotidiano que se oferecia aos meus olhos e sentidos. Sim, tinha de pensar nisso, esquecer o futuro, ele que se me oferecesse, devia concentrar-me no presente e vivê-lo intensamente. Não tinha várias coisas, como já apontei, mas tinha muitas mais e seria com essas que iria viver.